

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAROLINA PASSOS BOSSE

A IMPLICAÇÃO DO FATOR QUANTITATIVO E DAS ALTERAÇÕES DO EU
NA DIREÇÃO DE CURA ANALÍTICA

CURITIBA
2012

CAROLINA PASSOS BOSSE

A IMPLICAÇÃO DO FATOR QUANTITATIVO E DAS ALTERAÇÕES DO EU
NA DIREÇÃO DE CURA ANALÍTICA

Dissertação apresentada como
requisito parcial à obtenção do grau de
Mestre em Psicologia, no Programa de
Mestrado em Psicologia, do
Departamento de Psicologia, do Setor
de Ciências Humanas Letras e Artes,
da Universidade Federal do Paraná.
Linha de pesquisa: Psicologia Clínica

Orientação: Prof^o Dr. Vinicius Anciães
Darriba.

CURITIBA
2012

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9º/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Bosse, Carolina

A implificação do fator quantitativo e das alterações do eu
na direção de cura analítica / Carolina Bosse. – Curitiba, 2011.
129 f.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba
Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Freud, Sigmund, 1856-1939. 2. Lacan, Jacques, 1901-
1981. 3. Psicologia clínica. 4. Psicanálise. 5. Self (Psicologia).
6. Cura. I. Título.

CDD 150.195



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia
MESTRADO EM PSICOLOGIA



CAROLINA PASSOS BOSSE

“A IMPLICAÇÃO DO FATOR QUANTITATIVO E DAS ALTERAÇÕES DO EU NA DIREÇÃO DE CURA ANALÍTICA”.

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do Título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR — Universidade Federal do Paraná, e APROVADA (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora abaixo assinada.

Prof.º Dr.º Vinicius Anciães Darriba
Universidade Federal do Paraná
Professor Orientador

Prof.ª Dr.ª Angélica Bastos de Freitas Rachid Grimberg
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Professora Titular

Prof.º Dr.º Mauricio José d'Escragnolle Cardoso
Universidade Federal do Paraná
Professor Titular

Curitiba, 30 de março de 2012.

AGRADECIMENTO

Ao prof. Dr. Vinícius Anciães Darriba pela dedicação depositada neste trabalho e pela liberdade que me confiou no desenvolvimento deste percurso.

RESUMO

Essa dissertação de mestrado tem por objetivo investigar a origem e as implicações clínicas dos dois grandes obstáculos à análise, elencados por Freud em seu último texto dedicado à técnica, “Análise terminável e interminável” (1937), onde o autor define o fator quantitativo das pulsões e as alterações no Eu como os principais entraves encontrados na clínica. Para tanto, esta dissertação propõe-se a uma investigação, na obra freudiana, dos motivos que justificam esta eleição, bem como dos meios, propostos por Freud, para sua possível superação. Desta forma, este trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro deles situa as questões concernentes à direção de cura freudiana e às exigências do fim de análise. O segundo e o terceiro capítulo exploram as conseqüências clínicas envolvidas nos dois obstáculos referidos por Freud e historiam as origens destes apontamentos na obra freudiana. Por fim, a conclusão desta dissertação lança um debate acerca dos meios pelos quais estes avatares clínicos poderiam ceder para o sucesso da cura analítica.

Palavras-chave: Freud, Lacan, cura, fator quantitativo, alterações do Eu.

ABSTRACT

This master degree's dissertation has the objective of investigating the origins and the clinical implications of the two biggest obstacles to the analysis, referred by Freud in his last text dedicated to the technique, "Analysis terminable and interminable" (1937), where the author defines the quantitative factor of the instincts and the ego alterations as the main clinical barriers. Therefore, this dissertation proposes to investigate, in the Freudian works, the reasons that justifies this election, as well as the ways, proposed by Freud, for its possible overcoming. For that reason, this work finds itself divided in three chapters. The first of them situates the questions over the Freudian's cure direction and the requirements involved in the end of an analysis. The second and the third chapters explores the clinical consequences involved in the two obstacles referred by Freud and historiates the origins of these notes in the Freudian's work. In the end, the conclusion of this dissertation sets a debate over the ways which these clinical avatars could waive to the success of the analytical cure.

Key-words: Freud, Lacan, cure, quantitative factor, Ego alterations.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERMINÁVEL: A DIREÇÃO DE CURA EM FREUD.....	14
2.1 Dos antecedentes: a escolha pelo método analítico e suas inflexões sobre a direção de cura.....	14
2.2 Análise terminável...e interminável.....	19
2.3 Elementos e obstáculos para uma metapsicologia.....	24
2.4 As resistências do Eu e as resistências do Isso no processo analítico: o aparelho sob a égide da pulsão de morte.....	29
3 A TEORIA DAS PULSÕES: da energética ao mais além do princípio de prazer.....	36
3.1 Economia psíquica: o fator quantitativo e a formalização do conceito de pulsão.....	36
3.2 Do narcisismo à destruição de si: fundamentos para um novo dualismo pulsional.....	46
4 AS ALTERAÇÕES NO EU: da divisão ao fantasma.....	64
4.1 Da divisão à defesa.....	64
4.2 Eu ideal, Ideal do eu e Supereu.....	76
4.3 O fantasma masoquista.....	91
5 CONCLUSÃO.....	112
REFERÊNCIAS.....	123

1. INTRODUÇÃO

Em *Análise terminável e interminável* (1937), Freud apresenta uma concepção de cura que ultrapassa as intenções de restabelecimento do doente, não mais se restringindo à queda das patologias de caráter neurótico. Trata-se de uma visada de cura que se enunciava já desde o abandono da hipnose em favor da adoção da associação livre como método analítico, método este que permitiria à psicanálise não apenas a remissão sintomática, mas aceder à causa da neurose.

No entanto, ainda que possamos observar a vigência desta direção tanto na compreensão dos conceitos psicanalíticos quanto no relato de análises de sonhos e de casos clínicos na obra freudiana, esta concepção de cura que o autor define como sendo mais ambiciosa (1937/2006) por visar uma mudança profunda na personalidade psíquica, vem a ser formalizada apenas no texto *Análise terminável e interminável*, texto este que se revela fundamental à prática analítica, pois nele Freud discorre sobre os fundamentos de sua de direção de cura – tema que me conduziu inicialmente a esta pesquisa.

O fato de o referido texto freudiano ter sido escrito dois anos antes da morte de seu autor, e de ser um de seus últimos escritos a se dedicar sobre reflexões acerca da técnica e da prática analítica, credita-o as especificidades de um verdadeiro legado às reflexões do conjunto de sua obra e às implicações desta na prática clínica. Razão pela qual o texto *Análise terminável e interminável* é eleito como ponto de partida para o presente trabalho, já que nele Freud se debruça sobre um balanço dos alcances e limites que constatava na cura analítica a partir de reflexões sobre suas compreensões teóricas e sobre casos clínicos que tiveram curso há mais de trinta anos da ocasião, verificando, por meio deste apanhado, o que configuraria sua compreensão de cura, bem como os obstáculos impostos a ela.

No referido texto, Freud faz uma distinção entre os objetivos terapêuticos que se incluem na psicanálise daqueles que poderiam ser

considerados puramente¹ analíticos, num exercício para a formalização do que aspiraria enquanto concepção de fim de análise. Tendo em vista um extenso apanhado de entraves que recaem sobre os esforços analíticos, Freud cerne entre eles três grandes obstáculos que refere como decisivos para o sucesso de uma psicanálise. São eles: a influência traumática, a incidência do fator quantitativo das pulsões e as alterações desfavoráveis no Eu.

Entre os três avatares sublinhados, Freud traz especial relevo às implicações do fator quantitativo das pulsões e às alterações no Eu, ao comentar que, ainda dentro deste quadro, a incidência traumática ofereceria “de longe, o campo mais favorável para a análise” (Freud, 1937/2006, p.236). Seguiremos os passos freudianos, nesta dissertação, atendo-nos aos dois obstáculos que confeririam, segundo o autor, os entraves de maior porte à direção de cura.

O primeiro deles, o fator quantitativo, refere-se à soma de excitação, como um quantum excessivo de energia livre que acarreta na formação de angústia desde os perigos que infligem ao psiquismo, tendo em vista o princípio de prazer, derivado de um princípio de constância. Já as alterações no Eu seriam modos típicos de defesa que o eu constrói a fim de conter os excedentes pulsionais. No entanto, estas defesas que se erigem em um tempo constitutivo do aparelho passam a ser modalidades de caráter, posto que se fixam no eu, perdurando por toda a vida. Freud observa que estas alterações chegam a fundamentar a promoção de uma espécie de busca pelo reencontro de situações, na vida presente, que evoquem as ameaças primeiras que as fundaram, de modo tal a justificarem a permanência de sua atividade, ainda que na contramão do princípio de prazer. Observamos assim uma implicação mútua destes termos, uma vez que a tendência a vivenciar, novamente, experiências desprazerosas do passado, a fim de cultivar a permanência destas modalidades de defesa, implica, portanto, uma nova inflexão do fator quantitativo sobre o psiquismo.

Em *Análise terminável e interminável*, Freud busca cernir um conjunto de resistências atribuídas ao Isso e um conjunto de resistências atribuídas ao

¹ Me utilizo do termo “puramente” evocando a distinção lacaniana em que o autor, na composição de sua escola, refere à seção de “psicanálise pura” as incumbências de reflexões sobre a clínica e a didática. (Lacan, 2003/1964, p.236).

Eu. Porém, o autor ressalta com especial importância as resistências ao tratamento oferecidas pela pulsão de morte. Trata-se de resistências que se estenderiam por todas as instâncias do aparelho de modo indiscriminado e somando-se, portanto, à dinâmica implicada na topologia psíquica, potencializando os efeitos de resistência ao tratamento. É o que leva Freud a definir as ações da pulsão de morte na clínica como “uma força que se está defendendo por todos os meios possíveis contra o restabelecimento e que está absolutamente decidida a apegar-se à doença e ao sofrimento” (Freud, 1937/2006, p.259).

Desta forma, podemos concluir que este apanhado de fatores, acima descritos, culmina em profundos desafios ao sucesso analítico e aos esforços da direção de cura - da qual o psicanalista está incumbido. Esta dissertação, portanto, pretende discorrer sobre esta conjunção de fatores, e investigar o porte das resistências que os mesmos oferecem à análise; de modo a aceder à avaliação feita por Freud, nos últimos anos em que dedicou a sua obra, ao nomeá-los como os mais imponentes obstáculos com os quais a clínica psicanalítica já se deparou.

Isto posto, e versando sobre os dois obstáculos descritos por Freud - o fator quantitativo das pulsões e as alterações no eu – desde as influências da pulsão de morte que neles operam, esta dissertação tem por objetivo investigar em que medida estes elementos oferecem dificuldades à concepção de cura proposta por seu autor. No entanto, pelo fato já referido de que a obra freudiana não avança nas investigações estabelecidas neste texto, esta dissertação tomará seus esforços de pesquisa desde um caráter retrospectivo na obra de Freud, debruçando-se, portanto, sobre os motivos e fundamentos para eleição deste conjunto de obstáculos e as razões que levaram seu autor a enunciá-los como sendo os de maior importância no curso de uma psicanálise. Para tanto, proponho uma revisão bibliográfica que busque assentar uma melhor compreensão do porte destas questões, resultando numa investigação que se atenha às evoluções conceituais que levaram Freud a colocar estas dificuldades em foco no fim de sua obra, de modo a embasá-las e justificar sua relevância à luz do conjunto da obra freudiana.

Tais dificuldades compreendem obstáculos particularmente implicados nas análises didáticas em que a cura se caracterizaria pela construção de um

estado psíquico não apenas liberto de patologias, mas radicalmente singular, fruto de uma mudança radical que surge como efeito conseqüente do *interminável* ao que o estado analisante se lançaria. Assim, diante da não superação dos entraves clínicos promovidos pelo fator quantitativo da pulsão e pelas alterações no eu, a condução de um tratamento por parte do analisante em questão, enquanto praticante, estaria comprometida terminantemente. Deste modo, podemos concluir que os fundamentos desta temática incluem-se a partir de uma perspectiva ética nas reflexões sobre a clínica psicanalítica.

Para nos auxiliar nestes objetivos, os escritos de Jacques Lacan - leitor atento de Freud e particularmente interessado nas questões referentes ao fim de análise e formação do analista - também serão utilizados nesta pesquisa, com o intuito de aceder a uma maior compreensão das questões lançadas em *Análise terminável e interminável*. Lacan é inserido neste trabalho na qualidade de um autor de especial importância pelo curso dado às suas próprias pesquisas, que tomavam como objeto de investigação a prática analítica mantendo-se atrelado aos ensinamentos freudianos. Seus escritos nos auxiliarão a desdobrar as questões colocadas por Freud em nosso texto base, já que segundo Lacan,

“podemos cerrar de maneira mais precisa o que se chama *análise didática* – essa práxis, ou essa etapa da práxis, deixada, por tudo que se publica, completamente na sombra – e trazer alguma luz concernente a seus fins, seus limites, seus efeitos” (Lacan, 1964/1985, p.13).

Pelo fato de permanecer, ao longo de sua obra, fiel à pergunta “o que uma psicanálise ensina?” (Lacan, 1966/1998g, p.438), atendo-se a reflexões sobre a situação do psicanalista em sua época, Lacan debruçava-se com particular zelo e rigor sobre os conceitos psicanalíticos, extraíndo, desde os desvios que testemunhava na teoria por parte de alguns dos autores pós-freudianos, a necessidade de se dedicar aos escritos de Freud com a exigência que o acento clínico requer. De tal modo que, segundo Lacan, ao tomarmos a própria vivência clínica, “vimos que ela se esclarecia ao fazer dos termos em que Freud a definiu o uso que lhes convém, não como preceitos, mas como conceitos” (Lacan, 1966a/1998, p.461).

Desta feita, também nos apoiaremos nos escritos do autor francês ao longo dos quatro capítulos em que esta dissertação se desdobrará, sendo o primeiro deles destinado à exploração das questões elencadas no texto eleito, *Análise terminável e interminável*, como base e fundamento para as reflexões posteriores deste trabalho. Este primeiro capítulo também se destinará à contextualização dos obstáculos referidos desde a definição do caráter ‘terminável’ e ‘interminável’ de uma análise. Investiga, portanto, a conceituação de cura definida pelo autor, em suas obras anteriores, de modo a circunscrever o campo de resistências a ela, que o leva a concluir pelas dificuldades impostas pelo fator quantitativo da pulsão e pelas alterações no eu como definitivas para o sucesso analítico.

Os dois capítulos seguintes serão destinados à abordagem das especificidades conceituais implicadas em cada um dos avatares elencados por Freud. O primeiro deles é referente ao fator quantitativo, onde se desdobrará uma retomada teórica do conceito de quantidade, desde sua implicação na regência do princípio de prazer, culminando na construção da teoria pulsional freudiana, até a concepção de um mais além do princípio de prazer regendo o psiquismo. Para tanto, tomaremos como fonte para nossas pesquisas os principais textos freudianos destinados à temática, desde 1895 até 1923, para que possamos melhor compreender e embasar as dificuldades clínicas que Freud observa neste ponto.

O terceiro capítulo deste escrito é dedicado às reflexões acerca dos obstáculos impostos pelas alterações no Eu, e, portanto, se debruçará sobre o conceito de defesa e formação do Eu, levando em conta as declinações impostas pelo narcisismo e pelo Ideal na vida psíquica. Por fim, este capítulo investigará “as misteriosas tendências masoquistas do ego” (Freud, 1920/2006, p.24), que, sob as implicações da pulsão de morte e por meio das alterações no Eu, culminam em uma fantasia primordial, explorada no texto “*Uma criança é espancada*” de 1919, e que também será trabalhada neste capítulo.

O quarto e último capítulo desta dissertação se destina a um apanhado das elaborações anteriormente realizadas tomando em perspectiva suas implicações na direção de cura, bem como uma investigação da proposta de “amansamento” (1937/2006) das pulsões, enquanto uma das formulações estabelecidas por Freud para o fim de análise, o que se converteria em um

meio pelo qual a regência destas resistências contra a cura poderia vir a ceder. De acordo com a proposta freudiana, a pulsão seria posta “completamente em harmonia com o ego [...] e não mais busca seguir seu independente caminho para a satisfação” (Freud, 1937/2006f, p.241), numa alusão a um processo sublimatório. Portanto, Freud postula, como exigência para o fim de análise, uma retificação no campo econômico, e, conseqüentemente, no regime de satisfações pulsionais. Para tal, no referido texto, o autor discorre sobre os obstáculos que se impõem ao acesso a estes objetivos, e observa a escassez de dados teóricos que fundamentariam tal percurso.

Desta feita, nos ateremos, como objetivo deste trabalho, em nos dedicar às implicações envoltas nestas resistências à análise, acima citadas, e – num acréscimo em relação aos objetivos dos capítulos anteriores - aos meios pelos quais, segundo Freud, elas podem vir a ceder. Para estes objetivos, nos utilizaremos mais amplamente dos escritos de J. Lacan no último capítulo e na conclusão desta dissertação, já que o autor atém grande parte de suas investigações a estes temas.

2. ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERMINÁVEL: A DIREÇÃO DE CURA EM FREUD

2.1. Dos antecedentes: a escolha pelo método analítico e suas inflexões sobre a direção de cura

Nos estudos que antecederam o nascimento da psicanálise, Freud empregava na clínica da histeria - sobre a qual iniciava a construção de sua teoria - o método hipnótico desenvolvido pelo médico fisiologista Joseph Breuer. A neurose histérica era então compreendida como composta primordialmente de uma gênese traumática – esta invariavelmente de ordem sexual e que implicava, portanto, tal como lhe era relatado por estes pacientes, em uma sedução exercida por um adulto em um tempo remoto de suas infâncias.

Sendo assim, para a maioria dos sintomas histéricos as causas desencadeadoras deveriam residir em traumas psíquicos que não tiveram suficiente ab-reação, em geral por conta justamente da precocidade do episódio de sedução descrito. É por tanto que, nas histerias, as representações patológicas do evento em questão mantinham-se inconscientes com a acentuada intensidade afetiva que lhe era correspondente. O que levou Freud a concluir que “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (Freud, 1893/2006, p. 43).

Em *Estudos sobre a histeria* (1895), escrito por Freud com a co-autoria de Breuer, encontra-se a definição do método hipnótico empregado para o tratamento destes casos como promovendo um efeito catártico no paciente “ao permitir que seu afeto estrangulado encontre uma saída através da fala” (Freud, 1893/2006, p.52). Procediam então, como bem nomeara uma das mais famosas pacientes do Dr. Breuer, a “*talking cure*” (Freud, 1910/2006, p.30). Para tanto, o método hipnótico era executado de modo a submeter a representação traumática em questão “à correção associativa ao introduzi-la na consciência normal (sob hipnose leve) ou eliminá-la por sugestão do médico” (Freud, 1893/2006, p.52). No referido texto, Freud declara que cada sintoma era individualmente trabalhado em hipnose até seu desaparecimento, o que se

dava através da descrição do fato em seus detalhes por parte do paciente e mediante a intervenção sugestiva do médico promovendo sua extinção.

No entanto, se no mesmo escrito Freud anuncia o descobrimento do mecanismo dos fenômenos histéricos, também testemunha pela parcialidade do êxito terapêutico que obtinha com a sugestão. Observara a ação do tratamento recaindo unicamente sobre a queixa posta, e sem possibilidades de avançar além e tornar acessível aos conhecimentos de médico e paciente os motivos etiológicos para a instauração da patologia. Por conseguinte, a hipnose mantinha o núcleo causal da neurose intacto e preservado, realizando, portanto, uma intervenção parcial. Escreve Freud:

“não podemos ocultar de nós mesmos que isso só nos aproximou um pouco mais da compreensão do *mecanismo* dos sintomas histéricos, e não das causas internas da histeria. Não fizemos mais do que tocar de leve na etiologia da histeria e, a rigor, só conseguimos lançar luz sobre suas formas adquiridas – sobre a importância dos fatores acidentais nessa neurose” (Freud, 1893/2006, p.52-3).

Dadas as divergências entre suas concepções teóricas, a parceria entre Freud e Breuer se encerra logo após a publicação do referido material, e cinco anos após este ensaio, na carta 69, endereçada a Wilhelm Fliess², Freud confia-lhe as reviravoltas que, a partir de sua auto-análise³ ele próprio havia encontrado em sua teoria anunciando: “Não acredito mais em minha neurótica⁴” (Freud, 1950/2006, p.309). Isto, pois, notava certos empecilhos ao curso das análises desde o equivocado embasamento teórico que repousava na teoria da sedução e cuja crítica aponta a seguir: “em todos os casos, o pai, não excluindo o meu, tinha de ser apontado como perverso”⁵ (Freud, 1950/2006, p.310) e, de fato, não constatava como pertinente tal afirmação.

Deste modo, Freud põe-se a rever a hipótese do trauma operar como o exclusivo causador da neurose, e conclui que “no inconsciente não há

² Médico especialista em nariz e garganta, que por conta da excentricidade de suas teorias se tornara depositário da confiança de Freud em sua possibilidade de acolhimento ao pioneirismo da psicanálise.

³ É como Freud nomeava sua análise, o que, no entanto, é passível de questionamento por sua impossibilidade lógica, havendo então – baseado nos conteúdos de seus sonhos relatados em *A interpretação dos sonhos* (1900) e mesmo das cartas, rascunhos destinados a Fliess - concluído-se que era este o parceiro necessário no curso de sua análise - chamada por Lacan de “a análise original”. (Lacan, 1967/2006, p.258)

⁴ Sua teoria das neuroses.

⁵ Tal como na carta 52 (Freud, 1896/2006, p.281) a Fliess, em que propõe a histeria como sempre oriunda do contato com uma geração anterior perversa.

indicações da realidade, de modo que não se consegue distinguir entre a verdade e a ficção que é catexizada com o afeto” (Freud, 1950/2006, p.310). Esta nova compreensão abre campo para a descoberta da sexualidade infantil em toda sua plenitude como causada por ímpetus pulsionais, assim como para a concepção de realidade psíquica desde estas fantasias de sedução que recobririam uma pretensa posição passiva do *infans* no advento da própria sexualidade.

A constatação da prevalência das fantasias e dos conflitos pulsionais na neurose trouxe novas direções à teoria freudiana, e obrigou seu autor, por conseqüência, a desenvolver e empregar um novo método no tratamento das doenças neuróticas que abarcasse as reformuladas considerações. Os primórdios da teoria psicanalítica se caracterizam, por esta razão, pelo abandono da hipnose por parte de Freud, que, ao fazê-lo, já dava claros indícios de pretensões mais amplas concernentes à psicanálise⁶.

Baseando-se na observação clínica de um núcleo patológico que residiria para além do sintoma nos distúrbios neuróticos, o autor, então, desenvolve e estabelece a *associação livre* como método a ser empregado no tratamento destas doenças, de modo tal que se pudesse contemplar exigências agora mais vastas, abarcando o campo pulsional e a trama psíquica que aí se inclui.

Para tanto, Freud pedia ao paciente que assumisse o compromisso de relatar ao médico todos os conteúdos que lhe ocorressem à mente sem exercer sobre eles nenhuma censura ou restrição de valor moral, incluindo em sua fala - na ordem em que tais pensamentos, sensações ou sentimentos lhe ocorrerem - mesmo aqueles que se impusessem como insensatos, irrelevantes, inadequados ou que lhe causassem desprazer (Freud, 1924/2006).

Freud notara, a partir da experiência com a hipnose, que os fatos ocorridos e implicados na causação da doença apenas aparentemente estavam esquecidos. Pois, ainda que estes conteúdos estivessem afastados da

⁶ A respeito destas novas pretensões, recolho do texto *Sobre a psicoterapia* (1904), a alusão que Freud tece à terapia de Finsen para o lúpus, ao defender o método psicanalítico em sua promoção do que o autor chama de uma “cura radical” (Freud, 1905/2006, p.247) e, ao constatar a impossibilidade de “tornar a sugestão tão forte e sólida quanto seria necessário para obter a cura permanente” (Freud, 1905/2006, p.247), fundamenta o abandono do antigo método.

consciência, se mantinham ativos e operantes em outro campo, o inconsciente, e esta descoberta foi o que lhe permitiu prescindir de tal método. Esta constatação se somava à conclusão de que a sugestão “não elimina a resistência, apenas a evade, com o que fornece tão-somente dados incompletos e resultados passageiros” (Freud, 1905/2006, p. 239). Com a associação livre, em contrapartida, “tratava-se de fazer o doente contar aquilo que ninguém, nem ele mesmo, sabia” (Freud, 1910/2006, p. 38), de modo a revelar conteúdos recalçados e inconscientes para aceder ao porte e à permanência da cura que almejava.

A escolha pela associação livre, portanto, pautou-se no reconhecimento do valor das “idéias inintencionais” (Freud, 1904/2006, p.238), ao observar que estas guardavam em si a relação com a origem do recalque e, portanto, tornavam-se caras à psicanálise na medida em que preservavam em seu bojo a gênese do conflito entre as aspirações egóicas e as moções pulsionais que causavam a neurose. Portanto, a adoção de um método que contemplasse este campo indicava um novo caminho na doutrina freudiana para além da restituição do doente; isto porque, segundo o autor, “quando se dispõe de um procedimento que permite avançar das associações até o recalçado, das distorções até o distorcido, pode-se também tornar acessível à consciência o que era antes inconsciente na vida anímica” (Freud, 1904/2006 p.328) – e era este o novo horizonte que se impunha à psicanálise.

Os objetivos de Freud, portanto, já não se restringiam em demover o sintoma, mas sim em promover uma profunda alteração psíquica no analisante⁷. E nos textos em que introduz o novo método como sendo a via pela qual se alcançaria estas conquistas, Freud o defende pelo fato de ser “o mais penetrante, o que chega mais longe, aquele pelo qual se consegue a transformação mais ampla do doente” (Freud, 1905/2006, p. 246). O autor ressalta ainda a distância opositiva que se colocava entre a antiga técnica

⁷ O termo ‘analisante’ é empregado por Lacan pelo fato de que sublinha “o caráter ativo do trabalho do ‘analisando’ e destaca sua função no dispositivo analítico” (Cabas, 2008/2010, p.52). Ao referir-se ao termo, Lacan advoga que “Lo que quería decir era que en el análisis, la que trabaja es la persona que llega verdaderamente a dar forma a una demanda de análisis” (Lacan, 1975/1988, p.119). Sublinha, ainda, que esta posição ativa do analisante não exime o analista de suas responsabilidades na direção de cura. No entanto, “la persona que hizo esa demanda de análisis, cuando comienza el trabajo, es ella quien trabaja” (Lacan, 1975/1988, p.119). O termo analisante será usado nesta dissertação, ao invés de “paciente”, sempre que o contexto evocar a pertinência desta função.

sugestiva e a analítica em uma famosa analogia a Leonardo Da Vinci e suas duas técnicas artísticas: *per via di porre e per via di levare*, escrevendo, então, que “a técnica da sugestão busca operar *per via di porre*; não se importa com a origem, a força e o sentido dos sintomas patológicos, mas antes deposita algo – a sugestão” (Freud, 1905/2006, p.247). Por outro lado, o método analítico,

“não pretende acrescentar nem introduzir nada de novo, mas antes, tirar, trazer algo para fora, e para esse fim preocupa-se com a gênese dos sintomas patológicos e com a trama psíquica da idéia patogênica, cuja eliminação é sua meta” (Freud, 1905/2006, p.247).

O emprego da associação livre possibilitava à psicanálise, portanto, debruçar-se sobre o conflito pulsional que subjaz na origem do recalque e sobre as fantasias e produções do inconsciente que daí derivavam enquanto trama psíquica a fim de promover a mudança almejada. Se, por um lado, Freud postulava uma clínica que, para além do preenchimento de lacunas da memória e do esclarecimento dos efeitos enigmáticos da doença, pudesse alcançar objetivos ainda mais ambiciosos ao visar a etiologia das neuroses, por outro, a nova formulação o colocava diante de impasses igualmente mais exigentes. Escreve:

“trata-se de tornar o inconsciente acessível à consciência, que se consegue mediante a superação das resistências. Mas não se deve esquecer que tal estado tampouco se apresenta no ser humano normal, e que só raramente fica-se em condições de levar o tratamento a um ponto que se aproxime disso” (Freud, 1910/2006, p.239).

A dificuldade no caminho da psicanálise, por conseqüência, já não consistia mais na indução do paciente à hipnose, mas sim no vencimento das forças internas que se opunham à revelação do material esquecido e que, mantendo-se inconscientes, cultivavam também a permanência do sintoma e da condição neurótica do paciente. Desta feita, conclui-se que “a força que mantinha o estado mórbido fazia-se sentir como resistência do enfermo” (Freud, 1910/2006, p.39). Resistência esta que Freud pretendia desvelar com o emprego da associação livre, e que intuía se estender em declinações ainda mais sérias ao tratamento; uma vez que podia agora notar que “os doentes se aferram a sua doença, chegando em função disso a lutar contra sua própria

recuperação” (Freud, 1910/2006, p.247) – fato enigmático que lançava o autor em pesquisas ainda mais intensas a respeito dos caminhos para operar a mudança radical a qual ambicionava com sua psicanálise.

Assim sendo, Freud antevê um obstáculo em sua doutrina para além do deciframento dos enigmas incluídos nas formações sintomáticas, do desvelamento da cena traumática ou dos jogos de condensação e deslocamento das produções inconscientes. Tratava-se, antes de mais nada, de encontrar meios de sobrepujar limites ainda maiores, ou seja, as resistências de uma força psíquica que tornava imperiosa sua satisfação, ainda que ao preço do sofrimento do próprio doente e do fracasso na cura.

Estas são algumas das considerações a respeito dos objetivos e obstáculos que desde então pautaram toda a obra freudiana com respeito aos meios para atingir a devida consistência e permanência dos efeitos conquistados numa análise na busca pela construção de um novo estado psíquico - o que definiria uma nova visada de cura, posta mais além dos alcances do restabelecimento do estado anterior ao sintoma que se alcançava com a sugestão. Freud se dedicava a estas investigações tanto, e a tal ponto, que dois anos antes de sua morte ainda se debruçava sobre estas questões.

2.2. Análise terminável...e interminável

Em 1937 Freud escreve o texto *Análise terminável e interminável*, em que, numa espécie de balanço de sua obra, discorre sobre os alcances da clínica psicanalítica bem como sobre os obstáculos implicados na cura. É no cerne desta temática, e zelando pela diferenciação dos objetivos terapêuticos e analíticos, que o autor questiona no que então consistiria propriamente a terminabilidade de uma psicanálise. Discussão fundamental à prática analítica, pois versa sobre a direção da cura.

Do lado dos objetivos terapêuticos o êxito do tratamento estaria, segundo o autor, na superação de sintomas, inibições e anormalidades neuróticas. Para o cumprimento desta meta, se trataria igualmente do analista considerar advindo à consciência suficiente material reprimido – por meio de um trabalho de recordação e elaboração - a ponto de que a possibilidade do

retorno da mesma sintomatologia em questão se exaurisse. Para que neste primeiro momento tais objetivos se efetivem, a psicanálise visa transpor as resistências do eu a fim de preencher as lacunas da lembrança que foram censuradas.

Entretanto, é para além desta visada, mas sem que dela se possa prescindir⁸, que no mesmo escrito Freud avança, apresentando uma outra versão para o fim de uma psicanálise - esta concernente à didática, na qual o analisante em questão é candidato à prática. Por estar para além dos objetivos terapêuticos, Freud a considera ainda mais ambiciosa do que a primeira, pois, nestes casos, se trataria da análise exercer “uma influência de tão grande conseqüência sobre o paciente, que não se pode esperar que nenhuma mudança ulterior se realize neste, caso sua análise venha a ser continuada” (Freud, 1937/2006, p.235).

De acordo com o autor, nos candidatos à análise didática o intuito era o de erradicar, não somente a possibilidade do retorno do mesmo sintoma que outrora o levou à busca de tratamento, como de também exaurir qualquer outra propensão à doença através de uma profunda alteração de sua personalidade promovida pelo trabalho analítico junto às raízes de suas resistências visando o recalque original⁹.

Segundo Freud, trata-se da construção de um estado psíquico absolutamente novo, sendo a mais íntima reivindicação de sua teoria “o fato de que a análise produz um estado que nunca surge espontaneamente no ego e que esse estado recentemente criado constitui a diferença essencial entre uma pessoa que foi analisada e outra que não o foi” (Freud, 1937/2006, p.242).

Para tanto, o fim de uma análise incluiria entre suas exigências uma firme convicção na existência do inconsciente, a ponto de capacitar o analisante em questão “a perceber em si mesmo coisas que de outra maneira seriam inacreditáveis para ele” (Freud, 1937/2006, p.265), contando-se com que,

⁸ Como já postulava Freud em *Sobre a psicoterapia* (1905), não se trata aqui de “renunciar à psicoterapia [...] seja porque uma outra parte muito interessada no processo terapêutico – a saber, o doente – não tem nenhuma intenção de abandoná-la” (p.245)

⁹ Trata-se do recalque que dá origem ao aparelho psíquico pela instauração primeira de um representante pulsional atrelado a uma idéia. O recalque secundário (ou apenas recalque), executado pelo Eu, pauta-se neste primeiro momento mítico para exercer o afastamento da libido do representante inconsciente. O conceito será trabalho mais adiante neste escrito.

“os estímulos que recebeu em sua própria análise não cessem quando esta termina, com que os processos de remodelamento do ego prossigam espontaneamente no indivíduo analisado, e com que se faça uso de todas as experiências subseqüentes nesse recém-adquirido sentido” (Freud, 1937/2006 p. 265).

Desde então, uma análise alcançaria sua finitude nos objetivos terapêuticos, porém lançava-se ao infinito no ponto em que concernia à didática - *interminável*, nomeia Freud.

Ao refletir sobre o horizonte da cura no referido texto, bem como sobre os fundamentos dos aspectos que conferem a qualidade de interminável ao trabalho analítico, o autor constata o insucesso dos esforços que, desde uma perspectiva profilática, se apoiavam em recursos transferenciais a fim de garantir, de modo forçoso, o permanente afastamento de traços patológicos do psiquismo em vistas a abreviar o processo analítico, resguardando-se contra sua parcela de interminabilidade.

Tais artifícios se estendiam desde fixar limite de tempo à análise até a evocação de conflitos que não se encontram manifestos no analisante de modo a familiarizá-lo com a possibilidade de seu futuro advento. No entanto, Freud replica numa crítica a estes posicionamentos e, sobre os possíveis efeitos que estas práticas clínicas geram sobre o paciente, escreve: “aumentamos seu conhecimento, mas nada mais alteramos nele” (Freud, 1937/2006, p.250). Ou seja, Freud estava ciente de que o verdadeiro avatar analítico, que pode determinar o sucesso de uma cura, encontrava-se resguardado dos esforços de expansão da consciência inclinados à psicologia do eu.

O autor elucida as declinações da afirmação anterior numa passagem em que traça uma analogia entre as teorias sexuais infantis e as fantasias que operam nas neuroses, defendendo o fato de que os esclarecimentos prestados por adultos a respeito dos mistérios da sexualidade não se reverterem, necessariamente, em retificações no imaginário infantil:

“é claro que o efeito profilático dessa medida liberal tem sido grandemente superestimado. Após tais esclarecimentos, as crianças sabem algo que não conheciam antes, mas não fazem uso do novo conhecimento que lhes foi presenteado. Viemos a perceber que sequer têm grande pressa de sacrificar, a esse novo conhecimento, as teorias sexuais que poderiam ser descritas como um crescimento natural e que elas construíram em harmonia com sua organização

libidinal imperfeita, e na dependência desta” (Freud, 1937/2006, p.250).

Freud mostra, por meio desta anedota, que, tal qual as teorias sexuais infantis, a trama psíquica implicada nas neuroses inclui, invariavelmente, uma quota pulsional que a promove, ao passo que através dela também se sustenta enquanto satisfação. Portanto, diante de medidas que recaem sobre a remoção de traços patológicos por meio do convencimento à ampliação da consciência, os neuróticos se mantêm alienados a sua condição e “continuam a adorar em segredo seus antigos ídolos” (Freud, 1937/2006, p.250). Ou seja, continuam a se satisfazer em sua patologia, encontrando, agora, nas instruções do analista, uma defesa para continuar a nada saber do campo pulsional que os habita e determina.

Com esta passagem, Freud mostra que as neuroses encontram sua gênese para além de conflitos simbólicos e impasses imaginários; e reflete sobre a necessidade da psicanálise adentrar em um campo para além do topográfico e do dinâmico, apoiando o sucesso da cura em uma retificação no campo econômico¹⁰ que a sustenta¹¹. Isto, pois, a operação implicada no revelamento do material inconsciente não se apóia unicamente numa espécie de dialética que se possa traçar entre os conteúdos que compreendem a consciência, e aqueles que fazem parte dos enigmas inconscientes. Há que se levar em conta um outro fator que aí se inclui como resistência a esta operação de revelamento e que diz respeito a um quantum econômico que se emprega na função do recalque.

É justamente no que concerne ao fator econômico implicado nas neuroses que a psicanálise iria encontrar suas dificuldades na assunção à cura. Posto que Freud afirma que, embora a etiologia da neurose seja sempre

¹⁰ Escreve Freud: “É fato que sempre nos comportamos como se soubéssemos de tudo isso, mas, em sua maioria, nossos conceitos teóricos negligenciaram dar à linha *econômica* de abordagem a mesma importância que concederam às linhas *dinâmica* e *topográfica*. Minha desculpa, portanto, é a de que estou chamando a atenção para essa negligência” (Freud, 1937/2006, p.242).

¹¹ Pode ser de valia acrescentar uma passagem de Jacques Lacan, em que o autor busca elucidar, as diferenças e aproximações do comparativo freudiano que põe lado a lado neurose e sonho: “O processo do sonho é exemplar para entender o sintoma neurótico, mas ele mantém uma diferença econômica absolutamente fundamental [...]. Em comum eles têm apenas uma gramática. [...]. O sonho permite apreender a função simbólica que está em jogo e, a esse título, é capital para entender o sintoma. Mas um sintoma está sempre inserido num estado econômico global do sujeito.” (Lacan, 1954/1985, p.157-8)

mista, entre a prevalência de fatores constitucionais ou acidentais, os últimos são aqueles que oferecem condições mais facilitadoras ao seguimento de uma análise e, portanto, no texto *Análise terminável e interminável* (1937), um dos últimos em que reflete sobre a técnica, Freud se dedica precisamente à investigação das exigências que se apresentam mais desafiadoras à *práxis*.

Neste trabalho que também define como ‘análise de caráter’ - no que ela se distingue da terapêutica por compreender uma intensa modificação no Eu¹² - o autor detém sua investigação nos possíveis avatares do percurso, que, já 34 anos antes, definia por seu caráter árduo e de rara consecução. E inspirado por seus passos no referido texto, bem como em toda sua obra, tem-se que “em vez de indagar como se dá uma cura pela análise (assunto que acho ter sido suficientemente elucidado), se deveria perguntar quais são os obstáculos que se colocam no caminho de tal cura” (Freud, 1937/2006, p.236).

Entre estes obstáculos, Freud nomeia três fatores que declara decisivos na determinação do sucesso da cura analítica. São eles: a influência traumática, a força quantitativa e constitutiva das pulsões, e as alterações e deformidades que ocorrem no eu. No entanto, como já havia referido anteriormente, as incidências traumáticas são aquelas que oferecem “de longe, o campo mais favorável para a análise” (Freud, 1937/2006, p.236); e, portanto, nesta dissertação de mestrado, nos dedicaremos aos dois fatores seguintes – tal qual o andamento do texto sugere. Freud atém-se à reversão destes entraves como sendo uma das exigências particularmente envolvidas na formação de analistas.

De acordo com o autor, o fator quantitativo, ou ainda, a força constitucional das pulsões, somada às alterações desfavoráveis no eu, compreendem impasses que, em certos casos, podem tornar-se intransponíveis aos instrumentos e esforços analíticos, de modo a postergarem indefinidamente a duração de uma análise e a satisfação implicada na neurose.

¹² Por este motivo que 30 anos após o texto *Análise terminável e interminável*, Lacan postula, na *Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o analista da escola*, e desde um apanhado rente às considerações freudianas que “não há definição possível da terapêutica senão a de restabelecimento de um estado primário. Definição, justamente, impossível de enunciar na psicanálise” (p.251), o que, portanto, situaria a psicanálise propriamente dita, em sua *práxis* e doutrina, como consistindo fundamentalmente naquilo que Freud concebia como sua vertente didática. Não à toa, nomeava por “Seção de Psicanálise Pura”, no texto *Ato de fundação*, as incumbências desta clínica definida pelas instâncias da Escola Francesa de Psicanálise. (Lacan, 1967/2003, p.236)

Ao refletir em que medida estes elementos podem combinar-se, Freud conclui que

“fica-se tentado a tornar o primeiro fator — força do instinto — responsável também pelo surgimento do segundo — a alteração do ego —, mas parece que também este último possui sua própria etiologia. E, na verdade, tem-se de admitir que nosso conhecimento desses assuntos ainda é insuficiente” (Freud, 1937/2006, p.236).

2.3 - Elementos e obstáculos para uma metapsicologia

Ainda que o autor recue em afirmar que a etiologia das alterações no eu resida na força das pulsões, podemos, ainda assim, traçar uma relação de interdependência, não etiológica, mas dinâmica entre os dois fatores; na medida em que se implicam mutuamente culminando em uma potencialização das restrições ao andamento do processo analítico.

Embora Freud estivesse ciente e ressaltasse constantemente a imperiosa singularidade de cada caso clínico para a psicanálise, nem por isso deixou de se dedicar à construção de uma metapsicologia que, levando em conta o que recolhia da clínica como dado “individual”, refletisse e compusesse algo do “universal” da estrutura, abarcando, portanto, fatores quantitativos e qualitativos (ou seja, a questão econômica e as alterações desfavoráveis no eu). Estas investigações poderiam lançar luz à construção de uma teoria das neuroses, de modo que este conhecimento se refletisse em avanços na prática clínica.

Ao se ater mais detidamente a estas questões, observa-se que o fator quantitativo aparece na obra freudiana como se referindo à grandeza de excitação, ou ainda, à quantidade de energia psíquica proveniente de moções pulsionais que podem ser empregadas, catexizadas, ou mesmo retiradas e desinvestidas de determinados objetos ou idéias, de modo tal que esses passam a se incluir na dinâmica do aparelho e a exercer sua parcela de importância na economia psíquica.

Ainda no texto *Análise terminável e interminável*, Freud comenta em que medida estas inflexões da quantidade energética se estendem em particulares entraves clínicos, nos quais, por exemplo, se faz notar “uma

especial ‘adesividade da libido’” (Freud, 1937/2006, p.258). Estes pontos de estancamento da energia e da satisfação pulsional resultam em lentidões no tratamento, justamente pela grande dificuldade em abandonar estas antigas catexias e assim retornar investimentos libidinais à própria análise, atendendo aos seus objetivos de se debruçar numa retificação deste modo “adesivo” de investimento e satisfação pulsional. São posições que se apresentam na clínica caracterizadas por uma espécie de “lealdade catexial” (Freud, 1937/2006, p.258) na qual as exigências de esforços analíticos sucumbem em nome da permanência e da constância desta fidelidade pulsional.

Em outros casos, no entanto, o que se observa é um fluxo libidinal excessiva e prejudicialmente móvel. Neles, o paciente pode até aderir às conjecturas analíticas com grande facilidade, porém, tanto quanto o faz com diversos outros objetos de investimento; não sendo possível, portanto, estabelecer dedicação e investimento psíquico suficientes para assegurarem o compromisso com o longo e árido percurso analítico. Esta absoluta ausência de aderência libidinal resulta em abandonos recorrentes e sucessivos das catexias, inclusive as dedicadas ao trabalho analítico, tornando os efeitos de uma análise voláteis e transitórios. Segundo Freud, “a diferença entre os dois tipos é comparável à sentida por um escultor, conforme ele trabalhe na pedra dura ou no gesso macio” (Freud, 1937/2006, p.258).

Em ambos os casos o que se observa é uma resistência pertinente aos investimentos libidinais - seja por sua aderência ou por sua acentuada falta de consistência. Diante destas mostrações clínicas, Freud se depara com a importância da “plasticidade” (Lacan, 1959/1988, p.116) pulsional para o psiquismo; qualidade que, nas neuroses, encontra-se invariavelmente comprometida pelos investimentos excessivos em traços patológicos e limitada pelo dispêndio de energia que estas catexias acarretam – ou, em contrapartida, pela ausência de estabilidade nestes investimentos; o que se revela como um equivalente direto do mesmo esforço de manutenção do estado patológico que se verifica no caso anterior. O resultado desta condição, própria da neurose, se apresenta como uma espécie de “entropia psíquica” (Freud, 1937/2006, p.259) que compromete a verdadeira, e requerida, adesão ao trabalho analisante. Desta feita, é possível concluir que a aspiração freudiana para uma cura

compreendia também devolver à pulsão sua plasticidade. Para tanto, Freud visava com o processo analítico, uma mudança no regime das satisfações.

Estas restrições e dificuldades que a quantidade pulsional pode oferecer ao andamento do processo analítico, Freud define topologicamente como pertencendo a uma classe de “resistência oriunda do id” (Freud, 1937/2006, p.258). No entanto, no mesmo texto, o autor se dedica com equivalente engajamento também às resistências que têm sua fonte na instância do Eu. Sobre as alterações e deformidades que nele ocorrem, Freud observa uma extensa multiplicidade e variedade em suas formas; e ressalta o motivo de oferecerem entraves ao tratamento no fato de serem construídas em um tempo muito remoto – pode-se dizer, mítico - que compreende a constituição do Eu desde sua diferenciação do Isso.

Segundo o autor, o Eu, desde sua instituição e regido pelo princípio de prazer, incumbe-se de promover a mediação entre o Isso e as demandas do mundo externo; e portanto, se por um lado o Eu busca conciliar e satisfazer as exigências pulsionais, por outro também defende-se delas através de mecanismos específicos que estabelece contra a pulsão¹³. Freud escreve:

“Durante essa luta em duas frentes – posteriormente haverá também uma terceira frente¹⁴ – o ego faz uso de diversos procedimentos para desempenhar sua tarefa, que, para exprimi-la em termos gerais, consiste em evitar o perigo, a ansiedade e o desprazer. Chamamos esses procedimentos de *‘mecanismos de defesa’*” (Freud, 1937/2006, p.252).

Portanto, se por um lado os mecanismos de defesa foram necessários neste tempo constitutivo, a fim de manter o aparelho psíquico à salvaguarda de incursões energéticas demasiadamente intensas que o poriam em risco; por outro, em tempos posteriores, estas defesas primitivas ao invés de serem abandonadas pelo Eu, permanecem presentes, fortalecidas e atuantes, o que leva Freud a observar o fato de que, já na vida adulta, “livramo-nos de novos conflitos através daquilo que chamamos de ‘repressão ulterior’” (Freud,

¹³ Adiante, no segundo capítulo deste escrito, trabalharemos pormenorizadamente esta questão.

¹⁴ Aqui, o editor inglês reconhece “uma referência oblíqua ao superego” (Freud, 1937/2006, p.252) e que também será analisada no segundo capítulo deste trabalho.

1937/2006, p.242). Repressão esta que agora passa, ela própria, a oferecer perigo ao aparelho psíquico. Escreve Freud:

“Às vezes, se vê que o ego pagou um preço alto demais pelos serviços que eles [os mecanismos de defesa] lhe prestam. O dispêndio dinâmico necessário para mantê-los, e as restrições do ego que quase invariavelmente acarretam, mostram ser um pesado ônus sobre a economia psíquica” (Freud, 1937/2006, p.253-4).

Uma vez que não são demovidos ou substituídos por outros mais apropriados, os mecanismos de defesa tornam-se alterações permanentes da personalidade psíquica, ao passo que acabam por se fixarem no Eu enquanto “modalidades regulares de reação de seu caráter, as quais são repetidas durante toda a vida, sempre que ocorre uma situação semelhante à original” (Freud, 1937/2006, p.254). A manutenção destes mecanismos típicos que datam de uma origem remota do psiquismo se reflete em infantilismos da personalidade adulta, que caracterizam mesmo a condição neurótica propriamente dita.

O complicador das neuroses, e aí entramos em um outro campo ao qual nos dedicaremos no terceiro capítulo deste escrito, é o fato de que, nestes casos, o Eu não apenas emprega os antigos mecanismos de defesa diante de situações do acaso que se imponham no presente, como tende, igualmente, “a buscar na realidade as situações que possam servir como substituto aproximado ao perigo original, de modo a poder justificar, em relação àquelas, o fato de ele manter suas modalidades habituais de reação” (Freud, 1937/2006, p.254). Desta forma, Freud nota que “os mecanismos defensivos, por ocasionarem uma alienação cada vez mais ampla quanto ao mundo externo e um permanente enfraquecimento do ego, preparam o caminho para o desencadeamento da neurose e o incentivam” (Freud, 1937/2006, p.254), o que justifica sua atenção para com o tema das alterações e deformidades do Eu em um tratamento analítico.

É ainda oportuno adendar o fato de que, se “a situação analítica consiste em nos aliarmos com o ego da pessoa em tratamento, a fim de submeter partes de seu id que não estão controladas, o que equivale a dizer,

incluí-las na síntese de seu ego”¹⁵ (Freud, 1937/2006, p.251), neste ponto a psicanálise encontra nas neuroses as mais amplas dificuldades por conta das deformidades no Eu que refletem em resistências à cura. Pois, segundo Freud, “o ego, se com ele quisermos poder efetuar um pacto desse tipo, deve ser um ego normal. Mas um ego normal dessa espécie é, como a normalidade em geral, uma ficção ideal” (Freud, 1937/2006, p.251).

Se os efeitos da cura, de acordo com Freud, residem justamente em “tornar consciente o que está reprimido (no sentido mais amplo da palavra) no id” (Freud, 1937/2006, p.255), as dificuldades que as alterações no Eu impõem aos esforços analíticos se apresentam na medida em que esta instância mantém o emprego de suas defesas primitivas no curso do tratamento, impedindo a proximidade de conteúdos que ofereçam discordância às suas aspirações e, portanto, impossibilitando o revelamento do material relativo ao Isso. Segundo Freud,

“o efeito ocasionado no ego pelas defesas pode ser corretamente descrito como uma ‘alteração do ego’, se por isso entendermos um desvio quanto à ficção de um ego normal, que garantiria a lealdade inabalável ao trabalho de análise” (Freud, 1937/2006, p.255-6).

Isto porque, em certa medida, o trabalho analítico implica em um consentimento mínimo do Eu a que se estabeleça uma relação à verdade¹⁶ para que uma análise venha a tomar curso. No entanto, as tendências naturais e espontâneas do Eu, decorrentes das referidas alterações, se põem de tal modo que “se a percepção da realidade acarreta desprazer, essa percepção – isto é, a verdade – deve ser sacrificada” (Freud, 1937/2006, p.253).

Isto posto, a influência destas deformidades do Eu na cura operam na medida em que “os mecanismos defensivos dirigidos contra um perigo anterior reaparecem no tratamento como resistências contra o restabelecimento. Disso

¹⁵ O que torna, por exemplo, inviáveis exigências dessa cepa em psicoses.

¹⁶ É importante lembrar que, de acordo com o conjunto da obra freudiana e as revoluções que seu autor chega a comparar às de Copérnico (1917), somos levados a tomar o campo referente à verdade, em psicanálise, como se diferenciando do que compete à realidade factual, em que se estabelecerá um antagonismo verdade-mentira. Evidentemente, diante de todos os esforços para atribuir dignidade aos conteúdos da realidade psíquica que levaram Freud a abandonar sua teoria da sedução que se apoiava em certa fidedignidade no campo da realidade, somos levados a compreender que a verdade a que Freud se refere diz respeito a uma verdade pulsional, verdade da castração que a neurose busca reprimir. Ateremos-nos mais detidamente a estas questões no último capítulo deste escrito.

decorre que o ego trata o próprio restabelecimento como um novo perigo” (Freud, 1937/2006, p.254), de modo tal que não apenas inviabilizam o conhecimento dos conteúdos do Isso, como também oferecem resistência ao processo analítico como um todo. Nas palavras de Freud: “no passado, o fator quantitativo da força instintual opôs-se aos esforços defensivos do ego; por essa razão, convocamos o auxílio do trabalho da análise. Agora, o mesmo fator estabelece um limite à eficácia desse novo esforço” (Freud, 1937/2006, p.245). Isto porque os objetivos de reconhecimento dos conteúdos do Isso que pressupõe uma psicanálise, somados aos conseqüentes esforços de uma mudança nos meios de satisfação, ficam profundamente comprometidos à medida que, estando ainda no andamento do processo analítico, o “controle sobre o instinto é melhorado, mas permanece imperfeito porque a transformação no mecanismo defensivo é apenas incompleta” (Freud, 1937/2006, p.245). Aqui anuncia-se um obstáculo que na verdade reflete um paradoxo que justifica o dito freudiano de que os efeitos que se conquistam numa análise são prerrogativas da mesma e, portanto, não se conquistam por outros meios¹⁷; posto que se trata de um processo, se pudermos dizê-lo, “antinatural”, na medida mesma em que o não-saber é de estrutura.

2.4 - As resistências do Eu e as resistências do Isso no processo analítico: o aparelho psíquico sob a égide da pulsão de morte

Freud dedica-se, portanto, às influências das resistências do eu e às influências das resistências do isso em uma análise. E diz ainda que “durante o tratamento, nosso trabalho terapêutico está constantemente oscilando para trás e para frente, como um pêndulo entre um fragmento da análise do id e um fragmento de análise do ego” (Freud, 1937/2006, p.254). No entanto, ao levar em conta que “id e ego são originalmente um só” (Freud, 1937/2006, p.257), Freud comprova a influência mútua que se exerce entre seus conteúdos, e nos leva a inquirir sobre as relações que podem operar desde estas duas fontes de resistência no tratamento analítico. Ao notar esta aproximação, Freud passa a

¹⁷ Ver p. 14.

discorrer sobre outro aspecto do psiquismo que não se restringe a especificidades topológicas, mas que se estende e permeia todo o aparelho. Neste aspecto específico, “a distinção topográfica entre o que é ego e o que é id perde muito de seu valor para nossa investigação” (Freud, 1937/2006, p.257).

Tomando esta referida força em perspectiva, Freud reconhece que a origem das características distintivas do ego que operam como fontes de resistência analítica, bem como a das inflexões pulsionais, estão arraigadas em uma lógica de funcionamento psíquico ainda mais primitivo e primordial; trata-se das especificidades “dos dois instintos primevos, sua distribuição, mistura e defusão – coisas que não podemos imaginar como confinadas a uma única província do aparelho psíquico, ao id, ao ego ou ao superego” (Freud, 1937/2006, p.259). Trata-se da interação de Eros e Tânatos – pulsão de vida, que “se esforça por combinar o que existe em unidades cada vez maiores” (Freud, 1937/2006, p.262-3), e pulsão de morte, que tem por meta “dissolver essas combinações e destruir as estruturas a que elas deram origem” (Freud, 1937/2006, p.263).

A pulsão de morte comporta-se como uma força que não está restrita ao poder de certas instâncias topológicas ou a dinâmicas específicas, mas se impõe imperiosa, regendo o aparelho psíquico como um todo desde o “impulso que tem o que é vivo a retornar a um estado inanimado” (Freud, 1937/2006, p.263). Freud nota as ações desta força nos fenômenos de masoquismo que operam mesmo em estruturas não necessariamente perversas, e mostram sua face através do sentimento de culpa, da necessidade de punição e da reação terapêutica negativa.

Diante destas constatações clínicas, “não mais poderemos aderir à crença de que os eventos mentais são governados exclusivamente pelo desejo de prazer” (Freud, 1937/2006, p.259), o que leva Freud a reconhecer, definitivamente, a amplitude das resistências e dos obstáculos provenientes da pulsão de morte numa direção de cura. Reconhecimento este que se deve ao fato da pulsão de morte se apresentar como “uma força que se está defendendo por todos os meios possíveis contra o restabelecimento e que está absolutamente decidida a apegar-se à doença e ao sofrimento” (Freud,

1937/2006, p.259); e que desta forma embasa e complementa os específicos esforços resistentes que tomam forma no Eu e no Isso.

Freud observa, portanto, que qualquer conflito que irrompa no psiquismo conta, invariavelmente, com uma quota desta força de destruição, e pergunta-se, portanto, “se tudo o que conhecemos sobre o conflito psíquico não deveria ser revisto a partir desse novo ângulo” (Freud, 1937/2006, p.261). Ou seja, se não deveríamos tomar as resistências do Isso e as resistências do Eu desde a perspectiva das influências da pulsão de morte. Ainda assim, o autor comenta a dificuldade em que se encontrava em avançar no conhecimento sobre a interação destas duas pulsões, que distúrbios irrompem e em que medida se veiculam ao princípio de prazer. Afirma, ainda, que um progresso nesse sentido

“seria a façanha mais gratificante da pesquisa psicológica. No momento, temos de nos curvar à superioridade das forças contra as quais vemos nossos esforços redundar em nada. Mesmo exercer uma influência psíquica sobre o simples masoquismo constitui um ônus muito severo para nossos poderes” (Freud, 1937/2006, p.260).

Com sua doutrina, Freud visava uma mudança no regime das satisfações. Mudança tida como a única via para operar alguma alteração na atitude do analisante em relação ao “repúdio à feminilidade” (Freud, 1937/2006, p.268) desde sua “atitude para com o complexo de castração” (Freud, 1937/2006, p.268), mas que encontra obstáculos tão amplos quanto o porte da exigência almejada. Diante destes avatares que incluem obstáculos primevos e estruturais, e que por conta disso podem levar a cabo a experiência analítica, Freud fia a direção de cura na garantia de a análise haver propiciado ao analisante todos os incentivos possíveis para um reexame desta situação. Não havendo outro recurso a que a análise possa incorrer, diante da rocha da castração, que não seja assegurar-se de que, por parte do analisante, tenha se erigido “um amor à verdade” (Freud, 1937/2006, p. 265) que o subsidie para seguir avante neste percurso que Lacan (1959) define por comportar em seu bojo uma dimensão trágica – ou seja, um inevitável encontro com a pulsão de morte.

Tem-se, portanto, que as resistências evocadas nas instâncias do Eu e do Isso estão profundamente enraizadas numa força mais ampla e hostil. A

pulsão de morte impele à destrutividade das conquistas analíticas e, para tanto, apóia-se na dinâmica operante entre as alterações no Eu e as quantidades de energia psíquica. De modo tal que quão maior for a incidência da força pulsional no aparelho psíquico, maior também deverá ser a força dos mecanismos de defesa empregados em sua repressão, o que promove uma retroalimentação entre os componentes basais de uma neurose e a força de sua permanência. Desta forma, observa-se que desde a ação da pulsão de morte, o fator quantitativo das pulsões implica diretamente em deformações mais amplas e fixas no Eu - o que pode vir a representar um fracasso na cura:

“o resultado de um tratamento analítico depende essencialmente da força e da profundidade da raiz dessas resistências que ocasionam uma alteração do ego. Mais uma vez nos confrontamos com a importância do fator quantitativo e mais uma vez somos lembrados de que a análise só pode valer-se de quantidades de energia definidas e limitadas que têm de ser medidas contra as forças hostis. E aparece como se a vitória, de fato, via de regra esteja do lado dos grandes batalhões” (Freud, 1937/2006, p.256).

Ainda que por vezes, ao longo do texto, Freud se mostre pessimista quanto à possibilidade de tecer garantias sobre o alcance e permanência da cura, o autor reitera sua posição declarando: “Não estou pretendendo afirmar que a análise é, inteiramente, um assunto sem fim” (Freud, 1937/2006, p.266). E, levando em conta a interação entre a força dos instintos e as alterações no Eu na promoção de entraves clínicos, Freud se pergunta pela possibilidade de “livrar-se de um conflito entre um instinto e o ego [...] de modo permanente e definitivo” (Freud, 1937/2006, p.241), ressaltando não se tratar de um impossível e indesejável desaparecimento da pulsão, mas sim daquilo que compreende como um “amansamento” (Freud, 1937/2006, p.241) da mesma - situação em que a pulsão é posta “completamente em harmonia com o ego [...] e não mais busca seguir seu independente caminho para a satisfação” (Freud, 1937/2006, p.241), pois do contrário, a pulsão restaria como propulsora de novos sintomas, reforçando antigos mecanismos de defesa, findados no mesmo não-analisado.

É ainda importante ressaltar uma citação de Freud em que o mesmo tece elaborações a respeito do estatuto desta cura, discorrendo sobre as aspirações referentes a uma posição pulsional ‘egossintônica’ que poderia, em

certa medida, prescindir do recalque em decorrência de seu ‘amansamento’ ao operar uma sublimação da satisfação pulsional como resultado de um trabalho junto ao recalque original, promovendo uma mudança das vicissitudes pulsionais. Importante, ainda, para que não se incorra no erro de tomar o texto como promotor de uma dicotomia em que a política restaria entre um posicionamento favorável à análise terminável *ou* à análise interminável. Trata-se, portanto, de ressaltar de seu interminável não uma posição complacente ou apaziguada na neurose em que repousariam as acusações de que as aspirações freudianas na verdade se reverteriam em ideais utópicos, mas sim de tomá-la em seu caráter ético de um compromisso interminável com a posição e o fazer de uma ética analisante. Escreve Freud:

“Nosso objetivo não será dissipar todas as peculiaridades do caráter humano em benefício de uma ‘normalidade’ esquemática, nem tampouco exigir que a pessoa que foi ‘completamente analisada’ não sinta paixões nem desenvolva conflitos internos. A missão da análise é garantir as melhores condições psicológicas possíveis para as funções do ego; com isso, ela se desincumbiu de sua tarefa” (Freud, 1937/2006, p.266-7).

Segundo Freud, a perícia de uma análise estaria em fornecer subsídios para que se opere uma retificação nessas antigas repressões, sendo que “algumas são demolidas, ao passo que outras são identificadas, mas construídas de novo, a partir de material mais sólido” (Freud, 1937/2006, p.243). Onde podemos concluir que a concepção de cura em psicanálise não se encontra sem perspectivas diante da força ‘dos grandes batalhões’, mas tampouco endossa uma apologia pulsional, no qual se sustentaria um ideal de pulsão liberto das amarras do Eu. Freud reconhece a necessidade da defesa contra a pulsão, e a propõe, no fim de análise, como estando erigida em ‘material mais sólido’ do que o não-saber promovido pelo recalque e a não-responsabilização pela satisfação que aí se cunha.

Deste modo, “o grau de firmeza dessas novas represas é bastante diferente do das anteriores; podemos confiar em que não cederam facilmente ante uma maré ascendente da força instintual” (Freud, 1937/2006, p.243); ou seja, encontrar-se-iam resguardadas das incidências do fator quantitativo pulsional, o que leva Freud a concluir que “a façanha real da terapia analítica seria a subsequente correção do processo original de repressão, correção que põe fim à dominância do fator quantitativo” (Freud, 1937/2006, p.243).

Freud reconhece as dificuldades que se circunscrevem na precisão dos métodos e meios pelos quais tal solução poderia ser alcançada e, recorrendo ao escritor alemão Goethe para uma metáfora, admite a impossibilidade, que então se encontrava, em avançar nestas questões: “temos de chamar a feiticeira em nosso auxílio, afinal de contas!” (Freud, 1937/2006f, p.241) Nomeia as impossibilidades na elaboração e a escassez teórica referente a tão delicado e importante percurso como compondo uma “Metapsicologia da Feiticeira” (Freud, 1937/2006f, p.241). E segue afirmando que aquilo que até então a enigmática metapsicologia pudera revelar não consistia em material claro ou minucioso.

Ainda assim e apesar de todas as dificuldades, em *Análise terminável e interminável* Freud nos apresenta uma questão eminentemente clínica de importância crucial no avanço da psicanálise, quando se refere à necessidade de investigar a dominância do fator quantitativo numa neurose e os meios pelos quais ela pode vir a ceder; quando se preocupa com a implicação das alterações e deformidades que operam no Eu e quando alerta para a nefasta interação destes percalços com a pulsão de morte. Trata-se de uma investigação imprescindível à prática clínica por se fazer implicada nas análises didáticas em sua vertente ética; posto que é o próprio autor quem adverte quanto aos perigos implicados numa análise para aquele que não atingiu, em si próprio, a meta de reverter tal dominância e ainda assim se propõe à condução de um tratamento. Freud argumenta, alegando que

“não seria de surpreender que o efeito de uma preocupação constante com todo o material reprimido que luta por liberdade na mente humana despertasse também no analista as exigências instintuais que de outra maneira ele é capaz de manter suprimidas” (Freud, 1937/2006, p.266).

Versando sobre estes dois obstáculos descritos por Freud - o fator quantitativo das pulsões e as alterações no Eu - e os tomando desde a incidência dos desdobramentos da pulsão de morte no psiquismo, a seqüência desta dissertação tem por objetivo investigar em que medida esta conjunção de fatores oferecem dificuldades à nova concepção de cura proposta por Freud, que caracterizaria a construção de um estado psíquico, não apenas liberto de

patologias, mas radicalmente singular como efeito conseqüente do *interminável* ao que o estado analisante se lançaria.

Para tanto, propomos o método desta pesquisa fundamentado numa ampla revisão de literatura de autores que originalmente versaram, desde a experiência clínica, sobre as questões que compreendem as implicações do fim de uma análise, tomando como objeto central a obra de Sigmund Freud e sua concepção de cura formalizada em *Análise terminável e interminável*. E com vistas a estes objetivos, também nos serviremos dos comentários e apreciações críticas de Jacques Lacan a fim de contribuir para um aprofundamento das questões lançadas no referido texto freudiano.

Elejo também o autor francês posto que, em 1956, diante das dificuldades encontradas nos psicanalistas de sua época, Lacan faz ressurgir o assento da importância destas indagações no esteio de sua proposta de “retorno a Freud”, recupera a importância destas perguntas lembrando a “*psicanálise como o tratamento que se espera de um psicanalista*” (Lacan, 1966/1998a, p.462) e que por esta razão é ela quem “*decide sobre a qualidade do segundo*” (Lacan, 1966/1998a, p.462), ressaltando a imprescindibilidade das análises dos praticantes na direção de um novo tratamento. Leitor atento de Freud, Lacan tomou para si estas importantes questões concernentes ao fim de análise e a formação do analista que se refletiriam em elaborações permeadas ao longo de toda sua obra, permitindo-nos alguns avanços críticos na elaboração dos referidos impasses clínicos freudianos.

Para tanto, os capítulos subseqüentes desta dissertação estarão destinados a contemplar as especificidades de cada um dos avatares cernidos do texto de Freud.

3. A TEORIA DAS PULSÕES: da energética ao mais além do princípio de prazer

Este capítulo tem por objetivo circunscrever o campo conceitual envolto no obstáculo imposto pelo fator quantitativo. Portanto, objetiva-se, neste tempo da dissertação, uma recuperação da concepção do termo, bem como das conseqüências de sua evolução conceitual na obra freudiana. De modo tal que, ao promover uma discussão acerca dos elementos implicados na questão da quantidade, possamos alçar algum conhecimento sobre suas implicações clínicas, bem como estar face aos motivos da eleição deste ponto, por Freud, como compondo um dos mais radicais impasses a que uma análise está sujeita. Ainda objetiva-se contextualizar em que medida este fator quantitativo se coloca em favor das tendências relacionadas à pulsão de morte.

3.1 - Economia psíquica: o fator quantitativo e a formalização do conceito de pulsão

Em 1895, Freud escreve seu *Projeto para uma psicologia científica*, texto que nunca veio a publicar, e a que se dedicava com o intuito de investigar as possibilidades de uma “teoria do funcionamento psíquico se nela for introduzido um método de abordagem quantitativo, uma espécie de economia nervosa, e em segundo lugar, extrair da psicopatologia tudo o que puder ser útil à psicologia normal” (Freud, 1950b/2006, p.335). No texto, nota-se o esforço do autor em incorporar registros quantitativos e qualitativos em uma concepção do funcionamento mental, de modo tal que pudesse ingressar sua psicologia no campo científico. Freud articulava, pela primeira vez, os fundamentos de um aparelho psíquico com o intuito de repousar a teoria psicanalítica sobre as bases conceituais alcançadas neste “projeto” inicial.

Anuncia em seu esquema geral a intenção de promover uma psicologia “que seja ciência natural: isto é, representar os processos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição” (Freud,

1950/2006b, p.347). Dedicar-se, portanto, ao estudo de observações clínicas em que nota “idéias excessivamente intensas” (Freud, 1950/2006b, p.347) em quadros neuróticos. Neles, Freud observa o fato de que “a característica quantitativa emerge com mais clareza do que seria normal” (Freud, 1950/2006b, p.347).

Freud cunhava expressões como ‘quantum de energia’, ‘fator libidinal’, ‘força relativa de um complexo’ sempre que “queria avaliar a evolução dos sintomas, a escolha da neurose e as circunstâncias que determinam a eclosão de um quadro neurótico” (Cabas, 2009, p.43). Portanto, nota-se que a questão da quantidade foi precursora de construções teóricas fundamentais na psicanálise.

Freud apresenta a questão energética de dois modos, ora como uma quantidade fluente, em trânsito entre os neurônios, ora como um quantum estático por estar investido, catexizado em determinado neurônio. Tem-se, portanto, uma quantidade ligada e uma quantidade móvel, responsáveis pela distinção dos processos primário e secundário¹⁸ e pela relação de distinção entre percepção e alucinação.

No referido texto, Freud propõe um modelo neurológico de inspiração físico-química do aparelho psíquico de modo a sustentar, através deste ensaio, a sua hipótese de que o aparelho estaria regido, em sua totalidade, por uma lógica homeostática que buscaria manter constante, e o mais próximo ao nulo, o nível das excitações e estimulações internas. Dele infere um “princípio de inércia neuronal: os neurônios tendem a se livrar da Q^{19} ” (Freud, 1950b/2006, p.348) operando através de “um dispositivo destinado a neutralizar a recepção de Qn^{20} , através de sua descarga” (Freud, 1950b/2006, p.348). A tendência do aparelho, portanto, era a de manter a quantidade de energia interna “no mais baixo nível possível e de se resguardar contra qualquer aumento da mesma – ou seja, mantê-la constante” (Freud, 1950b/2006, p.349).

¹⁸ De acordo com Freud, “A catexia de desejo, levada ao ponto de alucinação, a completa produção do desprazer, que envolve o dispêndio total da defesa, são por nós designadas como *processos primários*; em contrapartida, os processos que só se tornam possíveis mediante uma boa catexia do ego, e que representam versões atenuadas dos referidos processos primários, são descritos como *processos psíquicos secundários*” (Freud, 1950/2006, p.379)

¹⁹ Quantidade

²⁰ Quantidade interna, endógena.

Deste modo, a fim de obedecer à regência deste princípio de constância, e livrar o aparelho de demasiadas quantidades energéticas, certos neurônios se diferenciariam dos demais na função específica de agirem como telas de proteção, que absorveriam pequenas frações das quantidades exógenas. Isto, pelo fato de que um aumento das quantidades de estimulação internas no aparelho responderia por uma conseqüente sensação de desprazer, ao passo que a descarga destas quantidades, e a diminuição de excitação decorrente deste processo, valeriam por uma sensação prazerosa ao psiquismo. Tem-se, portanto, que “quanto mais intenso for o desprazer, mais forte será a defesa primária” (Freud, 1950b/2006, p.376), ou seja, os esforços de bloqueio desta força, bem como a necessidade de descarregá-la.

Ao diferenciar, portanto, estímulos externos de estímulos internos, Freud verifica que aos primeiros, de acordo com a lógica homeostática, poderia se aplicar um modelo arco-reflexo, de estímulo e resposta, em que a incidência de excitações resultasse no imediato ímpeto de fuga, de afastamento de sua fonte e do conseqüente aumento quantitativo, isto feito por via motora:

“um sistema nervoso primário se vale dessa Qn, assim adquirida, para descarregá-la nos mecanismos musculares através das vias correspondentes, e desse modo se mantém livre do estímulo. Essa descarga representa a função primária do sistema nervoso” (Freud, 1950b/2006, p.348).

No entanto, o mesmo modelo não é aplicável aos estímulos endógenos; estímulos estes originados de células do próprio organismo e que, portanto, “criam as grandes necessidades: como, respiração, sexualidade. Deles, ao contrário do que faz com os estímulos externos, o organismo não pode esquivar-se” (Freud, 1950b/2006, p.348). Já que não podem ser interrompidos pela via motora, o organismo deveria, ainda assim, empregar meios mais adequados que possibilitassem manter a exigência interna do princípio de inércia. O que implica em buscar auxílio em meios externos para realizar a descarga energética que o aparelho necessita.

Ainda assim, nestes casos de estímulos endógenos, provenientes do próprio corpo, a descarga tem efeitos meramente provisórios, já que, em se tratando de excitações internas, elas tornam a se estabelecer e a implicar em uma elevação quantitativa das energias intrapsíquicas. Freud observa, já em

1895, que estas moções e forças internas são causas mesmo de todo o posterior desenvolvimento psíquico:

“o organismo humano é, a princípio, incapaz de promover essa ação específica. Ela se efetua por *ajuda alheia*, quando a atenção de uma pessoa experiente é voltada para um estado infantil por descarga através da via de alteração interna²¹. Essa via de descarga adquire, assim, a importantíssima função secundária da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*” (Freud, 1950b/2006, p.370).

O sucesso nesta operação de conseguir, por meios de auxílio exterior, diminuir as excitações no aparelho, ou seja, empreender uma descarga das energias desde o encontro com um objeto que viabilize este processo, constitui em sua totalidade uma experiência de satisfação, que, segundo o autor, “tem as conseqüências mais radicais no desenvolvimento das funções do indivíduo” (Freud, 1950b/2006, p.370).

Isto porque, diante de um novo estado de urgência, ou seja, diante de uma nova inflexão quantitativa no psiquismo, a tendência a recuperar esta mesma via de resposta de diminuição energética e, portanto, de obtenção de prazer, se impõe ao aparelho. O que Freud verifica é que, na ausência de um objeto adequado a esta solução, a disposição do aparelho é a de investir na imagem mnêmica que ficou registrada do mesmo desde a primeira experiência de satisfação. A estratégia empregada pelo aparelho para se livrar deste excesso quantitativo e manter-se atrelado ao princípio de constância é reinvestir antigas percepções de objeto que outrora findaram uma inflexão excitatória. No caso, diante da ausência do objeto na realidade, o aparelho então o alucina, o dota de forma e consistência psíquica. É o que Freud define por uma reativação de lembranças em que a imagem mnêmica do objeto é presentificada.

Pode-se observar que esta medida já implica estratificações mais profundas do psiquismo em sua organização, incumbindo o aparelho psíquico de uma tarefa que o distingue definitivamente de um mecanismo simples de arco-reflexo. É o que leva Lacan a deduzir que “o objeto humano se constitui sempre por intermédio de uma primeira perda. Nada de fecundo ocorre para o homem a não ser por intermédio de uma perda do objeto” (Lacan, 1954/1985,

²¹ Por exemplo o grito, o choro.

p.174). A partir do momento em que o aparelho pode recorrer à evocação de um objeto – constituído psiquicamente com bases nas experiências de satisfação anteriores – passa a aluciná-lo, a investir de catexias sua imagem mnêmica sempre que uma excessiva incidência energética acometa o psiquismo lançando-o para um novo estado de urgência.

Como explica Lacan, esta alucinação é facilitada pela ação do fator quantitativo, posto que, como resultado da primeira experiência de satisfação, resta “uma via inicialmente traçada, uma via trilhada pela experiência primeira, e que corresponde a uma quantidade neurônica dada” (Lacan, 1954/1985, p.185). E “tal como a concepção ordinária da aprendizagem requer, as primeiras determinam as outras” (Lacan, 1954/1985, p.184). Sempre que haja uma incidência quantitativa sobre o aparelho, certos circuitos, que outrora foram fundados e registrados pelas primeiras experiências, espertam-se. Deste modo, “os sinais interiores, os neurônios, que acenderam quando o organismo entrou em movimento pela primeira vez sob a pressão da precisão, tornam a acender” (Lacan, 1954/1985, p.184). Ou seja, diante do que o autor chama de um estado de “precisão” (Lacan, 1954/1985, p.184), ou seja, da imposição de um excedente energético por um estímulo que gere demandas de descarga no organismo, o que se observa é a tendência de que o organismo, “pelo fato de ele ter sido, de certa maneira, satisfeito nas primeiras experiências confusas ligadas à sua primeira precisão, alucina sua segunda satisfação” (Lacan, 1954/1985, p.184).

Diante da execução do processo alucinatório, e das medidas ante as incidências excitatórias, Freud se vê obrigado a deduzir a incumbência ao eu de medidas precatórias contra a possibilidade de um investimento demasiado em imagens mnêmicas, de modo que a atividade alucinatória traga riscos orgânicos. Como conclui Lacan, “o ego seria então a instância responsável por uma regulação das quantidades de energia aí investidas, de modo a preservar o aparelho de “armadilhas biologicamente graves” (Lacan, 1954/1985, p.184). Ainda assim, temos que diante da ausência de um objeto que aplaque em definitivo as incursões de estímulos endógenos, “surge no interior do sistema o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como *vontade* – o derivado das pulsões” (Freud, 1950b/2006, p.369).

Trata-se de uma das primeiras referências de Freud ao termo “*trieb*” que do alemão é traduzido por pulsão. Observa-se, a partir do texto *Projeto para uma psicologia científica*, que a noção de uma força como a pulsão agindo sobre o psiquismo já se encontrava presente na obra freudiana, e podemos deduzi-la a partir da questão quantitativa implicada nas “Q”, ou “Qn”, as quantidades referenciadas a uma estimulação endógena. Ainda que seja apenas dez anos depois da escrita deste trabalho que o termo “*trieb*” veio a ganhar terreno na teoria psicanalítica, o reconhecimento de seu valor nas neuroses – e, portanto, na direção de cura - já se dava desde então.

Podemos averiguá-lo de maneira mais formalizada em 1897, na carta de número 69 endereçada à W. Fliess, em que Freud anuncia o abandono de sua teoria da sedução ao reconhecer o imperativo de moções sexuais atuantes desde a tenra infância - sem que para isso houvesse a necessidade da ocorrência de um fato real de sedução advinda de um agente externo. As duas cartas subsequentes, endereçadas ao mesmo colega, declaram ainda o conseqüente descobrimento do complexo de Édipo desde as investigações de sua própria análise, compondo essencialmente o que concerne, junto ao conceito das pulsões, à teoria freudiana da sexualidade.

Em 1905 estas investigações ganham campo quando Freud escreve seus *Três ensaios para uma teoria da sexualidade*, composto de três capítulos destinados, respectivamente, às aberrações sexuais, à sexualidade infantil e às transformações da puberdade. Neste texto, o autor redefine sua concepção sobre a etiologia das neuroses e as apresenta como baseadas em forças pulsionais de cunho sexual, o que o leva a concluir que “os sintomas são a atividade sexual dos doentes” (Freud, 1905/2006, p.155). Isto porque, nas neuroses os sintomas operam como um substituto, uma transcrição – escreve Freud – “de uma série de processos, desejos e aspirações investidas de afeto, aos quais, mediante um processo psíquico especial (o recalcamiento), nega-se a descarga através de uma atividade psíquica passível de consciência” (Freud, 1905/2006, p.155).

Os sintomas, portanto, recolhem suas forças da pulsão sexual, o que permitiu a Freud deduzir das neuroses a ambivalência de “uma necessidade sexual desmedida e uma excessiva renúncia ao sexual” (Freud, 1905/2006, p. 156), dado que fornece as bases dinâmicas e econômicas implicadas na

formação de sintomas. Donde o sintoma é a transformação destas aspirações libidinais que surge como uma via de escape - sem que isto implique em resolução - ao conflito que se instaura entre “a premência da pulsão e o antagonismo da renúncia ao sexual” (Freud, 1905/2006, p.156).

Freud ainda define a pulsão como não possuindo qualquer tipo de atributo afora seu permanente empuxo à satisfação, devendo, por estas razões, ser concebida como “uma medida da exigência de trabalho feita à vida anímica” (Freud, 1905/2006, p.159), sendo que o que as dota de qualidades específicas é sua relação com a fonte somática, definida por um processo excitatório em um órgão. É o que o autor nomeia de *zona erógena* – termo introduzido no referido artigo – e que se caracteriza por “uma parte da pele ou da mucosa em que certos tipos de estimulação provocam uma sensação prazerosa de determinada qualidade” (Freud, 1905/2006, p.172). Nota ainda que existem zonas erógenas predestinadas por uma questão fisiológica, mas que, no entanto, não se pode descartar o fato de que “qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso” (Freud, 1905/2006, p.173).

Nesta publicação, Freud também apresenta pela primeira vez o termo *pulsão parcial*, e o faz apoiando-se nas perversões para extrair a máxima de que a neurose é o negativo da perversão. A base comum a ambas as estruturas consiste na incidência na sexualidade de *pulsões parciais* definidas por sua característica descentralizada, e auto-erótica²². No entanto, ao contrário da perversão, na neurose estas pulsões parciais sucumbem ao recalque²³.

A exemplo desta influência estrutural das pulsões parciais nas neuroses, Freud comenta, a respeito das histerias, a recorrente erogenização da boca, que passa a operar analogamente ao órgão genital. O foco de sua teoria na sexualidade infantil justifica-se, portanto, pelo fato de que, tal qual a erogenização tipicamente presente nas histerias prova, “os neuróticos

²² Define Freud: “a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é *auto-erótica*” (Freud, 1905/2006, p.170). Lacan define a posição auto-erótica como composta por “investimentos propriamente intra-orgânicos” (Lacan, 1954/1985, p.126).

²³ Ao passo que a perversão tem como seu operador estruturante a denegação. Sendo assim, na neurose elas tomam vias alternativas para o cumprimento de sua finalidade de satisfação.

preservam o estado infantil de sua sexualidade ou foram retransportados para ele” (Freud, 1905/2006, p.162). Encontram-se, portanto, ancorados em fixações²⁴ pré-genitais e, através de suas ações de caráter patológico, inevitavelmente se inclinam na “busca de um prazer já vivenciado e agora relembrado” (Freud, 1905/2006, p.171).

O relembrado em questão, Freud o remete à infância, desde as experiências de supressão de necessidades associadas às funções vitais:

“Diríamos que os lábios da criança comportam-se como uma *zona erógena*, e a estimulação pelo fluxo cálido de leite foi sem dúvida a origem da sensação prazerosa. A princípio, a satisfação da zona erógena deve ter-se associado com a necessidade de alimento. A atividade sexual apóia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas” (Freud, 1905/2006, p.171).

No entanto, é importante frisar o fato de que, a partir daí, “a necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento” (Freud, 1905/2006, p.171). A busca de vivências de satisfação ganha autonomia, tendo na função biológica apenas a origem de seu nascedouro para, em seguida, apartar-se radicalmente do que concerne ao funcionamento fisiológico²⁵. A sexualidade, portanto, “nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais” (Freud, 1905/2006, p.172) – escreve Freud - mas apenas para então subvertê-la desde a extração de prazer do órgão, agora na condição de zona erógena.

Podemos vislumbrar aqui uma espécie de cisão fundamental que se sustenta na assunção de uma dupla função do que antes era apenas somático, onde o órgão “se vê obrigado a servir simultaneamente a ‘dois senhores’, em oposição simultânea das exigências da vida [...] contra as exigências da sexualidade” (Masotta, 1986, p.40). Por meio de seus *Três ensaios*, Freud busca abarcar, na distinção das necessidades biológicas para a sexualidade, o mais particular e específico do que concerne à sexualidade humana. Tratava-se de assinalar e cernir “o que pertence a Eros do que pertence à relação do

²⁴ O conceito de ‘fixação’ será trabalhado adiante neste capítulo.

²⁵ Freud formaliza-o a partir de um particular e recorrente ato de sucção das crianças: “O chuchar [Ludeln ou Lutschen] (...) consiste na repetição rítmica de um contato de sucção com a boca (os lábios), do qual está excluído qualquer propósito de nutrição” (Freud, 1905/2006, p.169).

organismo com seu meio. Nos termos de Freud, havia que distinguir a fome do amor” (Masotta, 1986, p.36).

Desta forma, podemos compreender a sexualidade humana como decorrente de um processo de erogenização do corpo biológico pelos cuidados maternos que investem o somático de libido²⁶, tornando-o habitado por pulsões ao instaurar zonas erógenas que inscrevem isolamentos na anatomia, rompendo a homogeneidade da carne. Portanto, a sexualidade humana, longe de ser natural, ou instintiva, é fruto de um processo suplantado por diversos fatores e em dependência deste objeto primordial, a mãe. Segundo Freud, estes primeiros objetos envoltos no cuidado à criança desde seu desamparo biológico tornar-se-ão modelos na escolha de objetos de amor na vida adulta. A sexualidade nasce, pois, apoiada neste modelo referencial, donde, a partir da erogenização que se exerce sobre o corpo, promove a origem da sexualidade apoiada nas zonas erógenas que outrora cumpriam funções estritamente biológicas. O fato a se ressaltar - e ao qual Freud dedica a construção de uma complexa teoria para a sexualidade - “é que se a sexualidade humana nasce tão apoiada é porque se sustenta mal” (Masotta, 1986, p.38).

Freud também concluía que o curso de desenvolvimento da sexualidade humana também concorria com forças de coerção às mesmas e que tinham seu ápice no que o autor chamou de *período de latência*, um período de fortes empuxos de repressão a estas tendências, operando por meio de uma renúncia às moções sexuais que culminavam no esquecimento das atividades típicas da infância, definido por uma *amnésia infantil*. Neste período, então, “erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais)” (Freud, 1905/2006, p.167). Trata-se de uma das forças envolvidas no sintoma, o que leva Freud a estabelecer uma teoria dualista das pulsões, tomando, em oposição às pulsões sexuais, o que chamou de *pulsões de conservação* ou *pulsões do eu*.

Neste primeiro momento da teoria freudiana, é importante ressaltar que, ao enunciar “pulsões do eu”, Freud não se referia ao Eu enquanto

²⁶ Energia do desejo sexual.

organização psíquica, como pulsões que tivessem seu nascedouro na instância egóica. Aqui, o autor buscava salientar o caráter dual das forças pulsionais, traçando uma diferenciação entre as pulsões que visavam, em última instância, a conservação da espécie e, portanto, tinham em seu horizonte final a reprodução, das pulsões que, em contrapartida, atinham-se as exigências de auto-conservação - a conservação de si próprio em detrimento da espécie.

Isto porque “a sexualidade é a única função do organismo vivo que se estende além do indivíduo e se refere à relação deste com sua espécie” (Freud, 1917a/2006, p.414). O autor lembra ainda que a sexualidade nem sempre traz vantagens ao indivíduo em questão, e que, “em compensação por um grau extraordinariamente elevado de prazer, ocasiona perigos que ameaçam a vida do indivíduo e, amiúde, a destroem” (Freud, 1917a/2006, p.414). Em contrapartida, as pulsões de auto-conservação tomavam o Eu enquanto “apenas um episódio numa sucessão de gerações, um fugaz acréscimo a um plasma germinativo dotado de virtual imortalidade – como detentor temporário de um legado que lhe sobreviverá” (Freud, 1917a/2006, p.414). A incompatibilidade entre as tendências das pulsões do eu e das pulsões sexuais era o que Freud concebia e fundamentava como sendo o conflito pulsional que o sintoma neurótico comportava. Conflito este que se estenderia aos esforços analíticos que visam o acesso aos conteúdos do Isso.

Portanto, o propósito do que Freud circunscreve como pulsões do eu não concerne às funções atreladas à consciência como a atenção ou a memória, senão no que a pulsão passa a se incluir, ela própria no entremeio destas funções “para converter este pacote de “funções” [...] em *função da libido*” (Masotta, 1986, p.41), como de fato ocorre nas neuroses, e se revela nos sintomas²⁷. Este ponto específico do texto freudiano pode ser tomado como o prenúncio das dificuldades em sustentar o dualismo que lhe era tão caro no texto de 1914, *Sobre o narcisismo: uma introdução*, uma vez que Freud

²⁷ Podemos compreender esta sujeição das funções do eu às demandas pulsionais quando Freud define o sintoma, que recai sobre o corpo ou o pensamento, na forma de “atos, prejudiciais, ou, pelo menos, inúteis à vida da pessoa, que por sua vez, deles se queixa como sendo indesejados e causadores de desprazer ou sofrimento” (Freud, 1917/2006f, p.361). Ou seja, tratar-se-ia de uma subversão das funções motoras ou orgânicas e do pensamento ou da consciência (funções estas que estão adscritas ao domínio do Eu), em favor de uma exigência pulsional.

observa que o eu, agora enquanto instância psíquica, também pode se incluir entre os domínios da libido.

3.2. Do narcisismo à destruição de si: fundamentos para um novo dualismo pulsional

Nove anos mais tarde, no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914), Freud se atém a estas questões. Neste escrito, mesmo diante dos impasses acima comentados, o autor se dispõe a desenvolver e ampliar sua hipótese de uma antítese entre a libido do ego e a libido objetual, que estariam em favor de uma distinção entre as pulsões sexuais e as pulsões do eu que sustentava desde antes. No entanto, Freud defende esta posição:

“na ausência total de qualquer teoria dos instintos que nos ajude a encontrar nossa orientação, podemos permitir-nos, ou antes, cabe-nos começar por elaborar alguma hipótese para a sua conclusão lógica, até que ela ou se desintegre ou seja confirmada” (Freud, 1914/2006, p.85).

Freud buscava, como dizia, distinguir a fome do amor, de modo tal que “a separação dos instintos sexuais dos instintos do ego simplesmente refletiria essa função dúplice do indivíduo” (Freud, 1914/2006, p.86), função dúplice, dividida, que já identificava desde sua teoria sobre os processos oníricos²⁸. No entanto, para sustentar sua hipótese de uma divisão psíquica, o autor se deparava com uma incongruência observada em sua primeira concepção teórica, na qual as pulsões estariam restritas à instância que mais tarde, em sua segunda tópica, Freud nomearia como Isso, dedicando-se ora às tendências auto-eróticas sexuais, ora aos empuxos de conservação do Eu.

O conceito de *narcisismo* surge, neste texto, como intermediário do auto-erotismo ao amor objetual, quando Freud se apercebe, a partir da clínica das parafrenias, de uma forte tendência de retirar os investimentos do mundo externo e redirigi-los ao próprio Eu. Ou seja, uma tendência a tomar o Eu

²⁸ Em *A interpretação dos sonhos* (1900), Freud observa que o sonho tem a função psíquica de realização de desejos inconscientes; e o faz através de conteúdos distorcidos para que, ao passo que permita esta realização, tampouco infrinja as aspirações do Eu.

enquanto objeto da pulsão e, portanto, de uma conseqüente conversão de suas funções à influência das pulsões sexuais. Freud se dedica a estas questões visando uma retificação das compreensões de 1905, observando que

“há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz” (Freud, 1914/2006, p.83).

Entre as posições auto-eróticas de que Freud se ocupava em 1905, enquanto investimentos estritamente adscritos às funções biológicas, até a concepção de um investimento libidinal no próprio Eu, compondo o narcisismo; torna-se necessário avaliarmos uma ampla modificação na estruturação psíquica. Posto que

“uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo” (Freud, 1914/2006, p.84).

Se levarmos em consideração as indicações feitas nove anos mais tarde no texto *O ego e o id* (1923), em que Freud se dedica à sua segunda tópica, podemos inferir que ‘a nova ação psíquica’ a que Freud faz referência relaciona-se com a identificação ao pai como uma ação promotora do desenvolvimento da instância egóica e suas decorrentes estratificações. Escreve Freud:

“os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros. Isso nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua própria pré-história pessoal” (Freud, 1923/2006, p.43-4).

Esta identificação, que gera o Ideal de Eu, é “direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia de objeto” (Freud, 1923/2006, p.44); funda uma gradação no aparelho psíquico que fomenta as origens do Eu em sua segunda tópica.

Em *Introdução ao narcisismo*, Freud observava que, a partir desta ‘nova ação psíquica’, o Eu “fixou um *ideal* em si mesmo, pelo qual mede seu ego real” (Freud, 1914/2006, p.100). Trata-se de um recurso necessário, edificado pelo Eu, posto que “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era o seu próprio ideal” (Freud, 1914/2006, p.101). Podemos observar, portanto, uma tendência, ainda não amplamente explorada por Freud, de um retorno ao inanimado que opera nas mais vastas gradações do psiquismo, e cujo produto é o Ideal de eu como símbolo mítico de uma época em que o aparelho tinha suas satisfações exclusivamente apoiadas nos próprios órgãos internos, prescindindo de recursos outros donde fundar a satisfação, sendo auto-suficiente para tal fim.

No entanto, no que a pulsão cerne um “dentro e um fora”, faz notar a prematuridade do ser humano em seu desamparo primordial. O Eu ideal, portanto, enquanto destino do deslocamento da libido, que compreende o narcisismo, se erige como uma tentativa de recuperação da satisfação pulsional – que regia em um tempo mítico de inércia absoluta - pela via do objeto, na qual o Eu é ofertado às pulsões. Trata-se de uma recuperação de satisfação que se impõe, na medida em que a passagem do auto-erotismo ao narcisismo deixa um saldo que é o Ideal – tornando-se uma espécie de norteador para as aspirações egóicas em busca do inanimado original.

Segundo Freud, “o desenvolvimento do ego consiste num afastamento do narcisismo primário e dá margem a uma vigorosa tentativa de recuperação desse estado” (Freud, 1914/2006, p.106). O Eu torna-se mais desenvolvido e, portanto, progressivamente distante do antigo padrão auto-erótico de satisfação à medida em que a libido é deslocada para este eu ideal e que obtém satisfação não mais apenas no prazer do órgão, mas no cumprimento de realizações que aproximem o Eu dos padrões de seu Ideal. De acordo com o autor:

“Esse ego ideal é agora o alvo do amor de si mesmo (*self-love*) desfrutado na infância pelo ego real. O narcisismo do indivíduo surge deslocado em direção a esse novo ego ideal, o qual, como o ego infantil, se acha possuído de toda perfeição de valor. Como acontece sempre que a libido está envolvida, mais uma vez aqui o homem se

mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação de que outrora desfrutou” (Freud, 1914/2006, p.100).

Inspirado numa identificação ao pai, o Ideal de Eu “impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos” (Freud, 1914/2006, p.107) – as restringe e as padroniza de acordo com as mais elevadas aspirações egóicas. Portanto, “a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor da repressão” (Freud, 1914/2006, p.101). De acordo com o autor, se, por um lado, ao emitir catexias objetais libidinais o Eu se enfraquece por conta do deslocamento da libido que vinha investida nele, por outro, “o faz em benefício do ideal do ego, e se enriquece mais uma vez a partir de suas satisfações no tocante ao objeto, do mesmo modo que o faz, realizando seu ideal” (Freud, 1914/2006, p.106). Podemos notar, por meio desta passagem, que a montagem do circuito pulsional - seus trilhamentos e investimentos - sustenta uma determinada posição narcísica, e que, portanto, o narcisismo se caracteriza por uma certa satisfação pulsional.

Pode-se ainda concluir, junto a Freud, que “a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão” (Freud, 1914/2006, p.100). Repressão esta que passa por uma outra instância diferenciada do Eu, a que neste texto Freud apenas alude, e que vem a formalizar posteriormente em sua segunda tópica. Trata-se do Supereu, que em favor dos anseios do Ideal de Eu incumbe-se da tarefa de assegurar a satisfação narcísica que se pauta neste Ideal. Para tanto, observa “constantemente o ego real, medindo-o por aquele ideal” (Freud, 1914/2006, p.102). Posteriormente, no próximo capítulo deste escrito, deter-nos-emos com mais atenção às conseqüências da instauração destas gradações no Eu para a personalidade psíquica.

Por enquanto, trata-se de fazer notar que, a partir destas reformulações, o conflito pulsional responderia não apenas pelo Eu enquanto um zelante da espécie, mas também pelo cumprimento das ambições e das aspirações provenientes do seu Ideal. O conflito psíquico, portanto, emerge fundado numa compreensão das aspirações sexuais como um conteúdo ameaçador em sua heteronímia ao equilíbrio da instância egóica, e que, desta forma, fundamentava o conflito pulsional que o sintoma comportava. Escreve Freud:

“Sabemos que os impulsos libidinais sofrem a vicissitude da repressão patogênica se entram em conflito com as idéias culturais e éticas do indivíduo. Com isso, nunca queremos dizer que o indivíduo em questão dispõe de um conhecimento meramente intelectual da existência de tais idéias; sempre queremos dizer que ele as reconhece como um padrão para si próprio, submetendo-se às exigências que elas lhe fazem. A repressão, como dissemos, provém do ego; poderíamos dizer com maior exatidão que provém do amor-próprio do ego” (Freud, 1914/2006, p.100).

Temos, portanto, que o Eu reprime conteúdos que sejam contrários às aspirações do Ideal de eu e, deste modo, “o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado” (Freud, 1914/2006, p.107); o que, posteriormente, vem a configurar uma padronização na eleição dos investimentos objetais. Ou seja, o que falta ao Eu para o Ideal é investido de libido: “Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às tendências sexuais não menos do que às outras – isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade” (Freud, 1914/2006, p.107). Se, por ventura, os esforços pulsionais do Isso contradizem estas pretensões, o Eu dedica-se a reprimi-los. Em contrapartida, caso o Eu encontre um objeto à altura das exigências de seu investimento, mas, no entanto, por qualquer razão venha a perdê-lo, o que se passa é uma retroversão da libido empregada nestas catexias em direção regressa ao próprio Eu, mais particularmente uma “introversão para as fantasias” (Freud, 1914/2006, p.93), ponto que também avaliaremos pormenorizadamente no capítulo vindouro. De qualquer modo, reconhecer esta introversão da libido ao Eu foi o que possibilitou a Freud, um ano mais tarde, formalizar uma teoria metapsicológica sobre a pulsão e seus destinos.

Em *Instintos e suas vicissitudes*, de 1915, Freud define a pulsão como uma força de estímulo constante, cuja fonte reside no próprio organismo, de modo tal que ações de fuga motora não refletem qualquer espécie de abrandamento no caráter incessante de sua incidência. Por este motivo, além das pulsões promoverem as bases para a distinção “entre um ‘de fora’ e um ‘de dentro’” (Freud, 1915/2006a, p.125), elas também impõem exigências mais vastas ao psiquismo do que estímulos externos o fariam, “fazendo com que ele empreenda atividades complexas e interligadas, pelas quais o mundo externo se modifica de forma a proporcionar satisfação à fonte interna de estimulação” (Freud, 1915/2006a, p.126). Desta feita, podemos concluir que, diante dos

desafios que estabelecem ao psiquismo, as pulsões “constituem as verdadeiras forças motrizes por detrás dos progressos que conduziram o sistema nervoso, com sua capacidade ilimitada, a seu alto nível de desenvolvimento atual” (Freud, 1915/2006a, p.126).

Desde estas considerações, Freud extrai a fórmula que define uma pulsão como “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático” (Freud, 1915/2006a, p.127), e, deste modo, atua “como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida da exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo” (Freud, 1915/2006a, p.127). Podemos então concluir que “o movimento pulsional é a causa material do inconsciente” (Cabas, 2009, p.55); ou seja, por meio de seus representantes, a pulsão impõe um incessante trabalho de interpretação ao inconsciente na tentativa de vincular sua energia livre num atrelamento ao seu representante. Trata-se de uma força que parte do somático e que funda o inconsciente pela via do recalque original, que segundo Freud é

“uma primeira fase de repressão, que consiste em negar entrada no consciente ao representante psíquico (ideacional) do instinto. Com isso, estabelece-se uma *fixação*; a partir de então, o representante em questão continua inalterado, e o instinto permanece ligado a ele” (Freud, 1915/2006b, p.153).

É importante lembrar que, em *Análise terminável e interminável*, uma das definições a respeito dos meios para se acessar a mudança que o autor estabelece como signo de cura recai, justamente, em uma retificação que se estende a este processo primordial²⁹, como uma “correção do processo original de repressão” (Freud, 1937/2006, p.243).

O representante da pulsão, que fundamenta o recalque original, encontra-se atrelado à fonte pulsional (*quelle*), fixado a ela – sendo que a fonte compõe uma das quatro características que o autor vincula às pulsões. A fonte refere-se a uma zona erógena e, portanto, ao “processo somático que ocorre num órgão ou parte do corpo, e cujo estímulo é representado na vida mental por um instinto” (Freud, 1915/2006a, p.128). Lacan lembra, ainda, que, “na tradição analítica, reportamo-nos sempre à imagem estritamente focalizada das

²⁹ Ver páginas 14, 27 e 28.

zonas reduzidas à sua função de borda” (Lacan, 1964b/1985 p.163). Borda, por demarcar, na consistência do corpo, o limite para com o espaço de um vazio – tal como a boca e o ânus. De acordo com Lacan,

“a própria delimitação da ‘zona erógena’ que a pulsão isola do metabolismo da função [...] é a obra de um corte que se beneficia do traço anatômico de uma margem ou uma borda: lábios, ‘cerca dos dentes’, borda do ânus, sulco peniano, vagina, fenda palpebral e até o pavilhão da orelha” (Lacan, 1960/1998, p.832).

Segundo Freud, as pulsões são numerosas justamente por emanarem de uma grande variedade de fontes orgânicas. A satisfação que cada uma delas reside na “consecução do ‘prazer do órgão’” (Freud, 1915/2006a, p.131), ou seja, no prazer que a pulsão confere à sua fonte, posto que, como afirma Lacan, “não é pelo alimento que ela se satisfaz, é como se diz, pelo prazer da boca” (Lacan, 1964/1985, p.159). Se as pulsões parciais, como nomeia Freud, são tão numerosas, Lacan as justifica em sua qualidade pelo fato de que “a característica ‘parcial’, justificadamente acentuada nos objetos, não é aplicável por eles serem parte de um objeto total, que seria o corpo, mas por só representarem parcialmente a função que os produz” (Lacan, 1960/1998, p.832).

Entre os outros elementos da pulsão inclui-se a pressão (*drang*), que é regida por “uma pura e simples tendência à descarga” (Lacan, 1964/1985, p.155), compreendendo o empuxo motor da pulsão. A pressão atua como uma força de impacto constante e, portanto, está diretamente referida à conseqüente medida da exigência que impõe ao inconsciente. Trata-se de uma particular especificidade da pulsão em relação ao instinto, posto que “a constância do impulso proíbe qualquer assimilação da pulsão a uma função biológica, a qual tem sempre um ritmo” (Lacan, 1964/1985, p.157).

Freud define ainda a sua finalidade, ou o alvo (*ziel*) pulsional, que é sempre a satisfação - ainda que para alcançá-la a pulsão sujeite-se a desvios em sua trajetória mais direta. E, por último, refere-se ao objeto (*objekt*), que segundo o autor é uma espécie de instrumento para a obtenção da finalidade pulsional, sendo “o que há de mais variável num instinto e, originalmente, não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação” (Freud, 1915/2006a, p.128) – ou seja, é o veículo

pelo qual a pulsão pode atingir seu alvo, que é a satisfação. O objeto, por ser indefinido em sua especificidade, a não ser a de ter sucesso na obtenção de satisfação, pode até mesmo ser uma parte do corpo, como ocorre no auto-erotismo. Por ser amplamente variável, o objeto é um dos elementos que confere à pulsão seu caráter plástico, promovendo uma imensa gama de vias à satisfação que se passa na fonte de onde a mesma emana. No entanto, a pulsão também pode se ligar de forma mais permanente ao objeto, o que restringiria sua mobilidade, correspondendo ao que Freud nomeava por *fixação*.

Freud definia a fixação como um “retardamento de uma tendência parcial num estágio anterior” (Freud, 1917/2006c, p. 344) do desenvolvimento da libido. E, portanto, toda fixação comporta uma regressão, ou seja, “um retorno da libido a anteriores pontos de interrupção de seu desenvolvimento” (Freud, 1917/2006c, p.346). Entretanto, “a tenacidade com que a libido adere a determinadas tendências e objetos – o que se pode descrever como ‘adesividade’ da libido – surge como fator independente, variando de indivíduo para indivíduo” (Freud, 1917/2006c, p.351).

Na busca pela satisfação, a pulsão pode sujeitar-se a quatro destinos: a reversão a seu oposto, o retorno em direção ao próprio Eu, a repressão e a sublimação. Freud lembra ainda que, diante do conflito psíquico que a pulsão impõe às aspirações egóicas, “também podemos considerar essas vicissitudes como modalidades de *defesa* contra os instintos” (Freud, 1915/2006a, p.132). Portanto, os destinos das pulsões compreenderiam, todos eles, medidas defensivas contra sua satisfação direta e perigosa ao psiquismo. Diante destes mecanismos podemos observar a regência soberana de dois deles: a repressão e a sublimação - que corresponderia a uma satisfação dessexualizada e que prescindiria da repressão. Os dois outros destinos – a reversão ao seu oposto e o retorno em direção à própria pessoa – devem contar, necessariamente, com um processo de repressão efetuado pelo Eu, a fim de converter, em algo, sua vicissitude para que se possa cumprir com a exigência de satisfação.

Observa-se que, ainda que o movimento pulsional seja essencialmente auto-erótico em sua finalidade ao visar à satisfação de um órgão, Freud nota as incidências da descoberta do narcisismo nos caminhos pelos quais a pulsão

pode obter sua peculiar forma de satisfação, e que em diversos casos pode abranger o Eu enquanto instância como objeto da pulsão. Escreve Freud: “no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com os instintos, sendo até certo ponto, capaz de satisfazê-los em si mesmo. Denominamos essa condição de ‘narcisismo’, e essa forma de obter satisfação, de ‘auto-erótica’” (Freud, 1915/2006a, p.139).

Ainda assim, nos textos posteriores, Freud mantinha seus esforços de trabalhar no sentido de uma dualidade pulsional fundamentada na teoria de pulsões do Eu, ou de autoconservação, e pulsões sexuais, pois via nesta dualidade a fonte para o conflito psíquico e germe da neurose. Em suas *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1916-7), Freud vinculava as pulsões sexuais à formação da angústia, alegando que “se a fome e a sede (os dois instintos de autopreservação mais elementares) estão insatisfeitas, o resultado nunca é sua transformação em ansiedade” (Freud, 1917/2006a, p.413), quando o contrário, ou seja, a angústia resultante de uma insatisfação das pulsões sexuais, seria registrado na clínica de forma ampla e recorrente. Desde aí, podemos concluir que “a construção de um sintoma é o substituto de alguma coisa que não aconteceu” (Freud, 1917/2006b, p.287), ou seja, o sintoma advém como uma satisfação substitutiva à satisfação pulsional direta e imediata, mas que ainda assim a veicula por meio de sua trama patogênica.

Temos, portanto, que “a neurose é uma estratégia. A estratégia do que é materialmente possível quanto à busca da satisfação e à realização do gozo³⁰” (Cabas, 2009, p.61). Isto porque, segundo Freud:

“Há um limite à quantidade de libido não satisfeita que os seres humanos, em média, podem suportar. A plasticidade ou livre mobilidade da libido não se mantém absolutamente preservada em todas as pessoas, e a sublimação jamais tem a capacidade de manejar senão determinada parcela de libido; acresce-se o fato de que muitas pessoas são dotadas apenas de uma escassa capacidade de sublimar. A mais importante dessas limitações é, evidentemente, aquela referente à mobilidade da libido, de vez que isto faz com que a satisfação da pessoa dependa da obtenção de apenas um número muito reduzido de fins e de objetos” (Freud, 1917/2006c, p.349).

Neste ponto de evolução de sua teoria, Freud observa que as pulsões de autopreservação são as que mais facilmente se sujeitam a desvios e

³⁰ Satisfação pulsional, de acordo com Lacan, no Seminário 7 (p.256).

intercorrências no alcance de seus interesses. Adaptam-se às necessidades e exigências da realidade com particular destreza. Em compensação, as pulsões sexuais mostram-se especialmente avessas à adoção do princípio de realidade, como fazem as pulsões do Eu; princípio este que, ainda assim, preserva sua origem ao intuito de obter prazer, “mas prazer que se assegura levando em conta a realidade, ainda que seja um prazer adiado ou diminuído” (Freud, 1917/2006c, p.360). As pulsões sexuais em contrapartida, porque estão ligadas, “à semelhança de parasitas, por assim dizer, às outras funções corporais e conseguem sua satisfação auto-eroticamente no próprio corpo da pessoa” (Freud, 1917/2006c, p.358), podem manter-se fielmente atreladas ao princípio de prazer e alheias às demandas do meio externo, de modo tal que “conservam essa característica de serem rebeldes e inacessíveis à influência” (Freud, 1917/2006c, p.358).

Até então, o sintoma era compreendido tendo em vista o conflito desta dualidade pulsional em que se travava um embate regido pela soberania do princípio de prazer, que encontrava nas forças do Isso a fonte de exigências imediatas e irrestritas de satisfação, ao passo que os anseios do Eu se colocam de modo a se defenderem destas inflexões e aumentos de energia, bem como da carga sexual nociva às suas aspirações que as pulsões sexuais impõem. A neurose, portanto, é uma saída para o embate pulsional, um produto do incessante conflito psíquico estabelecido por estas forças antagônicas. Fato que dirigia as atenções de Freud para sua incidência na prática clínica e como obstáculo à cura. Entretanto, em 1920, Freud faz uma verdadeira revolução em sua compreensão da dualidade pulsional, ao observar a soberania de algo que descreve como estando para “além do princípio de prazer”.

No escrito em que se dedica a estas apreensões, Freud mais uma vez comenta seus esforços para agregar elementos econômicos aos processos topográficos e dinâmicos, a fim de construir uma elaboração metapsicológica de sua teoria psicanalítica. Retoma suas elaborações anteriores e, levando em conta o impasse posto em 1914 com o texto *Introdução ao narcisismo*, observa:

“o ego encontrou então sua posição entre os objetos sexuais e imediatamente recebeu o lugar de proa entre eles. A libido que assim se alojara no ego foi descrita como ‘narcisista’. Essa libido narcisista era também, naturalmente, uma manifestação da força do instinto sexual, no sentido analítico dessas palavras, e necessariamente tinha de ser identificada com os instintos de autoconservação, cuja existência fora reconhecida desde o início. Assim, a oposição original entre os instintos do ego e os instintos sexuais mostrou-se inapropriada. Viu-se que uma parte dos instintos do ego era libidinal e que instintos sexuais (provavelmente ao lado de outros) operavam no ego” (Freud, 1920/2006, p.62).

Desde que passou a se debruçar sobre as conseqüências dos fenômenos clínicos que observava em neuroses narcísicas, Freud não pôde mais manter-se confortável em sua elaboração de uma distinção dicotômica entre as pulsões egóicas e as sexuais. No texto *Além do princípio de prazer* (1920), o autor elenca diversos apanhados clínicos que o levam a constatar que “é incorreto falar na dominância do princípio de prazer” (Freud, 1920/2006, p.19); isto porque observa inúmeros exemplos que contradizem uma suposta primazia do princípio de prazer na vida mental, pelo simples fato de que eventos desprazerosos se apresentam nas neuroses com uma freqüência tão intensa que “o máximo que se pode dizer, portanto, é que existe uma forte *tendência* no sentido do princípio de prazer” (Freud, 1920/2006, p.19).

Tampouco seria cabível inferir, portanto, que a dominância havia de ser atribuída ao princípio de realidade. Posto que, ainda que o princípio de realidade exija e efetue “o adiamento da satisfação, o abandono de uma série de possibilidades de obtê-la, e a tolerância temporária do desprazer como uma etapa no longo e indireto caminho para o prazer” (Freud, 1920/2006, p.20), o que se observa na clínica das neuroses é uma insistente recorrência de eventos desprazerosos. Freud os faz notar particularmente em exemplos que cita de neuroses traumáticas, sonhos de angústia e brincadeiras infantis, que carregam e imprimem as mesmas tendências a repetir de forma incessante os eventos e episódios de sofrimento a que a pessoa em questão fora submetida.

Em exemplos ainda mais recorrentes, o autor demonstra de que modo esta tendência a reviver momentos dolorosos se impõe com regularidade nas neuroses de transferência; ou seja, quando o analisante repete fatos do passado, que certamente lhe trazem pesar, na situação analítica atual. Daí deduz que, quando as pulsões mostram-se incompatíveis com as aspirações do ego e são reprimidas, no entanto alcançam êxito em “conseguir chegar por

caminhos indiretos a uma satisfação direta ou substitutiva, esse acontecimento, que em outros casos seria uma oportunidade de prazer, é sentida pelo ego como desprazer” (Freud, 1920/2006, p.20). Donde se torna possível inferir que “todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal” (Freud, 1920/2006, p.21), ao passo que estas repetições impõem “desprazer para um dos sistemas e, simultaneamente, satisfação para outro” (Freud, 1920/2006, p.31).

Freud observava que “os pacientes repetem na transferência todas essas situações indesejadas e emoções penosas, revivendo-as com a maior engenhosidade” (Freud, 1920/2006, p.32). Ainda que veiculem uma intensa carga de desprazer e sofrimento, estas experiências do passado “são repetidas sob a pressão de uma compulsão” (Freud, 1920/2006, p.32). Pressão tão constante e imperiosa que só poderia ser vinculada ao funcionamento pulsional. Freud observava, portanto, a tendência das pulsões a uma compulsão à repetição que levava as neuroses a reavivar estados anteriores, situações passadas, de modo à presentificá-las e vivenciar, mais uma vez, um desprazer anterior. Isto porque “o instinto reprimido nunca deixa de esforçar-se em busca da satisfação completa, que consistiria na repetição de uma experiência primária de satisfação” (Freud, 1920/2006, p.52). No entanto, a vivência do que se é reexperimentado sob a compulsão à repetição inevitavelmente acarreta em desprazer ao Eu, posto que “traz à luz as atividades dos impulsos instintuais reprimidos” (Freud, 1920/2006, p.31) – ou seja, Freud concluía que “*um instinto é um impulso inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas*” (Freud, 1920/2006, p.47), ainda que a busca por este estado anterior implique em desprazer ao Eu.

Agora, a teoria pulsional freudiana assumia o caráter de uma “expressão da inércia inerente à vida orgânica” (Freud, 1920/2006, p.47), ao observar a tendência das pulsões de promoverem, em última instância, um retorno ao inanimado – ou seja, ao que jaz num passado último, mais remoto, antes das perturbações externas que deram início à vida. Trata-se de “um estado inicial de que a entidade viva, numa ou noutra ocasião, se afastou e ao qual se esforça por retornar através dos tortuosos caminhos ao longo dos quais seu desenvolvimento conduz” (Freud, 1920/2006, p.49); o que leva Freud a concluir que “*o objetivo de toda vida é a morte*” (Freud, 1920/2006, p.49).

No entanto, se por um lado estamos diante de uma nova concepção pulsional que registra “uma expressão da natureza *conservadora* da substância viva” (Freud, 1920/2006, p.47) e que, ao seguir uma *tendência* no sentido do princípio do prazer, faz observar que nele subjaz também o princípio de constância, derivado de um esforço de manter ao mínimo, ao mais próximo do inanimado o aparelho psíquico; ainda assim Freud se mantém fiel a uma concepção dualista, prevendo, portanto que, “além dos instintos de conservação que impelem à repetição, poderão existir outros que impulsionam no sentido do progresso e da produção de novas formas” (Freud, 1920/2006, p.48). Segundo o autor, as concepções analíticas foram, desde sempre dualistas, “e são hoje ainda mais definidamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre os instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte” (Freud, 1920/2006, p.63).

Freud estabelece os instintos de vida como tendo a função de “garantir que o organismo seguirá seu próprio caminho para a morte, e afastar todos os modos possíveis de retornar à existência inorgânica que não sejam os imanentes ao próprio organismo” (Freud, 1920/2006, p.50). Ou seja, as pulsões sexuais (ou de vida, como também nomeia o autor) “trabalham contra a morte da substância viva e têm êxito em conseguir para ela o que só podemos encarar como uma imortalidade potencial, ainda que isso possa significar nada mais do que um alongamento da estrada para a morte” (Freud, 1920/2006, p.51). Desta forma, podemos notar uma tendência geral às duas pulsões aos esforços de conservação. No entanto, as pulsões sexuais têm a particular incumbência de prolongarem a vida orgânica, e desta feita se põem contrárias a tendência imediatista de destruição das pulsões de morte.

A esse respeito, Freud faz ressaltar a função opositiva em que se sustentaria seu novo dualismo e a teoria das neuroses, e como resultado dessa interação “é como se a vida do organismo se movimentasse num ritmo vacilante” (Freud, 1920/2006, p.51), o que leva o autor a concluir que, a partir dos esforços da pulsão de vida, “o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo. Assim, originalmente, esses guardiões da vida eram também os lacaios da morte” (Freud, 1920/2006, p.50) De acordo com Freud, é à pulsão sexual e à sua tendência ao prolongamento da vida por meio do seguimento de

caminhos diferentes, longínquos e particulares que podemos atribuir os impulsos de progresso e de desenvolvimentos superiores nos seres humanos. Segundo o autor, “o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver” (Freud, 1920/2006, p.60).

Temos, portanto, que, se as pulsões de morte “procuram conduzir o que é vivo à morte” (Freud, 1920/2006, p.57), as pulsões de vida “estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida” (Freud, 1920/2006, p.57), no que Eros trabalha no sentido de estabelecer combinações e laços cada vez mais amplos; “visa a complicar a vida e, ao mesmo tempo, naturalmente, a preservá-la” (Freud, 1923/2006, p.53). Em sua nova formulação sobre as teorias pulsionais, Freud verifica que as pulsões sexuais também estão incumbidas da tarefa de preservar a vida, tarefa que anteriormente estava estritamente adscrita às pulsões do Eu, ou de autopreservação; mas que desde o impasse posto pelo narcisismo exigiu as devidas reconsiderações. Sendo assim, a pulsão sexual, ou de vida, “abrange não apenas o instinto sexual desinibido propriamente dito e os impulsos instintuais de natureza inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dele derivam, mas também o instinto autopreservativo” (Freud, 1923/2006, p.53).

Freud observa, em sua nova teoria pulsional, que, no que a vida se inicia desde uma perturbação no estado de repouso inercial, inicia-se juntamente um esforço no sentido da morte, de resgate de um tempo primevo e mítico em que o aparelho gozava da homeostase mortificadora. A vida, portanto, encontra na neurose uma possibilidade de conciliação e convergência entre estas tendências conflitantes.

Isto posto, Freud se indaga sobre as vinculações e declinações que podem existir entre a estruturação do aparelho psíquico – o Eu, o Supereu e o Isso - e as duas classes de pulsões. Ou seja, busca seguir avante na construção de sua metapsicologia de modo a convergir as disposições topológicas e dinâmicas às implicações econômicas encontradas no conflito pulsional, especialmente desde a constatação da pulsão de morte, que, diferentemente da pulsão sexual, é menos plástica, apresentando uma intensidade complicadora à direção de cura desde a adesividade que estabelece nas neuroses.

Ao verificar estas tendências estabelecidas pela pulsão de morte no sentido de “uma compulsão à repetição que sobrepuja o princípio de prazer” (Freud, 1920/2006, p.33), Freud é levado a concluir que “pode haver um masoquismo primário” (Freud, 1920/2006, p.65), anterior mesmo ao pleno desenvolvimento da sexualidade, e que não se limitaria a operar nas perversões, mas seria, desde as tendências da pulsão de morte, um elemento presente nas bases da estruturação neurótica e que tencionaria o aparelho na desagregação dos laços e das construções estabelecidas por Eros, e que, portanto, elevar-se-ia ante o processo analítico, que tem na pulsão de morte seu maior rival.

Freud observa as declinações da pulsão de morte neste masoquismo primário que impera como base das neuroses, operando desde a tendência a recuperar uma satisfação pulsional já vivenciada, ainda que ocasione desprazer ao Eu. A compulsão à repetição de vivências passadas que se imprimem na atualidade, ainda que com novas cores, preservam seu núcleo lógico de operação, ou seja, uma satisfação típica e que deve sempre ser buscada novamente. Na convergência para a trama neurótica, de acordo com Freud (1920/2006), a impressão que dão os neuróticos é de “serem perseguidos por um destino maligno, ou possuídos por algum poder ‘demoníaco’” (Freud, 1920/2006, p.32). Adenda, no entanto, que “a psicanálise, porém, sempre foi de opinião de que seu destino é, na maior parte, arranjado por eles próprios e determinado por influências infantis primitivas” (Freud, 1920/2006, p.32). Escreve, Freud:

“essa ‘perpétua recorrência da mesma coisa’ não nos causa espanto quando se refere a um comportamento *ativo* por parte da pessoa interessada, e podemos discernir nela um traço de caráter essencial, que permanece sempre o mesmo, sendo compelido a expressar-se por uma repetição das mesmas experiências. Ficamos muito mais impressionados nos casos em que o sujeito parece ter uma experiência *passiva*, sobre a qual não possui influência, mas nos quais se defronta com uma repetição da mesma fatalidade” (Freud, 1920/2006, p.33).

Segundo o autor, as incidências deste empuxo da compulsão à repetição veiculada pela pulsão de morte se impõem com a “aparência de alguma força ‘demoníaca’ em ação” (Freud, 1920/2006, p.46), força que rege o acaso num encontro com a constante reincidência de um sofrimento que lhe é

familiar. É o que leva Freud a refletir sobre “as misteriosas tendências masoquistas do ego” (Freud, 1920/2006, p.24).

Trata-se de questionamentos que recaem sobre a clínica ao se levar em conta as implicações econômicas deste fator quantitativo que a pulsão de morte impõe como germe das alterações no Eu que o masoquismo primário acarreta. Antes destas considerações, “a psicanálise era então, primeiro e acima de tudo, uma arte interpretativa” (Freud, 1920/2006, p.29), ao se ater à solução dos enigmas simbólicos que o sintoma impõe. Porém, o que Freud verifica é que “o ‘para quê’ de um sintoma, seu propósito, no entanto, é invariavelmente um processo endopsíquico” (Freud, 1917/2006d, p.291), ou seja, sua causa é pulsional, o que o leva a se debruçar sobre os impasses estabelecidos pela questão econômica nas neuroses e a ter de levar em conta um cálculo da satisfação nela engendrada. Isto, pois “há ‘algo’ na estrutura da pulsão que transcende e ultrapassa a dimensão simbólica e o plano do inconsciente” (Cabas, 2009, p.59), e é com estes elementos que a direção de cura está implicada.

Pois Freud lembra que o inconsciente não oferece qualquer tipo de resistência aos esforços analíticos, pelo contrário, “ele próprio não se esforça por outra coisa que não seja irromper através da pressão que sobre ele pesa, e abrir seu caminho à consciência” (Freud, 1920/2006, p.30). Escreve Freud:

“uma neurose poderia resultar de uma espécie de ignorância – um não-saber acerca de acontecimentos mentais de que se deveria saber. Isto seria uma aproximação mais efetiva a algumas conhecidas doutrinas socráticas, segundo as quais até mesmo os vícios se baseiam na ignorância. Ora, via de regra seria muito fácil, para um médico experiente em análise, compreender que impulsos mentais tivessem permanecido inconscientes em determinado paciente. Então não lhe seria muito difícil, também, recuperar o paciente, comunicando seu conhecimento a este e assim remediando a ignorância de seu paciente” (Freud, 1917/2006b, p.288).

No entanto, o revelamento deste material não se converte na cura espontânea. E longe do que seria uma prática meramente interpretativa, que, atendo-se aos enigmas da neurose se debruçasse sobre esforços de fortalecimento do Eu, colaborando para um franqueamento das posições narcísicas; a psicanálise visa, justamente, à queda destes Ideais. Freud sabia que a transferência direta de informação ao paciente por meio de

interpretações elucidativas de sua condição patológica não produziria qualquer resultado no quadro neurótico (1917/2006b). E, desta feita, constata que “o paciente sabe, depois disso aquilo que antes não sabia – o sentido de seus sintomas; porém, sabe tanto quanto sabia. Com isso, aprendemos que existe mais de uma espécie de ignorância” (Freud, 1917/2006b, 289).

Freud se deparava com um rechaço ao saber, no qual se cunha a posição neurótica, uma espécie de ignorância que não seria demovida pelo saber teórico que o analista pudesse agregar, por meio de interpretações, ao caso clínico. Portanto, o saber com o qual a psicanálise opera se revela como sendo de outro estatuto, um estatuto que ultrapassa a dimensão simbólica; posto que “saber nem sempre é a mesma coisa que saber: existem diferentes formas de saber, que estão longe de serem psicologicamente equivalentes” (Freud, 1917a/2006b, p.288). A psicanálise visa à assunção de uma elaboração que se funde no saber que se produz enquanto analisante. Sendo assim, “o conhecimento deve basear-se numa modificação interna no paciente” (Freud, 1917/2006b, p.289). Modificação esta que deve levar em conta uma mudança de posição frente à castração. E que, para tanto, deve operar com a satisfação e as fixações pulsionais que sustentam uma particular posição narcísica. Isto posto, somos levados a concluir com Lacan que “é no nível da pulsão que o estado de satisfação deve ser retificado” (Lacan, 1964/1985, p.158), retificação esta contra a qual o fator quantitativo da pulsão estabelece resistência, o que resulta em obstáculos para que se possa alcançar a mudança que uma análise aspira; ou seja, a construção de uma nova posição subjetiva frente ao real pulsional.

É por isto que podemos concluir, ao fim deste capítulo, que o fator quantitativo revela-se um obstáculo decisivo na cura analítica, dado que “a psicanálise nos ensinou que são as vicissitudes da libido que decidem em favor da saúde ou da moléstia nervosa” (Freud, 1912/2006a, p.249), isto porque a disposição à neurose encontra-se profundamente atrelada à história do desenvolvimento da libido, no que esta promove a “inflexibilidade das fixações” (Freud, 1912\2006a, p.254) que determinam uma compulsão a repetição desta mesma forma de satisfação, comprometendo a plasticidade pulsional. Esta fixação pulsional comporta-se como um “represamento da libido que o ego não pode desviar sem danos com os meios à sua disposição. Mas esta situação em

si apenas se torna patogênica em resultado de um fator quantitativo” (Freud, 1912\2006a, p.255). É por isto que, se a causa dos sintomas é pulsional, seus efeitos recaem em prejuízos ao Eu, alterações, como nomeia Freud, as quais investigaremos no capítulo seguinte.

4. AS ALTERAÇÕES NO EU: da divisão ao fantasma

Este capítulo tem por objetivo investigar o que Freud nomeia, em seu texto *Análise terminável e interminável*, como “alterações no Eu”, e para tanto pretende-se uma recuperação conceitual dos elementos implicados na concepção do que seria o caráter destas alterações, bem como suas conseqüências ao psiquismo e à clínica analítica. Deste modo, objetiva-se lançar luz aos argumentos elencados por Freud ao eleger estas alterações como sendo um dos principais obstáculos à análise, e que somadas à incidência do fator quantitativo e sob a égide da pulsão de morte determinam o sucesso dos esforços de cura.

4.1 – Da divisão à defesa

No capítulo anterior nos dedicamos à questão do fator quantitativo e das incidências e deflexões pulsionais sobre o psiquismo, de modo a investigar sua atuação econômica na promoção da neurose. Neste capítulo, que se debruça sobre as alterações no Eu, tampouco nos furtaremos ao tema anterior, pois, já em 1896, Freud, no seu *Rascunho K*, definia as neuroses como “aberrações patológicas de estados afetivos psíquicos normais” (Freud, 1896/2006, p.267), o que, na abordagem destas alterações, nos retorna à questão de um certo limiar quantitativo, afetivo, que, quando ultrapassado, atua como um dos elementos causadores da manifestação neurótica e que se revela justamente na qualidade destas alterações que pretendemos aqui investigar. Isto, pois, temos com Lacan, que

“há estados e mudanças de estado. Para explicar sua sucessão e suas transformações recorreremos, mais ou menos implicitamente, à noção de um limiar e, da mesma feita, à de um nível e de uma constância. Vocês supõem uma unidade quantitativa, indiferenciada, e capaz de encontrar sua expansão normal, espalhar-se, ocorrerão ultrapassamentos a partir dos quais outros estados manifestar-se-ão” (Lacan, 1954/1985, p.279).

Se para Freud a neurose se apresenta como uma alteração destes estados afetivos em decorrência de um ultrapassamento quantitativo, o autor ainda adenda que as mesmas “diferem desses afetos pelo fato de não conduzirem à resolução de coisa alguma, e sim a um permanente prejuízo para o ego” (Freud, 1896/2006, p.267). Desde então, o autor se mostrava atento à questão destes prejuízos que a neurose produzia no Eu, o que o levava a concluir que “o caráter específico de uma determinada neurose está no modo como se realiza o recalque” (Freud, 1986/2006, p.270), e, portanto, na especificidade do prejuízo acarretado por estas deformações, donde derivam as formações sintomáticas.

O recalque, portanto, define algo da qualidade da patologia, posto que nele reside a estratégia própria à neurose, e que, no propósito de atuar como uma defesa contra o conteúdo recalcado – defesa esta que Freud verifica como uma espécie de tendência nas neuroses por estar “ligada às condições mais fundamentais do funcionamento psíquico” (Freud, 1986/2006, p.268) – toma a forma de idéias obsessivas, projeções, autocensura e conversões somáticas. Nos estudos pré-psicanalíticos, a tendência à defesa na neurose era compreendida como tendo seu ápice no que o autor denominava por “lacuna na psique” (Freud, 1986/2006, p.276), em que, por meio destas formações sintomáticas, o conteúdo rechaçado da consciência apresentava-se apartado da mesma, ficando isolado na esfera inconsciente. Colocava-se, então, para Freud, a questão de uma “divisão da consciência, acompanhada da formação de grupos psíquicos separados” (Freud, 1984/2006, p.53). Porém, no mesmo escrito, o autor confessa a necessidade de investigar a origem desta divisão primeva, cuja manifestação reconhecia no recalque.

Nos estudos que antecederam a doutrina psicanalítica, Freud registrava de sua clínica a emergência da doença em pacientes coincidindo com “uma ocorrência de incompatibilidade em sua vida representativa” (Freud, 1984/2006, p.55), ou seja, reconhecia a vivência de uma experiência, uma representação ou um sentimento que suscitaram um conflito psíquico de tão grande proporção que evocava no aparelho a necessidade de supressão destes registros. No entanto, escreve que “a tarefa que o eu se impõe, em sua atitude defensiva, de tratar a representação incompatível como ‘*non-arrivé*’, simplesmente não pode ser realizada por ele. Tanto o traço mnêmico como o

afeto ligado à representação lá estão de uma vez por todas e não podem ser erradicados” (Freud, 1984/2006, p.56). Ou seja, ao Eu não cabe a possibilidade de abortar a incidência destes estímulos, sejam eles externos ou internos, e, portanto, ao invés disso, o mesmo se incumbe de transformar “essa representação poderosa numa representação fraca” (Freud, 1984/2006, p.56), por meio de uma retirada dos investimentos libidinais, para que, por uma questão econômica, estas representações imponham exigências menores ao aparelho, diminuindo suas chances de aceder à esfera consciente. Se a formação do recalque consistiria nesta distensão entre afeto e representação, por outro lado, Freud adenda que “a soma de excitação desvinculada dela tem que ser utilizada de alguma outra forma” (Freud, 1984/2006, p.56).

Esta “outra forma” de emprego da soma de excitação registra o estilo de uma neurose, como anunciava Freud, pelo modo de recalque – ou seja, pela particularidade do sintoma que dele deriva. Nas histerias, a este exemplo, a conversão efetua o recalque as expensas da sobrecarga em um símbolo mnêmico “que se aloja na consciência como uma espécie de parasita, quer sob a forma de uma inervação motora insolúvel, quer como uma sensação alucinatória constantemente recorrente” (Freud, 1984/2006, p. 57). Já nas obsessões, ocorreria a separação do afeto relativo à idéia recalcada, que, no entanto, permaneceria presente na esfera psíquica de modo enfraquecido, pois dissociado do afeto correspondente. Este último, “tornado livre, liga-se a outras representações que não são incompatíveis em si mesmas, e graças a essa ‘falsa ligação’, tais representações se transformam em representações obsessivas” (Freud, 1984/2006, p.58-9).

Sendo assim, a clínica pré-psicanalítica visava com a prática da hipnose a recordação destes conteúdos apartados e concebidos como uma lacuna na psique, a fim de que, num segundo momento, a emersão destes mesmos conteúdos à consciência favorecesse sua correspondente ab-reação, o que, a princípio, libertaria o sujeito do sofrimento de seu sintoma. No entanto, “o recordar ideal do que foi esquecido, que ocorre na hipnose, corresponde a um estado no qual a resistência foi posta completamente de lado” (Freud, 1914/2006a, p.166), o que se revelou para Freud um cenário fictício. Mas, com o abandono da hipnose e a adoção da associação livre, “a resistência deveria ser contornada pelo trabalho da interpretação” (Freud, 1914/2006a, p.163), o

que apontaria para a origem da divisão psíquica cuja existência Freud vislumbrava através dos conteúdos excluídos da consciência, prova desta divisão. Temos, portanto, que, ao invés de propiciar uma ab-reação, agora a clínica analítica visava a realização de um saber por meio do “dispêndio de trabalho que o paciente tinha de fazer por ser obrigado a superar sua censura das associações livres, de acordo com a regra fundamental da psicanálise” (Freud, 1914/2006a, p.163) – realização de um saber sobre a própria divisão.

Pode-se concluir, segundo Freud, que na associação livre, “descritivamente falando, trata-se de preencher lacunas na memória; dinamicamente, é superar resistências devidas à repressão” (Freud, 1914/2006a, p.163). No entanto, a nova regra técnica jamais é aceita sem relutância, posto que “a primeira coisa que conseguimos ao estabelecer a regra técnica fundamental é que ela se transforma no alvo dos ataques da resistência” (Freud, 1917/2006d, p.295). Isto porque, aquilo que a hipnose visava revelar como sendo uma lembrança esquecida mostra-se agora como uma interceptação da verdade que falha em seu êxito, e que nisto promove ramificações que se mostram sempre patogênicas, como as observadas nos sintomas histérico e obsessivo.

A partir de tais constatações, o autor pôde, já mais tarde, definir a neurose como uma “repressão fracassada” (Freud, 1924/2006, p.205). Fracassada, pois não encontra sucesso no seu esforço de bloquear completamente o acesso à consciência, dado que da repressão emerge, invariavelmente, uma formação substitutiva que veicula algo desta verdade que a estrutura da neurose almeja obturar. Evidentemente, estes esforços revelavam-se bastante dispendiosos, e o sofrimento acarretado pelo sintoma denunciava os custos desta estratégia.

Isto porque a estratégia neurótica não se encerra na execução da tarefa de recalçamento dos conteúdos pulsionais. Ao contrário, pois, enquanto repressão fracassada, a neurose se caracteriza pela articulação de um sistema compensatório às moções pulsionais pela via do sintoma:

“Ela consiste antes nos processos que fornecem uma compensação à parte do id danificada – isto é, na reação contra a repressão e no fracasso da repressão. O afrouxamento da relação com a realidade é uma consequência desse segundo passo na formação de uma

neurose, e não deveria surpreender-nos que um exame pormenorizado demonstre que a perda da realidade afeta exatamente aquele fragmento de realidade, cujas exigências resultaram na repressão instintual ocorrida” (Freud, 1924/2006, p.205).

Ou seja, os mecanismos defensivos que se incumbem de um afastamento da realidade o fazem precisamente no que esta reaviva algo de um indicador, de um representante de um conteúdo pulsional latente que o Eu aspira manter silenciado, afastado dos domínios da consciência, para que, em contrapartida, o desfrute desta satisfação, tão avessa a seus ideais, possa se dar. Pois a neurose “serve ao desejo de poder do id, que não se deixará ditar pela realidade” (Freud, 1924/2006, p.207), e para tanto, nesta articulação, o Eu põe-se a “evitar o fragmento da realidade em apreço e proteger-se contra entrar em contato com ele” (Freud, 1924/2006, p.208). Desta forma, a defesa é, antes de mais nada, uma defesa contra a pulsão, e, dos mecanismos empregados nesta batalha resultam as alterações no Eu que põem em marcha a estratégia neurótica de conciliar com suas aspirações a requerida satisfação pulsional.

É por tanto que estas alterações no Eu preservam um quantum de satisfação em si próprias e, deste modo, qualquer transformação nestas formações não se dá sem grandes resistências, posto que “aquilo que se mobiliza para lutar contra as modificações que nos esforçamos por efetivar, são traços de caráter, atitudes do ego” (Freud, 1917/2006d, p.298). Alterações no Eu, traços de caráter que, de acordo com o autor, “foram formados em conexão com as causas da neurose e como reação contra as exigências desta” (Freud, 1917d/2006, p.298). No entanto, estas alterações no Eu revelam-se entraves bastante importantes aos esforços analíticos de tornar consciente os conteúdos inconscientes, já que “não conseguem emergir ou não podem emergir no mesmo grau, e que se poderia descrever como latentes” (Freud, 1917/2006d, p.298) e, portanto, exigem da direção de cura uma estratégia outra que os esforços de rememoração aplicáveis aos recalques secundários.

Em defesa destes traços de caráter, Freud observa que, recorrentemente, o candidato à análise “está muito disposto a tornar-se um adepto da psicanálise — com a condição de que a análise poupe a sua pessoa” (Freud, 1917/2006d, p.296). Porém, temos com Freud que a

psicanálise não é condescendente a nenhuma sorte de asilo a seu campo de atuação. E, contra isso, “o paciente também sabe, contudo, como erguer resistência sem sair do esquema de referência da análise, e a superação desta situação está entre os problemas técnicos mais difíceis” (Freud, 1917/2006d, p.297). De acordo com o autor, a instalação da transferência obedece a estas aspirações, e o paciente, ao invés de recordar, passa a repetir e atuar aqueles conteúdos reprimidos que deseja manter a salvaguarda das incidências analíticas, no próprio *setting* terapêutico, sob transferência.

É por isto que, ao discorrer sobre a transferência, Freud conclui que este tipo particular de resistência não deve ser condenado apressadamente, pois comporta “tanto material importante do passado do paciente e trazem-no à lembrança de forma tão convincente, que elas se tornam os melhores suportes da análise, se uma técnica habilidosa souber dar-lhes o rumo apropriado” (Freud, 1917/2006d, p.297). De acordo com Freud;

“o fato de dar à resistência um nome poderia não resultar em sua cessação imediata. Deve-se dar ao paciente tempo para conhecer melhor esta resistência com a qual acabou de se familiarizar, para *elaborá-la*, para superá-la, pela continuação, em desafio a ela, do trabalho analítico segundo a regra fundamental da análise. Só quando a resistência está em seu auge é que pode o analista, trabalhando em comum com o paciente, descobrir os impulsos instintuais reprimidos que estão alimentando a resistência; e é este tipo de experiência que convence o paciente da existência e do poder de tais impulsos. O médico nada mais tem a fazer senão esperar e deixar as coisas seguirem seu curso, que não pode ser evitado nem continuamente apressado” (Freud, 1914/2006, p.170-1).

Lacan também faz advertências quanto ao manejo da transferência em sua relação com a resistência, afirmando que convém situar a última como uma inércia, como “o estado atual de uma interpretação do sujeito. É a maneira pela qual, naquele dado momento, o sujeito interpreta o ponto em que ele está. [...] Isso quer simplesmente dizer que ele não pode ir adiante mais depressa” (Lacan, 1954/1985, p.287). Se, por um lado, Freud vê na transferência uma oportunidade ao trabalho analítico – desde que tomada com habilidade em seu manejo, posto que trata-se do “instrumento principal para reprimir a compulsão do paciente à repetição e transformá-la num motivo para recordar reside no manejo da transferência” (Freud, 1914/2006, p.169) -, Lacan retifica o papel do clínico neste fazer, apontando para a questão de sua formação, ao advertir

para a resistência do analista ao ato analítico³¹, ou seja, a resistência daquele que dirige a cura para o encontro com a verdade que nela subjaz:

“A resistência, no sentido de *Widerstand*, obstáculo, obstáculo a um esforço, não deve ser procurada em outro lugar a não ser em nós mesmos. Quem aplica a força provoca a resistência. No nível da inércia, não há, em parte alguma, resistência. A dimensão de tudo aquilo que se vincula à transferência é de um registro totalmente diferente – é da ordem de uma insistência” (Lacan, 1954/1985, p.265).

Se os conteúdos que se editam na transferência, são da ordem de uma compulsão à repetição, de uma insistência, o analista, em sua função, resiste “quando não entende com o que ele tem de lidar. Não entende com o que ele tem de lidar quando crê que interpretar é mostrar ao sujeito que, o que ele deseja” (Lacan, 1954/1985, p.287). Freud já havia abandonado a sugestão para possibilitar a aquisição do saber inconsciente pelo próprio analisante. É por isso que Lacan afirma que, antes de brindar o paciente com interpretações acerca dos fenômenos da transferência,

“trata-se, pelo contrário, de ensinar o sujeito a nomear, a articular, a fazer passar para a existência, este desejo que está, literalmente, para alguém da existência, e por isso insiste. Se o desejo não ousa dizer seu nome, é porque, este nome, o sujeito ainda não o fez surgir” (Lacan, 1954/1985, p.287)

Se não o fez surgir, é porque se faz necessário percorrer diversas vezes o cerco das associações de modo a se aproximar cada vez mais do núcleo do recalcado, para que se possa cernir este campo e fazer seu nome existir. Evidentemente, trata-se de um feito de difícil consecução, em que todas as armas da resistência se colocam frente à proteção de uma satisfação que os traços de caráter do Eu, suas alterações, como também nomeia Freud, visam manter operantes, com o custo do sacrifício da verdade da divisão psíquica que é causa mesma do sujeito. Se numa análise se trata de promover a assunção à palavra dos conteúdos recalcados é porque o núcleo do recalque, por estrutura, é “aquilo a que o discurso foge. A resistência é essa inflexão do

³¹ Isto porque, o ato analítico, segundo Lacan, “destitui o próprio sujeito que o instaura” (Lacan, 1969/2003, p.371).

discurso ao se aproximar desse núcleo. [...] um discurso histórico” (Lacan, 1953/1986, p.54) – discurso histórico, por tocar a verdade do sujeito.

Se o recalque se mantém operante no inconsciente por não aceder à palavra, sua forma de expressão à nível consciente revela-se nos sintomas, posto que “os sintomas, conforme sabemos, são um substituto de algo que foi afastado pela repressão” (Freud, 1917/2006d, p.304) e, portanto, “representam não só o reprimido, mas também a força repressora que compartilhou de sua origem” (Freud, 1917/2006d, p.307). Portanto, as formações sintomáticas veiculam as alterações do Eu uma vez que “ao investigar a resistência, constatamos que ela emana de forças do ego, de traços de caráter conhecidos e latentes” (Freud, 1917/2006d, p.304), tratam-se, portanto, de alterações no Eu que emprestam forças à manutenção do recalque.

Diante do esforço analítico de demover estas resistências e promover uma mudança nestas alterações do Eu, Freud observa que, quando mais a análise se aproxima do núcleo do recalque, mais intensa se torna a força de resistência contra a mesma, visto que

“a resistência constantemente está modificando sua intensidade durante o transcorrer do tratamento, cresce sempre quando nos aproximamos de um novo assunto, alcança sua intensidade máxima quando estamos no clímax da abordagem desse assunto, e se dissipa quando o assunto é posto de lado” (Freud, 1917/2006d, p.299).

Desde aí, podemos tomar a resistência como uma espécie de signo da proximidade de um conteúdo psíquico de grande importância, uma vez que “a força de resistência é inversamente proporcional à distância em que nos encontramos do núcleo recalcado” (Lacan, 1953/1986, p.35). Segundo Lacan,

“A resistência se exerce no sentido radial, quando queremos nos aproximar dos fios que estão no centro do feixe. Ela é consequência da tentativa de passar dos registros exteriores para o centro. Uma força de repulsão positiva se exerce a partir do núcleo do recalcado, e quando nos esforçamos para atingir os fios do discurso que estão mais próximos dele, experimentamos resistência” (Lacan, 1953/1986, p.35).

Podemos, deste modo, concluir com Lacan que a resistência - resistência esta contra a verdade da castração - “designa tudo aquilo que

detém o trabalho analítico, quer seja psicológico ou não, quer venha da realidade ou do acaso” (Lacan, 1954/1985, p.164). E, ao tomá-la como um “efeito do eu” (Lacan, 1954/2006, p.164), estamos abordando apenas uma de suas faces, já que, conforme abordado nos capítulos anteriores, existem ainda as resistências do Isso e do Supereu³².

Se, por um lado, “tratando-se da resistência, está entretanto em primeiro plano – a questão das relações do inconsciente e do consciente” (Lacan, 1953/1986, p.36), Freud nos lembra que em certos grupos de processos psíquicos, como os traços de caráter e a fantasia fundamental, a qualidade de inconsciente não é derivada de um processo de repressão, análogo aos descritos anteriormente. Isto porque, nestes casos “acontece com extraordinária frequência ser ‘recordado’ algo que nunca poderia ter sido ‘esquecido’, porque nunca foi, em ocasião alguma, notado — nunca foi consciente” (Freud, 1914/2006a, p.164). Trata-se de experiências que Freud qualifica como sendo da máxima importância analítica e “para a qual lembrança alguma, via de regra, pode ser recuperada” (Freud, 1914/2006a, p.165), pois não são da ordem do recalque secundário. São vivências que datam de uma infância muito remota e cuja interpretação se dá apenas posteriormente; na clínica “obtem-se conhecimento delas através dos sonhos e é-se obrigado a acreditar neles com base nas provas mais convincentes fornecidas pela estrutura da neurose” (Freud, 1914/2006a, p.165).

Por não poderem ser lembrados, estes conteúdos são atuados e revividos, e por serem tão fundamentais à estrutura psíquica expressam-se como uma compulsão à repetição que, na análise, se utiliza da transferência para sua posta em ato. É o que leva Freud a concluir que “a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (Freud, 1914/2006a, p.166). E é por isso que, segundo Lacan, Freud ao adotar a associação livre “renuncia à sugestão para deixar o sujeito integrar aquilo de que está separado pelas resistências” (Lacan, 1953/1986, p.41), para que, por meio da transferência, estes conteúdos, que não poderiam emergir por esforços de rememoração,

³² Como veremos mais adiante, neste capítulo.

possam se atualizar e serem reconhecidos pelo próprio paciente como sendo algo que lhe concerne; para que, como escreve Lacan, se veicule a “reconquista da realidade autêntica do inconsciente pelo sujeito” (Lacan, 1953/1986, p.37).

Esta reconquista se dá sob transferência, onde “as resistências determinam a seqüência do material que deve ser repetido. O paciente retira do arsenal do passado as armas com que se defende contra o progresso do tratamento — armas que lhe temos de arrancar, uma por uma” (Freud, 1914/2006a, p.167). A neurose se atualiza e mostra suas estratégias de defesa no campo da transferência, onde a enfermidade é colocada “fragmento por fragmento, dentro do campo e alcance do tratamento” (Freud, 1914/2006a, p.167). Deste modo, enquanto o analisante experimenta sua neurose “como algo real e contemporâneo, temos de fazer sobre ele nosso trabalho terapêutico, que consiste, em grande parte, em remontá-lo ao passado” (Freud, 1914/2006a, p.167). Isto porque,

“A transferência cria, assim, uma região intermediária entre a doença e a vida real, através da qual a transição de uma para a outra é efetuada. A nova condição assumiu todas as características da doença, mas representa uma doença artificial, que é, em todos os pontos, acessível à nossa intervenção. Trata-se de um fragmento de experiência real, mas um fragmento que foi tornado possível por condições especialmente favoráveis, e que é de natureza provisória. A partir das reações repetitivas exibidas na transferência, somos levados ao longo dos caminhos familiares até o despertar das lembranças, que aparecem sem dificuldade, por assim dizer, após a resistência ter sido superada” (Freud, 1914/2006, p.170).

Se, por um lado, a repetição se imprime na vida corrente dos pacientes e a transferência fornece o campo onde estas patologias serão revividas, “esta consideração revela todo o problema do que é tão amiúde inevitável — a ‘deterioração durante o tratamento’” (Freud, 1914/2006a, p.167), que, como Freud anuncia em seu texto *Análise terminável e interminável*, soma-se aos esforços de preservação da doença. Para a superação desta deterioração, Freud escreve que:

“O paciente tem de criar coragem para dirigir a atenção para os fenômenos de sua moléstia. Sua enfermidade em si não mais deve

parecer-lhe desprezível, mas sim tornar-se um inimigo digno de sua têmpera, um fragmento de sua personalidade, que possui sólido fundamento para existir e da qual coisas de valor para sua vida futura têm de ser inferidas. [...]A resistência, contudo, pode explorar a situação para seus próprios fins e abusar da licença de estar doente” (Freud, 1914/2006, p.168).

Este apreço   doença se d  na medida em que “toda neurose perturba de algum modo a relação do paciente com a realidade servindo-lhe de um meio de se afastar da realidade, e que, em suas formas graves, significa concretamente uma fuga da vida real” (Freud, 1924/2006, p.205). Um afastamento da realidade que   preferível a saber sobre Isso que lhe habita, ainda que ao custo do sofrimento e da enfermidade. É o que o autor observa ao anunciar que “quando assumimos a tarefa de recuperar um paciente para a saúde, aliviá-lo dos sintomas de sua doença, ele nos enfrenta com uma resistência intensa e persistente, que se prolonga por toda a duração do tratamento” (Freud, 1917/2006d, p.293). Isto porque,

“na neurose não faltam tentativas de substituir uma realidade desagradável por outra que esteja mais de acordo com os desejos do indivíduo. Isso é possibilitado pela existência de um *mundo de fantasia*, de um domínio que ficou separado do mundo externo real na época da introdução do princípio de realidade. Esse domínio, desde então, foi mantido livre das pretensões das exigências da vida, como uma espécie de ‘reserva’; ele não   inacessível ao ego, mas só frouxamente ligado a ele. É deste mundo de fantasia que a neurose haure o material para suas novas construções de desejo e geralmente encontra esse material pelo caminho da regressão a um passado real satisfatório” (Freud, 1924/2006, p.208-9).

Este mundo da fantasia ao qual a neurose recorre, em que por meio de um caminho de regressão, reencontra as reservas de um passado satisfatório que prescindiria do princípio de realidade por não ter que se impor a incumbência de mediação de conflitos psíquicos, recai, mais além, no tempo mítico da constituição psíquica que Freud explora no artigo de publicação póstuma *A divisão do ego no processo de defesa*, de 1940. Ao retomar a questão da constituição neste tempo remoto, Freud a refere a partir da incidência de uma poderosa exigência pulsional que impele o aparelho a sua equivalente renúncia em nome de um equilíbrio econômico cujo “sucesso   alcançado ao preço de uma fenda no ego, a qual nunca se cura, mas aumenta

à medida que o tempo passa. As duas reações contrárias ao conflito persistem como ponto central de uma divisão (*splitting*) do ego” (Freud, 1940/2006, p.293).

A recriação da realidade, mediada pela neurose, recria justamente os antecedentes deste impasse, em que o Eu desfrutaria de um equilíbrio homeostático pleno devido à inexistência de uma divisão psíquica que encabeçaria posições internas opostas e, portanto, promotoras de conflitos. Trata-se da recriação de uma condição mítica do Eu, posto que ele é fruto, justamente, destas incidências e, portanto, desta divisão. O que o sintoma e a patologia revela, no exame do recalque, demonstra que, “onde ela mostra uma brecha ou uma rachadura, ali pode normalmente estar presente uma articulação” (Freud, 1933/2006, p.64). Retomamos o apontamento freudiano do caráter de uma neurose incidindo sobre o recalque desde a conhecida analogia que o autor faz em sua conferência sobre *A dissecação da personalidade psíquica*: “Se atirmos ao chão um cristal, ele se parte, mas não em pedaços ao acaso. Ele se desfaz, segundo linhas de clivagem, em fragmentos cujos limites, embora fossem invisíveis, estavam predeterminados pela estrutura do cristal” (Freud, 1933/2006, p.64).

Com esta analogia, revela-se, portanto, que longe de o ser humano ser abalado, em sua completude, por uma divisão, o de que se trata é de uma divisão é que é a causa mesma da unificação - ou seja, da formação do Eu -, e que as patologias e deformações que neste se imprimem aí são a denúncia desta divisão da qual nunca se cura. E, portanto, “se alguma coisa faz a originalidade do tratamento analítico, é ter percebido, na origem, e de cara, a relação problemática do sujeito consigo mesmo” (Lacan, 1953/1986, p.44); ou seja, na temática das alterações do Eu, “é ter colocado essa relação em conjunção com o sentido dos sintomas” (Lacan, 1953/1986, p.44). E, se a resistência do Eu se caracteriza pelo bloqueio do acesso à consciência, sua regulação se dá em termos da distância com o material originalmente recalcado. Trata-se, então, de fazer uma diferenciação entre o recalque secundário e o recalque original, posto que “o núcleo primitivo é de um nível diferente dos avatares do recalque. É o fundo e o suporte deles” (Lacan, 1953/1986, p.63). Isto porque “o recalque começa, depois de ter construído o seu primeiro núcleo. Há agora um ponto central em torno do qual poderão se

organizar, em seguida, os sintomas, os recalques sucessivos” (Lacan, 1953/1986, p.252).

Trata-se, então, de dar continuidade a esta investigação pelos meios que o Eu se serve para dar a devida solidez aos esforços de tamponamento desta fenda constitutiva – a castração – esforços estes que Freud, em seu texto *Análise terminável e interminável*, nomeia como um “repúdio da feminilidade” (Freud, 1937/2006, p.268) concernente a ambos os sexos e cuja mudança frente a esta atitude confere o grande feito aspirável de uma análise, feito este que, de acordo com o autor, toca numa espécie de revisão do recalque original, raiz mesma de todas as alterações no Eu.

4.2. Eu ideal, Ideal do eu e Supereu

Se o recalque original exerce sua função como uma espécie de ordenador dos recalques secundários, trata-se de investigar a etiologia deste recalque, uma vez que Freud afirma que sua correção promoveria a queda da primazia do fator quantitativo, e conseqüentemente, por ser atrelado a traços patológicos do Eu, também incidiria sobre suas deformações na promoção da cura.

No texto *Alguns tipos de caráter encontrados no tratamento psicanalítico* (1916), Freud observa que comumente os analistas não dedicam seus interesses para os traços de caráter do paciente, mas buscam se ater às suas patologias manifestas, como sintomas e inibições; “contudo, a técnica que ele é obrigado a seguir logo o compele a dirigir sua curiosidade imediata para outros objetivos” (Freud, 1916/2006, p.325). Isto porque, cedo ou tarde, reconhecerão os esforços clínicos sendo ameaçados por “resistências erguidas contra ele pelo paciente, podendo o médico, com razão, encarar essas resistências como parte do caráter do paciente. Isso passa a adquirir a prioridade de seu interesse” (Freud, 1916/2006, p.325), pois põe em xeque a direção de cura.

Freud ainda faz notar que “o que se opõe aos esforços do médico nem sempre são os traços de caráter que o paciente reconhece em si mesmo e que lhe são atribuídos por pessoas que o cercam” (Freud, 1916/2006, p.325). O

autor ressalta o fundamento inconsciente destas deformações no Eu no texto *Caráter e erotismo anal* (1908), ao investigar as implicações da fixação anal na personalidade em certos casos de neuroses obsessivas, e adenda que “devíamos apreciar se os outros complexos de caráter não revelam também uma conexão com a excitação de zonas erógenas específicas” (Freud, 1908/2006, p.164), enfatizando, portanto, a etiologia pulsional e econômica das alterações no Eu.

De acordo com o autor, “os traços de caráter permanentes, são ou prolongamentos inalterados dos instintos originais, ou sublimação desses instintos, ou formações reativas contra os mesmos” (Freud, 1908/2006, p.164). Onde pode-se concluir que as alterações no Eu preservam em si a facilitação de certos modos de satisfação pulsional, que incrustam-se no Eu como vias de acesso a um gozo que revelam-se patológicas por operarem às expensas do Eu. Desde aí, o trabalho de uma análise consiste em “induzir o paciente a renunciar a uma dose imediata e diretamente atingível de prazer. Não se pede a ele que renuncie a todo prazer; talvez não se possa esperar isso de nenhum ser humano” (Freud, 1916/2006, p.326); no entanto, “apenas se pede ao paciente que renuncie às satisfações que inevitavelmente trarão conseqüências prejudiciais. Sua privação deve apenas ser temporária; ele só tem de aprender a trocar uma dose imediata de prazer por uma mais segura, ainda que adiada” (Freud, 1916/2006, p.326).

De acordo com Freud, trata-se de um “processo educativo” (Freud, 1916/2006, p.326) que visa drenar e substituir a quota de satisfação implicada nestas alterações patológicas do Eu, e, neste processo, o papel do analista na transferência é de suma importância, já que, segundo o autor, “o amor é o grande educador” (Freud, 1916/2006, p.326). A transferência é, portanto, a “parte do trabalho que efetua as maiores mudanças no paciente e que distingue o tratamento analítico de qualquer tipo de tratamento por sugestão” (Freud, 1914/2006, p.170). Isto porque, ao contrário do exercício da sugestão, na prática analítica “o médico deve ser opaco aos seus pacientes e, como um espelho, não mostrar-lhes nada, exceto o que lhe é mostrado” (Freud, 1912/2006, p.131). Ao proceder assim, a transferência possibilita o isolamento e a revelação dos traços inconscientes de caráter, e desta forma consolida-se como a técnica que “constitui a diferença fundamental entre terapia analítica e

terapia *meramente* sugestiva, e que livra os resultados da análise da suspeita de serem sucessos devido à sugestão” (Freud, 1917/2006g, p.453). Por esta razão, podemos concluir que, numa psicanálise, o clínico está encarregado da direção de cura, mas, ainda que esta vise a demissão de certos traços patológicos da personalidade, diferentemente das práticas sugestivas, temos que “o primeiro princípio desse tratamento [...] é o de que não deve de modo algum dirigir o paciente” (Lacan, 1966/1998, p.592).

Assim, ao contrário das terapias que se servem de sugestão, nas quais “a transferência é cuidadosamente preservada e mantida intocada” (Freud, 1917/2006g, p.453-4), observamos que numa psicanálise “a própria transferência é sujeita a tratamento, e é dissecada em todas as formas sob as quais aparece” (Freud, 1917/2006g, p.454). É por isto que devemos esperar que o final de uma cura coincida com a dissolução da transferência, e que, como previa Freud, dela subsistam os resultados de uma modificação interna no analisante que se mantenham operantes ainda que fora do alcance da influência do praticante. Para tanto, neste processo, trata-se de fazer com que o analisante reconheça a satisfação implicada nestas alterações do Eu - revelados na transferência - e que possa dar outro destino às mesmas, de modo a consentir com a cura e a assunção dos conteúdos apartados da consciência. Este consentimento que, portanto, implica uma revisão destas alterações no Eu, se dá ao preço do abandono da cota referida de satisfação que elas conservam – o que confere uma exigência de alto custo às neuroses, pois põe a baixo os mecanismos defensivos que compõem sua estratégia.

Na continuidade das investigações sobre as características do Eu e suas patologias, Freud inaugura, no texto *O ego e o id* (1923), as elaborações referentes à sua segunda tópica. Nela, o autor expõe a teoria de que o Eu não se encontra radicalmente apartado do Isso, pois, preserva, ele próprio, sua parcela inconsciente, uma vez que “o ego é aquela parte do id que foi modificada pela influência direta do mundo externo” (Freud, 1923/2006, p.38). Devido a esta modificação e influência, “o ego procura aplicar a influência do mundo externo ao id e às tendências deste, e esforça-se por substituir o princípio de prazer, que reina irrestritamente no id, pelo princípio de realidade” (Freud, 1923/2006, p.38).

Para ilustrar estas tentativas do Eu de submeter o Isso às condições mais favoráveis do princípio de realidade, é famosa a analogia que Freud estabelece entre o cavalo e o cavaleiro para dizer da superioridade das forças do Isso e da estratégia do Eu que, frente a esta superioridade, “utiliza forças tomadas de empréstimo” (Freud, 1923/2006, p.39) a fim de empregar suas exigências – “Com freqüência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria” (Freud, 1923/2006, p.39). Esta transformação exercida pelo Eu ocorre por meio de distorções, deslocamentos e condensações, que encontram no sintoma uma forma de veicular uma satisfação, ainda que de substitutiva.

No mesmo texto, Freud afirma que o Eu se diferencia do Isso e se caracteriza por ser, “primeiro e acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é, ele próprio, a projeção de uma superfície” (Freud, 1923/2006, p.39). Ele é, enquanto imagem, um Eu-ideal, que concentra o alvo dos investimentos libidinais que conferem ao narcisismo sua diferenciação para a condição auto-erótica. Pois, “quando falamos em narcisismo, também estamos levando em consideração sua satisfação libidinal” (Freud, 1917/2006a, p.418), que condensa na imagem de si a via de um investimento objetual. Fato que leva Lacan à definição de que “o ego é uma função imaginária” (Lacan, 1953/1986, p.254), e enquanto função imaginária, que recolhe uma satisfação libidinal, se distingue do sujeito do inconsciente - aquele que, em análise, se apreende nos lapsos de linguagem e nos sonhos. Cabe aqui uma distinção, posto que, “o sujeito que fala está para além do ego” (Lacan, 1954/1985, p.221) e é a esta função que se visa dar voz ao empregar a associação livre, já que o de que se trata numa análise é de justamente “reintegrar a dimensão do sujeito” (Lacan, 1953/1986, p.255). De acordo com Lacan, “essa dimensão não se confunde mais com o ego. O eu é destituído da sua posição absoluta no sujeito. O eu assume estatuto de miragem, como o resto, não é mais do que um elemento das relações objetais do sujeito” (Lacan, 1953/1986, p.255), elemento este que deve ingressar no hall dos objetos a serem investigados, dissecados, na experiência analítica.

E o que a análise revela é que o Eu-ideal atua como uma imagem ideal “com a qual o sujeito se identifica, modelo bem-sucedido, por assim dizer, dele

mesmo, com o qual ele se confunde e no qual se assegura de sua inteireza” (Lacan, 1957/1999, p.301). Trata-se de uma imagem investida de libido e erigida para tamponar a perda que se coloca desde a divisão psíquica e que as pulsões impõem ao aparelho. E no intento de restaurar esta perda, “o ego aparece no mundo dos objetos como um objeto, certamente privilegiado” (Lacan, 1954/1985, p.224). Privilegiado na medida em que “sua imagem de si é o mesmo que lhe serve para nada querer saber do que o habita como questão e como pergunta” (Cabas, 2009, p.148), obturando a divisão no seu estatuto de causa do sujeito.

Em nome de estabelecer a unidade (tarefa que a neurose se incumbe indefinidamente), o Eu efetua uma série de identificações aos objetos enquanto marcas de satisfação; “um objeto que fora perdido foi instalado novamente dentro do ego, isto é, que uma catexia do objeto foi substituída por uma identificação” (Freud, 1923/2006, p.41). O Eu se compõe a partir destas identificações que consistem em estratégias para tentar suprir a falta de objeto que marca o sujeito e que imprime o ritmo incansável do circuito pulsional, já que “é em revolver esses objetos para neles resgatar, para restaurar em si, sua perda original, que se empenha a atividade que nele denominamos de pulsão” (Lacan, 1966/1998d, p.863). Portanto, a identificação ao objeto de satisfação torna-se uma condição ao Eu para que o Isso possa abandonar os investimentos desfavoráveis às pretensões egóicas e, assim, voltar suas catexias ao Eu, que, então, é tecido aos moldes do que confere satisfação ao Isso. Daí se infere que “o objeto humano se constitui sempre por intermédio de uma primeira perda. Nada de fecundo ocorre para o homem a não ser por intermédio de uma perda do objeto” (Lacan, 1954/1985, p.174), posto que esta é a marca fundante do psiquismo.

É a partir desta primeira perda, mítica, que o Eu se constitui como um objeto privilegiado na medida em que é moldado de acordo com o perfil de satisfação exigível ao Isso. É assim que o Eu procede a fim de ofertar-se às pulsões como objeto: identifica-se àquilo que outrora promoveu satisfação ao aparelho. Daí se extrai a máxima freudiana que define o Eu como “um precipitado de catexias objetais abandonadas e que [...] contém a história dessas escolhas de objeto” (Freud, 1923/2006, p.42). No entanto, é importante ressaltar que a qualidade que determina estas escolhas objetais não é

arbitrária ou indiscriminada, pois “o objeto nunca é apreendido senão através do crivo da relação narcísica” (Lacan, 1954/1985, p.213), o que leva Lacan a defini-lo como sendo de “um caráter fundamentalmente antropomórfico, podemos até dizer egomórfico” (Lacan, 1954/1985, p.211). A qualidade, portanto, que determina as escolhas objetais balizadas no narcisismo está ordenada e determinada por fatores primitivos e estruturantes que recaem sobre os já mencionados efeitos das primeiras identificações, que de acordo com Freud são gerais e duradouros. Fato que “nos conduz de volta à origem do ideal do ego; por trás dele jaz oculta a primeira e mais importante identificação de um indivíduo, a sua identificação com o pai em sua pré-história pessoal” (Freud, 1923/2006, p.43-4), identificação esta que fomentará as bases das catexias objetais.

Esta primeira identificação “tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ego, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu caráter” (Freud, 1923/2006, p.41). Ao Ideal de Eu, portanto, “a título de funções, atribuímos-lhe a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Dissemos que ele é o herdeiro do narcisismo original em que o ego infantil desfrutava de auto-suficiência” (Freud, 1921/2006, p.119) e desta forma concentra as normativas das qualidades exigíveis à recuperação destes investimentos narcísicos, conferindo a solidez de uma unidade, de um objeto total ao Eu.

Pode-se concluir que o Ideal de Eu é uma “criação que foi feita com a intenção de restabelecer a auto-satisfação que estava vinculada ao narcisismo infantil primário” (Freud, 1917/2006a, p.429) ao reunir e condensar os atributos necessários para os investimentos do Isso. No entanto “essa interferência na mobilidade de libido certamente se torna patogênica” (Freud, 1917/2006a, p.421-2), pois restringe a estas condições muito específicas a forma que deve ser empregada ao Eu. Torna-se patogênica no que as fixações pulsionais, que se escoram nessas alterações do Eu, demovem a pulsão de sua plasticidade, e conferem ao Eu seu caráter mortificado.

Temos ainda que origem do Ideal do eu provém “de uma identificação direta e imediata, e se efetua mais primitivamente do que qualquer catexia do objeto” (Freud, 1923/2006, p.44), pois, trata-se de uma identificação a um traço

que fundamentará a qualidade de todas as apetências do Eu e suas posteriores relações objetais, normatizando também suas identificações secundárias. É por isto que a exigência analítica de demover estas alterações no Eu se revela extremamente custosa aos neuróticos, pois cobra o preço de uma satisfação narcísica que os põe face à própria falta-a-ser à que a identificação visa fazer suplência. E é para não se haver com esta verdade que a análise, muitas vezes, se encontrará terminantemente comprometida. Trata-se de uma exigência que se revela estruturalmente antagônica à estratégia que consolida a neurose como uma defesa contra a castração e, por isto, Freud, em *Análise terminável e interminável*, assenta neste impasse, de haver um Eu suficientemente disposto a consentir e se aliar verdadeiramente a esta causa³³, o motivo de muitos fracassos analíticos.

Se o Eu se erige como um recurso compensatório à perda de satisfação, em função disto,

“as imagens de nosso sujeito estão basteadas no texto de sua história, estão presas na ordem simbólica, em que o sujeito humano é introduzido num momento tão coalescente quanto possam imaginar com a relação original, a qual somos forçados a admitir como sendo uma espécie de resíduo do real” (Lacan, 1954/1985, p.323).

A exigência analítica de rever estas posições equivale a soçobrar toda a realidade que o individuo se fez ser, uma existência que se assenta numa identificação que é “parcial e extremamente limitada, tomando emprestado apenas um traço isolado da pessoa que é objeto dela” (Freud, 1921/2006, p.117), no caso, o pai.

³³ Segundo Freud, as pessoas analisáveis deveriam contar com certo grau de “desenvolvimento ético” (Freud, 1904/2006, p.240), e aconselhava a “recusar os pacientes que não possuam certo grau de formação e um caráter razoavelmente digno de confiança. Não se deve esquecer que há também pessoas sadias que não prestam para nada, e que com excessiva facilidade, em se tratando desses indivíduos de valor reduzido, tende-se a atribuir à doença tudo o que os incapacita para a existência, quando lhes ocorre mostrar algum laivo de neurose” (Freud, 1904/2006, p.250). É por isto que Lacan afirma (1964/1985) que não abria a dimensão do inconsciente sem grandes precauções. Isto porque, de acordo com o autor, “a psicanálise certamente lhe permitiria esperar elucidar o inconsciente de que você é sujeito. Mas todos sabem que não incentivo ninguém a isso, ninguém cujo desejo não seja decidido. E mais [...] creio que se deve recusar o discurso analítico aos canalhas: com certeza era isso que Freud disfarçava com um pretensio critério de cultura. [...] se me atrevo a articular que a análise deve ser recusada aos canalhas, é porque os canalhas se tornam bestas (*bêtes*), o que por certo é uma melhora, mas sem esperança, para retornar a sua formulação” (Lacan, 1973/2003a, p.541).

Ainda de acordo com o autor, “a identificação esforça-se por moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo” (Freud, 1921/2006, p.116). Funciona, portanto, como base motriz a partir da qual o Eu se construirá, estabelecendo um ordenamento primeiro dos subseqüentes investimentos objetivos que “se faz sempre por *ein einziger Zug*” (Lacan, 1960/1992, p.344). Um traço inicial identificado, introjetado, do Outro, a partir do qual o Eu se edificará. Isto porque “o traço unário é anterior ao sujeito. *No princípio era o verbo* quer dizer *No princípio é o traço unário*. Tudo que é passível de ser ensinado deve conservar a marca desse *initium* ultra-simples” (Lacan, 1962/2005, p.31). Trata-se de um traço que é incorporado como signo do Outro e a partir do qual se fundará uma estrutura psíquica. Segundo Lacan, para que isto ocorra “não há necessidade de todo um campo de organização e de uma introjeção maciça” (Lacan, 1960/1992, p.344). Isto pois, temos que “este ponto, grande I, do traço único, este signo do assentimento do Outro, da escolha de amor sobre a qual o sujeito pode operar, está ali em algum lugar e se regula na continuação do jogo do espelho” (Lacan, 1960/1992, p.344); ou seja, na construção de um Eu que se estabelece a partir do referencial da imagem do outro. Posto que é a partir desta imagem do outro, símbolo da completude almejada, “que dá ao sujeito a matriz em torno da qual se organiza para ele o que eu chamaria de sua incompletude vivida, a saber, o fato de que ele está em falta” (Lacan, 1956/1995, p.179).

Como num par antitético de presença-ausência, a instauração de uma matriz simbólica, ainda que incipiente, promove uma distinção de Eu e não-Eu em que a identificação primitiva retroage como uma assertiva da existência perante a falta. Posto que a partir desta apreensão da falta, o Eu se compõe como estrutura que visa o asseguramento da existência, um garante da completude em contraposição ao vislumbre da castração, da própria divisão – posição esta que confere grandes obstáculos ao sucesso analítico. A identificação a um traço provindo do Outro atua como um promotor do desenvolvimento posterior das instâncias que visam perpetuar o fundamento do Eu. Isto porque “é o campo do Outro que determina a função do traço unário, no que com ele se inaugura um tempo maior da identificação na tópica então desenvolvida por Freud – a saber, a idealização, o ideal do eu” (Lacan,

1964/1985, p.242), e, nestes termos, o Ideal do Eu “é uma introjeção simbólica” (Lacan, 1960/1992, p.344) do Outro.

A partir desta identificação primitiva, outras se seguem, compondo o Eu como um precipitado de catexias objetais. No entanto, a primeira identificação constitui, segundo Freud, “a forma original de laço emocional com um objeto” (Freud, 1921/2006, p.117), e, “de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego” (Freud, 1921/2006, p.117). Esta primeira identificação, segundo Lacan, “encarna numa sorte de função, de modelo primitivo que toma o pai, anterior ao investimento libidinoso mesmo sobre a mãe – tempo mítico certamente” (Lacan, 1964/1985, p.242). Freud, contudo, ainda observa outro tipo de identificação, que não se restringe a este tempo primitivo, embora seja debitária desta identificação primeva e que “pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum compartilhada com alguma outra pessoa” (Freud, 1921/2006, p.117). O autor observava na melancolia as atuações nefastas da identificação resultando em alterações ainda mais severas no Eu. Escreve que, nestes casos,

“a catexia objetual provou ter pouco poder de resistência e foi liquidada. Mas a libido livre não foi deslocada para outro objeto; foi retirada para o ego. Ali, contudo, não foi empregada de maneira não especificada, mas serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado. Assim a sombra do objeto caiu sobre o ego, e este pôde, daí por diante, ser julgado por um agente especial, como se fosse um objeto, o objeto abandonado. Dessa forma, uma perda objetual se transformou numa perda do ego, e o conflito entre o ego e a pessoa amada, numa separação entre a atividade crítica do ego e o ego enquanto alterado pela identificação” (Freud, 1917/2006g, p.255).

O que se opera a partir daí é que a identificação ao objeto substitui a catexia objetual e, segundo Freud, “essa substituição da identificação pelo amor objetual constitui importante mecanismo nas afecções narcisistas” (Freud, 1917/2006g, p.255), e, numa análise, se somarão às resistências de ceder destes modos de satisfação. Entre as identificações secundárias, podemos citar o caso Dora, em que a jovem em questão desenvolve o sintoma de uma tosse crônica a partir de uma identificação, secundária, ao pai. De acordo com Freud,

“a diferença entre a identificação narcisista e a histérica pode residir no seguinte: ao passo que na primeira a catexia objetual é abandonada, na segunda persiste e manifesta sua influência, embora isso em geral esteja confinado a certas ações e inervações isoladas. Seja como for, também nas neuroses de transferência a identificação é a expressão da existência de algo em comum, que pode significar amor. A identificação narcisista é a mais antiga das duas e prepara o caminho para uma compreensão da identificação histérica” (Freud, 1917/2006g, p.256).

Ainda assim, é importante ressaltar que as identificações neuróticas são sempre decorrentes da identificação original, identificação ao traço unário. E se ressaltamos seu valor de ordenador inaugural das identificações posteriores, dos investimentos objetais e dos recalques, é porque “nesse traço unário reside o essencial do efeito do que, para nós, analistas, no campo em que lidamos com o sujeito, chama-se repetição” (Lacan, 1968/2008, p.119). De acordo com Lacan, o traço unário, por estar implicado na estrutura psíquica como um ordenador fundamental, como fundante do recalque original, este tem sua função de regulação do que deve ou não ser recalcado secundariamente. Isto porque a repetição está ligada a marca do objeto perdido. Deste modo, a satisfação é almejada num esforço de reencontro com esta marca, pois o gozo tem sempre algo a ver com a perda e imprime na relação objetual a busca de satisfação sob o parâmetro do perdido. Temos com Lacan que esta identificação primordial “não tem outra função a não ser a do traço, do traço unário, do bastão, da marca. Todavia, por mais arbitrário que seja isso, persiste o fato de que, sem esse traço unário, não haveria série alguma” (Lacan, 1968/2008, p.135), posto que o objeto “é apenas um efeito da postulação do traço unário” (Lacan, 1968/2008, p.137), seu marco inaugural.

Ou seja, a identificação primordial ao traço ordena o regime de satisfações ao imprimir sua marca na escolha objetual, ao mesmo tempo em que esta identificação ao pai funda um lugar ao *infans* promovendo a entrada do simbólico pela via do nome-do-pai. Pois temos, desde o mito de *Totem e tabu* (1913), que a identificação primordial ao pai equivale a uma incorporação da lei, ou seja, “a assimilação da lei de substituição de um representante à coisa perdida – *das Ding* – isto é, a incorporação do Simbólico como pacto e sistema de signos substituindo a coisa perdida” (Fingermann, 2005, p.30). É o que permite este deslizamento metonímico é o fato de que uma identificação se

estabelece onde havia uma satisfação ao “fazer-se idêntico à satisfação experimentada, a partir do registro da sua experiência. Este é o grande motor da identificação” (Fingermann, 2005, p.27). A identificação, portanto, possui uma causa pulsional que reflete-se numa incidência simbólica pela entrada do pai que confere um lugar para o ser.

Encontramos no traço unário a “base da identificação subjetiva original” (Lacan, 1968/2008, p. 139), posto que “só há aparecimento concebível de um sujeito como tal a partir da introdução primária de um significante, e do significante mais simples, aquele que é chamado de traço unário” (Lacan, 1962/2005, p.31). Deste modo, o sujeito é concebido como uma função diretamente adscrita ao simbólico, posto que é fruto da incidência do significante, onde encontra sua possibilidade de representação. No entanto, o significante não pode abarcar a totalidade da significação do sujeito, posto que o mesmo carece de substância. O sujeito é, portanto, “um ponto entre-dois. Entre pulsão e inconsciente”, (Cabas, 2009, p.218). Donde se conclui que o sujeito “não é, de maneira alguma, algo que possamos contentar-nos em enquadrar pela conjunção de um número qualquer de significantes” (Lacan, 1968/2008, p.144). Posto que de toda articulação significante resulta um efeito de resto, um resto mais-além do simbólico que Lacan denomina por objeto *a*, e que é não é separável da cadeia significante que representa o sujeito, dado que sua causa é pulsional.

É isto que a identificação denuncia, a falta a ser do sujeito, posto que é esta falta o motor da identificação, uma vez que há algo da satisfação que é inalcançável pelas vias da representação, “coisa perdida que funciona como causa para promover as múltiplas inscrições, substituições, derivações, possíveis pela via das representações pulsionais (significantes), que colaboram para a construção do Eu” (Fingermann, 2005, p.32).

Zelando pela manutenção destas identificações tem-se que “uma parte das forças inibidoras do mundo externo é internalizada e constrói-se no ego uma instância que confronta o restante do ego num sentido observador, crítico e proibidor. Chamamos essa nova instância de *superego*” (Freud, 1939/2006, p.131). Freud escreve que a origem do Supereu, e o motivo de sua internalização como herança do complexo de Édipo, reside na assertiva de que “quando éramos criancinhas, conhecemos essas naturezas mais elevadas,

admiramo-las e tememo-las, e, posteriormente, colocamo-las em nós mesmos” (Freud, 1923/2006, p.48). O que antes advinha como um impasse, uma exigência externa de uma realidade heterogênea, como atrelado à condição do amor dos pais, com a dissolução do complexo de Édipo o Supereu é internalizado e se funda como uma instância própria ao aparelho. Desde sua identificação aos pais, o Supereu executa as normativas que dirigem as exigências para um Eu amável. Ou seja, atua no sentido de solidificar, ainda mais, as forças de resistência contra os imperativos pulsionais. Freud adenda:

“Mas onde a renúncia instintual, quando se dá por razões externas, é *apenas* desprazerosa, quando ela se deve a razões internas, em obediência ao superego, ela tem um efeito econômico diferente. Em acréscimo às inevitáveis conseqüências desprazerosas, ela também traz ao ego um rendimento de prazer – uma satisfação substitutiva, por assim dizer” (Freud, 1939/2006, p.131).

Em seu texto *O ego e o id* (1923), Freud apresenta o Supereu como não se restringindo a um composto de resíduos das relações objetais, pois o mesmo também exerce um efeito de censura sobre estes mesmos objetos de satisfação, como uma espécie de concomitante “formação reativa energética contra essas escolhas” (Freud, 1923/2006, p.47). A particularidade do supereu, que o distingue do Ideal de eu, é o fato de que sua relação com o Eu não se restringe ao preceito “‘Você *deveria* ser assim (como o seu pai)’. Ela também compreende a proibição: ‘Você *não pode* ser assim (como o seu pai), isto é, você não pode fazer tudo o que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele” (Freud, 1923/2006, p.47). Temos, portanto, no Supereu um aliado da tendência masoquista e que, portanto, veicula os efeitos nefastos da pulsão de morte. De acordo com Lacan, “o supereu é isso, na medida em que terroriza efetivamente o sujeito, que constrói nele sintomas eficientes, elaborados, vivenciados, que prosseguem e que se encarregam de representar este ponto onde a lei não é compreendida pelo sujeito, mas é desempenhada por ele” (Lacan, 1954/1985, p.167).

Podemos concluir que, pela influência na estruturação psíquica do Supereu, do Ideal de Eu e do Eu ideal,

“encontramos no paciente toda uma organização de certezas, de crenças, de coordenadas, de referências que constituem, para falar

propriamente, o que Freud chamava, desde a origem, um sistema ideacional, e que podemos de maneira abreviada chamar aqui o *sistema*" (Lacan, 1953/1986, p.37).

Sistema este que, permeado pelas incidências da pulsão de morte e visando um arranjo que garanta a solidez do Eu, exerce um grande entrave à análise por blindar a assunção do ser à falta, mantendo o repúdio à castração. Por isso, o Supereu, em sua função de censura, apresenta-se como "uma instância que cinde o mundo simbólico do sujeito, corta-o em dois, numa parte acessível, reconhecida, e numa parte inacessível, interdita" (Lacan, 1953/1986, p.257) de modo a zelar pelo rechaço aos conteúdos avessos ao Ideal. É por isto que o Supereu "funciona no interior do sujeito tal como um sujeito se comporta em relação a outro" (Lacan, 1957/1999, p.302), estabelecendo assim uma espécie de relação intersubjetiva dentro do próprio indivíduo que promove os julgamentos, as demandas e expectativas que tocam a ordem do ser e que geram agressividade, vergonha, angústia e sofrimento; e adenda que "é com essa intersubjetividade no interior da pessoa viva que lidamos na análise. É no seio dessa intersubjetividade que devemos formar uma idéia do que é a função do ideal do eu" (Lacan, 1957/1999, p.302).

Trata-se aqui de acentuar uma diferenciação; pois, enquanto o Eu-ideal refere-se à imagem egóica - imagem esta que carrega o valor de símbolo que pretende-se a supressão da divisão do Eu, preservando o núcleo da função narcísica que nele centraliza os investimentos libidinais ao ofertar-se às pulsões -, o Ideal do eu, ao contrário, "intervém em funções que, muitas vezes, são depressivas ou até agressivas em relação ao sujeito" (Lacan, 1957/1999, p.301), e que, mais uma vez, colocam-se à favor da pulsão de morte. Portanto, longe do que o uso da linguagem corrente sugere, o Ideal não se assemelha a valores de uma nobreza superior que aspiram a uma elevada perfeição. Numa análise, Lacan adverte que "é no lugar desse ideal do eu que o analista será convocado a funcionar" (Lacan, 1960/1992, p.337), e que, advertido de seu lugar na transferência, a direção de cura

"consiste em fazê-lo [o analisante] tomar consciência de suas relações não para com o eu do analista, mas para com todos estes Outros, que são seus verdadeiros fiadores, que respondem por ele, e que ele não reconheceu. Trata-se de o sujeito descobrir progressivamente a que Outro ele verdadeiramente se endereça,

apesar de não sabê-lo, e de ele assumir progressivamente as relações de transferência no lugar onde está, e onde, de início, não sabia que estava” (Lacan, 1954/1985, p.311).

O Eu, portanto, não se confunde com o sujeito, e a experiência analítica visa justamente reintegrar esta dimensão, reintegração que se dá em associação livre, sob transferência, uma vez que esta “é a atualização da realidade do inconsciente” (Lacan, 1964/1985, p.139), em que a partir de sonhos, atos-falhos, lapsos; conclui-se que o inconsciente quer “se dizer”, preme por sua anunciação; e numa análise,

“A elucidação falada é a mola do progresso. As imagens tomarão sentido num discurso mais vasto, no qual a história toda do sujeito está integrada. O sujeito se acha, como tal, historizado de ponta a ponta. É aqui que a análise se efetua – na fronteira do simbólico e do imaginário” (Lacan, 1954/1985, p.321).

E, portanto, se a visada analítica é de uma reintegração da dimensão do sujeito, da experiência do inconsciente, a direção de cura sustenta-se na correção destas deformações do Eu. Para tanto, as identificações devem cair uma a uma, tocando no que é da ordem do traço, posto que “a mola fundamental da operação analítica é a manutenção da distância entre o I e o a” (Lacan, 1964/1985, p.258), ou seja, que as identificações que recobrem a falta-a-ser possam ceder lugar à falta como causa, causa de desejo. Desta forma, se o de que se trata é de aceder ao desejo, encontrando-se com a falta-a-ser, todas as identificações a que o Eu se alienou no intento de escamotear a falta devem, necessariamente, serem analisadas e demovidas. E, para isto, o analista, “ele isola o a, o põe à maior distância possível do I que ele, o analista, é chamado pelo sujeito a encarnar. É dessa idealização que o analista tem que tombar para ser o suporte do a separador” (Lacan, 1964/1985, p.258). E para que o praticante possa exercer esta função separadora, Lacan é contundente a respeito da direção de cura – direção esta exigível a todo processo analítico – ao escrever:

“Se se formam analistas é para que haja sujeitos tais que neles o eu esteja ausente. É o ideal da análise, que, é claro, permanece virtual. Não existe nunca sujeito sem um eu, sujeito plenamente realizado, porém, é justamente o que sempre se deve visar a obter do sujeito em análise” (Lacan, 1954/1985, p.310).

E, particularmente, “se ao analista se impõe a condição ideal de que as miragens do narcisismo tenham-se-lhe tornado transparentes, é para que seja permeável à fala autêntica do outro” (Lacan, 1966/1998c, p.354); é por isto que no texto *A direção do tratamento e os princípios de seu poder* (1966), Lacan afirma que o analista, ao exercer esta função paga com sua pessoa, posto que “na medida em que, haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência” (Lacan, 1966/1998, p.593).

Com estas passagens, observa-se que, assim como Freud, Lacan se perguntava pelo “fim de análise no que concerne ao eu” (Lacan, 1966/1998c, p.342), concluindo que

“submetamos a ela a chamada análise do caráter. Esta é exposta como baseada na descoberta de que a personalidade do sujeito estrutura-se como o sintoma que ela sente como estranho, ou seja, ela abriga inadvertidamente um sentido, o de um conflito recalcado” (Lacan, 1966/1998c, p.342).

Deste modo, o Eu é o sintoma *par excellence* do neurótico no que media sua forma relacionar-se com o mundo e de conceber-se a si mesmo, conferindo o afastamento da realidade que Freud identificava como caracterizando fundamentalmente o estado patológico. Desta forma,

“é justamente aí, portanto, que a análise do Eu encontra seu término ideal: aquele em que o sujeito, havendo reencontrado as origens de seu Eu numa regressão imaginária, toca, através da progressão rememoradora, em seu fim na análise, ou seja, a subjetivação de sua morte” (Lacan, 1966/1998c, p.350).

Sendo assim, observa-se que as alterações no Eu estão erigidas, num tempo muito primitivo da constituição psíquica, em favor de mecanismos defensivos contra as pulsões e mais-além contra a falta a ser, falta de substrato, que designe o sujeito. É por isto que, se a princípio as alterações no Eu se instauraram em vista à proteção de incidências pulsionais demasiadamente fortes, Freud observa que na vida adulta, sob a égide da pulsão de morte, o supereu busca reencontrar situações na vida corrente que, ao colocarem perigos análogos, justifiquem a permanência destas

rudimentares formas de defesa. Estas causam grande dispêndio de energia e danos ao aparelho, comprometendo a funcionalidade do Eu e a plasticidade das pulsões. Aqui tocamos no que Freud observava como uma misteriosa tendência masoquista nas neuroses e que será mais amplamente abordada a seguir.

4.3. O fantasma masoquista

Estas observações a respeito da função do Ideal de eu e do Supereu lançam Freud numa investigação a respeito do masoquismo. No texto *O problema econômico do masoquismo* (1924), Freud observava certos impasses do ponto de vista econômico, “pois se os processos mentais são governados pelo princípio de prazer de modo tal que o seu primeiro objetivo é a evitação do desprazer e a obtenção do prazer, o masoquismo é incompreensível” (Freud, 1924/2006a, p.177). No entanto, afirmava que “não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão. O estado de excitação sexual constitui o exemplo mais notável de um aumento prazeroso desse tipo” (Freud, 1924/2006, p.178). Fato que já recolhia de observações anteriores – como em seus *Três ensaios para uma teoria da sexualidade* (1905) – em que constatava que “no caso de um grande número de processos internos a excitação sexual surge como um efeito concomitante, tão logo a intensidade desses processos passe além de certos limites quantitativos” (Freud, 1924/2006, p.180). Isto o levava a concluir que “desprazer e prazer não podem ser relacionados à quantidade, mas à qualidade” (Freud, 1924/2006, p.178).

De sua clínica, Freud registrava três formas de masoquismo: “como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento” (Freud, 1924/2006, p.179), respectivamente denominadas por masoquismo erógeno, masoquismo feminino e masoquismo moral. De acordo com o autor, “o primeiro masoquismo, o erógeno – prazer no sofrimento – jaz no fundo também das outras duas formas. Sua base deve ser buscada ao longo de linhas biológicas e constitucionais” (Freud, 1924/2006, p.179).

O masoquismo erógeno é classificado como “masoquismo original” (Freud, 1924/2006, p.181), já que advém de uma pulsão de destruição que não encontra sua liberação para fora do aparelho. Seria, assim, “a prova e remanescente da fase e desenvolvimento em que a coalescência (tão importante para a vida) entre o instinto de morte e Eros se efetuou” (Freud, 1924/2006, p.182). Esta pulsão de destruição, ficando restrita ao aparelho sob a forma do masoquismo erógeno, levava Freud a inquirir sobre seu manejo na direção de cura, e que concluía residir na possibilidade de um “amansamento do instinto de morte pela libido” (Freud, 1924/2006, p.181).

A respeito do masoquismo feminino, Freud o definia como uma “estratificação superposta do infantil e do feminino” (Freud, 1924/2006, p.180), superposição esta que se manifestava por fantasias cujo significado remetia a “ser castrado, ser copulado, ou dar à luz um bebê” (Freud, 1924/2006, p.180). Freud chama este masoquismo de feminino, “embora tantas de suas características apontem para a vida infantil” (Freud, 1924/2006, p.180). Isto porque nestes casos, o indivíduo em questão “deseja ser tratado como uma criança pequena e desamparada, mas, particularmente como uma criança travessa” (Freud, 1924/2006, p.180). Fato que levava Lacan a estabelecer uma espécie de equivalência entre o masoquismo feminino e o fantasma³⁴, como veremos a seguir.

No que concerne ao masoquismo moral, Freud observava sua estreita relação com a instância superegógica, alegando que, nele “o superego reteve características essenciais das pessoas introjetadas – a sua força, sua severidade, a sua inclinação a supervisionar e punir” (Freud, 1924/2006, p.185), através do qual “a moralidade mais uma vez se torna sexualizada” (Freud, 1924/2006, p.187). Se o sofrimento e a satisfação (posto que possui, assim como o masoquismo feminino, sua raiz atrelada ao masoquismo erógeno, original) no masoquismo moral advém majoritariamente da função punitiva (e de gozo) do Supereu, como um derivado do complexo de Édipo, conclui-se que “a última figura na série iniciada com os pais é o poder sombrio do destino”

³⁴ De acordo com o autor, “es de una aceptación muy resumida, forzosamente concerniente a este fantasma que se llama y que está em cuestión bajo el nombre de masoquismo femenino. Que se entienda si enuncio que el masoquismo femenino es, en último término, el perfil del goce” (Lacan, 1966, seminário inédito, p.109).

(Freud, 1924/2006, p.185), que exerce na vida o sofrimento correlativo ao sentimento de culpa inconsciente - culpa advinda do incesto.

É por tanto que o masoquismo moral “tem a significação de um componente erótico, a própria destruição de si mesmo pelo individuo não pode se realizar sem uma satisfação libidinal” (Freud, 1924/2006, p.188). Desde aí, concluímos, com Lacan, que “o masoquismo não é um sadismo invertido, o fenômeno da agressividade não se explica simplesmente no plano da identificação imaginária” (Lacan, 1954/1985, p.292). Ao evocar esta relação dual, imaginária, adenda ainda que mesmo na destruição do outro, “se trata de sua própria destruição, o que é exatamente a mesma coisa” (Lacan, 1954/1985, p.337), em sua função de duplo, de semelhante ao qual se identifica.

A temática do masoquismo mostra-se intimamente vinculada à questão da fantasia fundamental de fustigação, fantasia esta que é essencialmente masoquista e que se apresenta como uma espécie de reduto a estas tendências. Isto porque, desde o contínuo trabalho que as pulsões impõem ao aparelho psíquico, elas acabam por inferir deformações no Eu a partir do desenvolvimento de mecanismos defensivos que se estabelecem contra a própria pulsão. Mecanismos que o eu imaturo, no momento de sua estruturação, emprega para sua sobrevivência³⁵, mas que se fixam e perduram por toda vida, determinando modos específicos de caráter e de relação com o mundo.

Compondo parte das estratégias defensivas das quais os Eu dispõe, Freud ressalta (1917/2006) certos desvios que a libido sofre diante de obstáculos impostos pelo princípio de realidade, quando tomam vias regressivas, retornando junto a antigas posições experimentadas e abandonadas pelo eu – abandonas, porém, apenas de forma parcial, pois subjazem inconscientes, conservando intactas uma certa quota de libido nelas fixadas. São fixações que se fundam nas marcas que restam da experiência de satisfação da pulsão com o objeto e que se articulam num especial reduto

³⁵ Como Freud descreve o funcionamento do aparelho psíquico em *Projeto para uma psicologia científica*; que, a fim de conter um excessivo influxo de estímulo no aparelho que o poria em risco, tem de desenvolver barreiras de proteção a estas influências, gerando uma espécie de “mortificação” no aparelho psíquico que, desde esta deformidade, daria lugar à instância do Eu em sua teoria.

inconsciente: as fantasias, nas quais impera uma prevalência de objetos e tendências ao abrigo de qualquer prova da realidade.

As fantasias, desta forma, concentram grande parte do quantum pulsional, e, por sua lógica de satisfação auto-erótica, os neuróticos acabam por se ancorar nestes pontos de fixação de sua história objetual em que a libido tinha livre acesso à satisfação, posição que, posteriormente, se desdobra no sofrimento e prejuízo de incapacidade para a vida por conta desta alienação.

As fantasias, como redutos de satisfação pulsional, encontram-se na base das formações de sintomas, realizando através deles, de forma distorcida, o modo de satisfação que se engendra sempre que um excessivo influxo de libido em direção a elas as empuxa à realização na esfera consciente. Mediante isto, o eu evoca suas resistências a fim de reprimi-las e, assim, nada saber de tal satisfação que, segundo Freud (1917/2006), causaria culpa e vergonha. Freud, desde muito cedo em sua doutrina, dedicava-se à questão das fantasias e sua vinculação com a neurose. No texto *Escritores criativos e devaneios*, (1908), Freud escreve:

“nada é tão difícil para o homem quanto abdicar de um prazer que já experimentou. Na realidade, nunca renunciamos a nada; apenas trocamos uma coisa por outra. O que parece ser uma renúncia é, na verdade, a formação de um substituto ou sub-rogado. Da mesma forma, a criança em crescimento, quando pára de brincar, só abdica do elo como os objetos reais; em vez de *brincar*, ela agora *fantasia*. Constrói castelos no ar e cria o que chamamos de *devaneios*” (Freud, 1908/2006a, p.136).

Observava que “as forças motivadoras das fantasias são os desejos insatisfeitos, e toda fantasia é a realização de um desejo, uma correção da realidade insatisfatória” (Freud, 1908/2006a, p.137). E é por isto que o neurótico “acalenta suas fantasias como seu bem mais íntimo, e em geral preferiria confessar suas faltas do que confiar a outros suas fantasias” (Freud, 1908/2006a, p.137). É em razão da presença destes desejos insatisfeitos que “o adulto envergonha-se de suas fantasias por serem infantis e proibidas” (Freud, 1908/2006a, p.137). Porém, seu caráter de conservação destas antigas moções libidinais não impede que as fantasias “adaptem-se às impressões mutáveis que o sujeito tem da vida, alterando-se a cada mudança de sua

situação e recebendo de cada nova impressão ativa uma espécie de ‘carimbo de data de fabricação’” (Freud, 1908/2006a, p.138).

As fantasias, portanto, veiculam desejos infantis na trama manifesta da vida adulta; “dessa forma o passado, o presente e o futuro são entrelaçados pelo fio do desejo que os une” (Freud, 1908/2006a, p.138), desejo este que “utiliza uma ocasião do presente para construir, segundo moldes do passado, um quadro do futuro” (Freud, 1908/2006a, p.139). Se, por um lado, “esses devaneios são catexizados com um vivo interesse; são acalentados carinhosamente pelo sujeito e em geral ocultos com muita sensibilidade” (Freud, 1908/2006b, p.149), por outro, manifestam-se de forma direta e inconsciente na formação dos sintomas. De acordo com Freud, “as fantasias inconscientes são os percussores psíquicos imediatos de toda uma série de sintomas” (Freud, 1908/2006b, p.151) que, segundo o autor, encenam, põem em ato o conteúdo latente que subjaz nas fantasias.

A partir destes dados, Freud colocava-se a questão sobre o motor da necessidade e da pertinência das fantasias nas neuroses, bem como da origem de seu material, concluindo que “não pode haver dúvida de que suas fontes situam-se nos instintos; contudo, está ainda por ser explicado por que sempre são geradas as mesmas fantasias com o mesmo conteúdo” (Freud, 1917/2006f, p.372). Observava esta repetição de um sentido fixo reprisado nas mais diferentes formas manifestas de fantasias - sonhos diurnos que aspiravam realizações pessoais, profissionais e amorosas. Porém, este núcleo que se preservava o mesmo levou-o a indagar uma possível distinção que inicialmente nomeou por “fantasias primitivas” (Freud, 1917/2006f, p.373). Refletindo sobre a existência e a função deste núcleo lógico de um enredo que se repete, Freud escreve;

“os homens, contudo, sempre acharam difícil renunciar ao prazer; não podem deixar-se levar a fazê-lo sem alguma forma de compensação. Por isso, retiveram uma atividade mental na qual todas aquelas fontes de prazer e aqueles métodos de conseguir prazer, que haviam sido abandonados, têm assegurada sua sobrevivência – uma forma de existência na qual se livram das exigências da realidade e aquilo que chamamos ‘teste de realidade’. [...] Desse modo, na atividade da fantasia, os seres humanos continuam a gozar da sensação de serem livres da compulsão externa, à qual há muito tempo renunciaram, na realidade. Idearam uma forma de alternar entre permanecer

um animal que busca o prazer, e ser, igualmente, uma criatura dotada de razão. [...] A criação do reino mental da fantasia encontra um paralelo perfeito no estabelecimento das 'reservas' ou 'reservas naturais', em locais onde os requisitos apresentados pela agricultura, pelas comunicações ou pela indústria ameaçaram acarretar modificações do aspecto original da terra que em breve o tornarão irreconhecível. Uma reserva natural preserva seu estado original que, em todos os demais lugares, para desgosto nosso, foi sacrificado à necessidade. Nesses locais reservados, tudo, inclusive o que é inútil e até mesmo nocivo, pode crescer e proliferar como lhe apraz. O reino mental da fantasia é exatamente uma reserva desse tipo, apartada do princípio de realidade" (Freud, 1917/2006f, p.373-4).

É evidente que este apartamento do princípio de realidade resulta em custos psíquicos que se revertem em implicações na dinâmica do aparelho pela via sintomática. O que leva Freud a distinguir entre o mero sonho diurno a existência de "fantasias patogênicas" (Freud, 1910/2006a, p.248), distinção esta que tem em conta o fator econômico nelas implicadas. Nas neuroses, observamos a coexistência destes dois tipos de fantasias, mas o fato que se denuncia pelas observações clínicas é que os sonhos diurnos, as fantasias em seu caráter de ilusões narcísicas, estão determinadas por um núcleo fixo, que, em sua análise mais profunda, revela, invariavelmente, uma raiz masoquista – que quase nunca sobrevém à consciência na forma manifesta a que o neurótico tem acesso.

É importante observar a alteração que Lacan propõe ao nomear a fantasia fundamental de fustigação por *fantasma*, isto para marcar uma diferenciação para com a fantasia enquanto sonhos diurnos como nomeava Freud, que "só era concebida como fazendo parte das distorções do mundo imaginário no qual ela está integrada e, no fim, confundida com as distorções da neurose e as deformações que o instinto recalcado impõe à realidade" (Cabas, 2008/2010, p.56-7). Lacan "formula um projeto epistêmico" (Cabas, 2008/2010, p.56) quando substitui o termo *fantasie* por *fantasme*, pois, "se por um lado o estádio do espelho mostrava a função da imago (e do imaginário) na estruturação do 'eu' a clínica da neurose revela a existência de uma estrutura para além da trama meramente imaginária dos fenômenos" (Cabas, 2008/2010, p.56-7). Isto porque, se por um lado, "a fantasia é da ordem do *fenômeno*

(fanos-fenômeno) o fantasma é da ordem dos fundamentos” (Cabas, 2008/2010, p.59).

A questão do fantasma masoquista traz ressonâncias importantes à prática clínica, desde o que concerne à demanda e ao início do tratamento, posto que

“É a questão de todos os neuróticos, obter uma realização fantasmática – ‘não consigo chegar a realizar meus sonhos’ – mas por sorte a psicanálise não lhes permite esta realização fantasmática. Digo ‘por sorte’, porque a realização fantasmática é perigosa. Por uma razão muito simples: o fantasma é uma saída para o desejo, e se essa saída se realiza, então não há mais desejo possível. É o que acontece, às vezes, com algumas passagens ao ato” (Leguil, 1993, p.19).

Se por um lado, observa-se, na clínica, implícito nas demandas de entrada, uma visada de “reparo fantasmático” motivado por alguma desestabilização neste arranjo, no entanto, registros das atas da Sociedade das Quartas-feiras dão conta de que Freud alegava que “a terapia pode curar o neurótico na medida em que sofre; na medida em que não sofre, a terapia é ineficaz” (Federn & Nunberg, 1908/1979, p.120). Este é um cálculo que cabe ao clínico ao consentir com uma análise. Portanto, temos que “a força motivadora primária na terapia analítica é o sofrimento do paciente e o desejo de ser curado que deste se origina” (Freud, 1913/2006, p.157). Ainda assim, o autor observava na clínica “uma força que se está defendendo por todos os meios possíveis contra o restabelecimento e que está decidida a apegar-se à doença e ao sofrimento” (Freud, 1937/2006, p.259). Neste percurso, “muitos se resignam e até podem fazer do sofrimento um motivo de orgulho e uma forma de laço” (Perez, 1988, p.51), posto que, na neurose “é mais cômodo sujeitar-se ao interdito do que incorrer a castração” (Lacan, 1959/1988, p.367).

Tratam-se de posições ambíguas e que aparentemente carecem de lógica, mas que se justificam no fato de “que todo desprazer neurótico é um prazer que não pode ser sentido como tal” (Freud, 1920/2006, p.21) e, deste modo, “o sofrimento acarretado pelas neuroses é exatamente o que as torna valiosas para a tendência masoquista” (Freud, 1924/2006, p. 183). Isto porque, segundo Lacan, “isso ao que eles satisfazem pelas vias do desprazer é [...] a lei do prazer. Digamos que, por essa espécie de satisfação, eles se fazem

sofrer demais. Até certo ponto é sofrer demais que é a única justificativa de nossa intervenção” (Lacan, 1964/1985b, p.158). Freud dizia destas pessoas que “a impressão que dão é de serem perseguidas por um destino maligno [...]; a psicanálise, porém, sempre foi de opinião de que seu destino é, na maior parte, arranjado por elas próprias e determinado por influências infantis primitivas” (Freud, 1920/2006, p.32). Inclui-se entre estas influências o que o autor observa como uma fantasia fundamental de fustigação, fantasia esta que guarda os fundamentos do masoquismo que fazia os esforços de cura sucumbirem frente a esta posição de satisfação.

Trata-se de uma fantasia fundamental “por exigir do trabalho analítico, chegar aos fundamentos da constituição subjetiva. Ir às raízes, portanto” (Barra, 2010, p.152). E se Freud visava uma “cura radical” (Freud, 1905/2006, p.247), promovida por uma mudança no regime de satisfações que se operaria pela correção no processo original de repressão, pretendia, para tanto, que seus pacientes “confessassem aquilo que ninguém, nem mesmo eles sabiam” (Freud, 1909/2006, p.38). Ou seja, que, para além do levantamento do recalque secundário, confessassem esta fantasia que só seria construída em análise, justamente por nunca ter sido recalcada como tal, tocando, portanto, no que é da ordem da estrutura e que remonta a uma espécie de mítica a favor do recobrimento do real. De acordo com Lacan, “o real suporta a fantasia, e a fantasia protege o real” (Lacan, 1964/1985, p.44). E “o real é aqui o que retorna sempre ao mesmo lugar” (Lacan, 1964/1985, p.52), o real pulsional, na fixidez da exigência de um gozo prototípico.

No texto *Uma criança é espancada*, de 1919, Freud relata a existência do que nomeia por “fantasia fundamental de fustigação”, observada a partir do estudo minucioso de seis casos clínicos. No texto, Freud escreve que “é somente com hesitação que essa fantasia é confessada [...], o tratamento analítico do problema encontra inequívoca resistência” (Freud, 1919/2006, p.195). Inicia seu escrito afirmando que esta fantasia evoca sentimentos de prazer, e que por isto, era reproduzida incontáveis vezes, no passado e mesmo no presente. Sendo que, “no clímax da situação imaginária, há quase invariavelmente uma satisfação masturbatória [...] De início, isso acontece voluntariamente, mas depois ocorre contra a vontade do paciente e com as características de uma obsessão” (Freud, 1919/2006, p.195). Ainda de acordo

com Freud, as fantasias de espancamento comportam um desenvolvimento histórico “no decorrer do qual são mais de uma vez modificadas em muitos aspectos – no que diz respeito à relação com o autor da fantasia, e quanto ao seu objeto, conteúdo e significado” (Freud, 1919/2006, p.200).

O primeiro tempo desta fantasia resumia-se à frase “o meu pai está batendo na criança que eu odeio” (Freud, 1919/2006, p.201). Nesta primeira fase, o que está em jogo, portanto, é a demonstração da predileção do pai a favor da criança explicitada no detrimento do rival. O que na perspectiva da criança se justificaria na idéia de que “meu pai [...] bate em meu irmão ou minha irmã por medo de que eu não acredite que o prefiram a mim” (Lacan, 1956/1995, p.117-8). Fase esta que se justifica nos enredos do complexo de Édipo, em que “muitas crianças, que se acreditavam seguramente entronadas na inabalável afeição dos pais, foram de um só golpe derrubadas de todos os céus da sua onipotência imaginária” (Freud, 1919/2006, p.202).

Portanto, o sentido desta primeira fase da fantasia repousa no intuito de assegurar-se de que “o meu pai não ama essa criança, *ama apenas a mim*. É este, então o conteúdo e o significado da fantasia de espancamento na sua primeira fase” (Freud, 1919/2006, p.202), pois, “ser espancado mesmo que não doa muito significa uma privação de amor e uma humilhação” (Freud, 1919/2006, p.202). O que se converte à criança como uma garantia do amor parental, “na intenção de fazê-lo saber que algo lhe é dado, o privilégio da preferência, a precedência” (Lacan, 1956/1995, p.118). Segundo Lacan, “a mensagem, que inicialmente quis dizer *O rival não existe, não é nada em absoluto*, agora quer dizer: *Tu existes, e é até amado*” (Lacan, 1957/1999, p.251).

A segunda fase da fantasia é, segundo Freud, a mais importante e significativa, no entanto, “pode-se dizer, porém, que, num certo sentido, jamais teve existência real. Nunca é lembrada, jamais conseguiu tornar-se consciente. É uma construção da análise, mas nem por isso é menos uma necessidade” (Freud, 1919/2006, p.201). Seu sentido se condensa na frase “estou sendo espancado pelo meu pai” (Freud, 1919/2006, p.201), em que “o ser espancado também significa ser amado (num sentido genital), embora rebaixado a um nível inferior” (Freud, 1919/2006, p.213), o que denuncia a “convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. Não é apenas o castigo pela relação

genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação” (Freud, 1919/2006, p.205).

É como se a criança, em sua exigência irrestrita de amor, pudesse perceber, no espancamento, um signo, ainda que de atenção (ao contrário da completa indiferença que anularia a existência do outro), da mínima dedicação ao rival que o faz requerer para si todo e qualquer indicador de investimento libidinal, independentemente da ordem de qualidade de que se trate. Segundo Freud, “aqui temos, pela primeira vez, a essência do masoquismo” (Freud, 1919/2006, p.205), o que o leva a definir sua qualidade de “passivo e narcísico” (Freud, 1919/2006, p.209).

Ao perguntar-se sobre a qualidade desta fantasia fundamental de fustigação, Freud conclui ser “não claramente sexual, nem sádica em si, mas ainda assim, a natureza da qual ambos os impulsos surgirão depois” (Freud, 1919/2006, p.204), posto que, nos fundamentos do masoquismo erógeno, está “o homem, provavelmente sozinho entre todos os animais a iniciar duas vezes a sua vida sexual” (Freud, 1919/2006, p.208). Neste reinício da vida sexual, a fantasia primordial resta como resíduo do complexo de Édipo, uma “cicatriz” (Freud, 1919/2006, p.208) que se imprime como marca nas relações posteriores. De acordo com Lacan,

“a segunda etapa é dual, com toda a problemática que levanta no plano libidinal. O sujeito se encontra incluído aí com o outro numa relação dual e, portanto, ambígua. Encontramos aí este *ou...,ou...*, que é fundamental na relação dual. Esta etapa, Freud nos diz, somos quase sempre forçados a reconstruí-la, de tal modo é fugaz. Essa fugacidade é de tal modo a sua característica que a situação se precipita rapidamente na terceira etapa” (Lacan, 1956/1995, p.119).

A terceira e última fase da fantasia “assemelha-se uma vez mais à primeira. [...] a pessoa que bate nunca é o pai, mas sim, ou é deixada indeterminada [...] ou se transforma, de maneira característica, num substituto do pai, tal como um professor” (Freud, 1919/2006, p.201). De acordo com Lacan,

“depois da redução da situação intersubjetiva primeira com sua tensão temporal, e da passagem à situação segunda, dual e recíproca, chega-se à situação dessubjetivada que é a da fantasia terminal, a saber: *Bate-se numa criança*. Neste *Se*, reencontra-se vagamente a

função paterna, mas em geral o pai não é reconhecível, não passa de um substituto” (Lacan, 1956/1995, p.119)

Neste terceiro tempo da fantasia, “a situação do espancamento, que originalmente era simples e monótona, pode passar por alterações e elaborações as mais complicadas; castigos e humilhações de outra natureza podem substituir o próprio espancamento.” (Freud, 1919/2006, p.201). A diferença agora é que “a fantasia liga-se a uma forte e inequívoca excitação sexual, proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbadora” (Freud, 1919/2006, p.201). E, portanto, preserva-se na vida adulta como “uma elaborada superestrutura de devaneios” (Freud, 1919/2006, p.205). Podemos concluir, no entanto, que em homens e em mulheres, “a fantasia de espancamento corresponde a uma atitude feminina – isto é, uma atitude na qual o indivíduo se demora na ‘linha feminina’ – e ambos os sexos apressam-se em libertar-se dessa atitude, reprimindo a fantasia” (Freud, 1919/2006, p.217). Uma vez reprimida, a fantasia fundamental de fustigação espraia-se na vida psíquica, impondo sua existência ao determinar um modo típico de satisfação – masoquista.

Se, de acordo com Freud, a segunda fase da fantasia é a mais importante para as investigações analíticas, nos ateremos a esta passagem, que confere mesmo o núcleo do fantasma masoquista, e que deve ser construído em análise. Temos que esta fantasia nasce em meio à trama edípica, e seu valor incide sobre seu caráter simbólico, posto que “a fustigação não atinge a integridade real e física do sujeito. É justamente seu caráter simbólico que é erotizado como tal, e o é desde a origem” (Lacan, 1957/1999, p.250)³⁶. É uma fantasia que, em seus três tempos de constituição, dá conta de diferentes tempos de simbolização que pela inscrição do significante no psiquismo marca uma re-significação do Complexo de Édipo e do laço ao Outro, fixando um modo de relação ao desejo pelo viés do assujeitamento ao Outro da linguagem que se impõe.

A fantasia toma a forma da frase “meu pai está me batendo” e retrata um momento específico da constituição subjetiva. Isto porque “vocês sempre constatarão, na experiência, que o sujeito se posicionou de uma certa maneira,

³⁶ De acordo com Freud, “era sempre uma condição das fantasias mais sofisticadas [...] que o castigo não causasse à criança qualquer dano mais sério” (Freud, 1919/2006, p.196).

num momento de sua infância, quanto ao papel desempenhado pelo pai no fato de a mãe não ter o falo” (Lacan, 1957/1999, p. 191). O fantasma retrata este particular posicionamento do neurótico frente à interdição paterna e que, segundo Lacan, longe de uma homologia à pessoa real³⁷ do pai convém situar no para-além do pai, como “o pai simbólico” (Lacan, 1957/1999, p.152), ou seja, na sua função de Nome-do-Pai. De acordo com Lacan, “esse é um termo que subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que dá esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro” (Lacan, 1957/1999, p.152). Portanto, quando evocamos a função paterna, nos referimos ao pai como aquele que promulga a lei: “o pai morto, isto é, o símbolo do pai. O pai morto é o Nome-do-Pai” (Lacan, 1957/1999, p.152).

Se “essa fantasia situa-se, então, em algum lugar da dimensão simbólica entre o pai e a mãe, entre os quais, aliás, ela efetivamente oscila” (Lacan, 1957/1999, p.256), é pelo fato de que é pela via do desejo materno que o circuito pulsional se organiza no infans, comportando uma “dimensão histórica” (Lacan, 1959/1988, p.256) que se dá pelo registro das experiências de satisfação com os objetos provindos do Outro e que imprimem marcas na homogeneidade do corpo como zonas erógenas, furos que subvertem o puro metabolismo. O circuito pulsional, deste modo, “se refere a algo memorável, porque memorizado” (Lacan, 1959/1988, p.256), fixado no corpo, e esta experiência primária com o desejo do Outro deixa como saldo o furo como “estofo” (Lacan, 1960/1998g, p.832) do sujeito.

Desde aí, e pela tendência ao princípio de prazer, o Eu se edifica numa tentativa de recobrimento deste furo, construindo-se como um precipitado de antigas catexias, simbolizando esta perda original. O Eu, portanto, ao passo que se oferta à pulsão como objeto privilegiado, oferta-se igualmente à mãe, como aquilo que falta a ela na medida mesma de sua demanda, isto porque o neurótico experimenta a pulsão como uma satisfação que não é sua, como se estivesse ele próprio satisfazendo a algo. Desta forma, “o sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. [...], para agradar a mãe é necessário e suficiente ser o falo” (Lacan, 1957/1999, p.198).

³⁷ “O pai é de fato o genitor. Mas, antes que o saibamos de fonte segura, o nome do pai cria a função do pai” (Lacan, 1953/2005, p.47).

De acordo com Lacan, o que é desejado “é o desejante no outro – o que só se pode fazer se o próprio sujeito for colocado como desejável. É isso que ele demanda da demanda de amor” (Lacan, 1960/1992, p.345). E “daí resulta que a demanda do Outro assume a função de objeto em sua fantasia, isto é, sua fantasia [...] reduz-se à pulsão. Por isto é que o catálogo das pulsões pôde ser organizado no neurótico” (Lacan, 1960 /1998g, p.838).

É por isto que, nesta organização, a criança encontra-se acirradamente ligada à mãe, como profundamente assujeitada ao seu capricho. E em vista a ser todo para ela, vai em busca da “apetência de seu desejo” (Lacan, 1957/1999, p.188), nesta busca, ela se encontra com sua lei. Pois o pai faz sua entrada como um elemento terceiro que guarda o referencial fálico como aquilo que responderia ao desejo da mãe - o que a coloca em falta.

O pai simboliza aquilo que proíbe a mãe, ou seja, “se trata da proibição do pai em relação à pulsão real” (Lacan, 1957/1999, p.178) no que a lei deste promulga um “não reintegrarás teu produto” (Lacan, 1957/1999, p.209), que impede uma díade que se baste nos termos mãe-criança, destronando o infans em sua aspiração fálica de se fazer objeto da mãe. Pois “é na medida em que o objeto do desejo da mãe é tocado pela proibição paterna que o círculo não se fecha completamente em torno da criança” (Lacan, 1957/1999, p.209), posto que é graças a entrada do pai que “há nela o desejo de Outra coisa que não o satisfazer meu próprio desejo que começa a palpitar para a vida” (Lacan, 1957/1999, p.188). De acordo com Lacan, o papel da mãe é seu desejo. No entanto, este desejo “não é algo que se possa suportar assim, que lhes seja indiferente. Carreia sempre estragos. Um grande crocodilo em cuja boca vocês estão – a mãe é isso. Não se sabe o que lhe pode dar na telha, de estalo fechar sua bocarra” (Lacan, 1969/1993, p.105).

Portanto, ao pôr a alteridade que descola o infans do lugar de objeto total, o pai promove a entrada do simbólico ao agenciar este desgarramento da mãe. Põe, portanto, a diferença. A criança não pode mais sucumbir à pura pulsão, pois o pai como “um cabedal de idéias” (Freud, 1927/2006, p.27) exerce esta báscula ao introduzir o significante que rompe a completude mortífera de símbolo a que a criança se pretendia, fazendo obstáculo à premência da pulsão de morte que visa fazer Um, excluir a diferença e silenciar o desejo separador. De acordo com Lacan, entrar no mundo do desejo é “ suportar, logo

de saída, a lei imposta por esse algo que existe mais-além, a lei da *Schlag* – o fato de o chamarmos aqui de pai já não tem importância, não vem ao caso” (Lacan, 1957/1999, p.252), pois é de sua função, frente ao simbólico, de que se trata.

Sendo assim, “a função da fantasia terminal é manifestar uma relação essencial do sujeito com o significante” (Lacan, 1957/2006, p.252), relação esta que a fantasia retrata, no seu caráter fundamentalmente masoquista, como sendo “a existência do chicote” (Lacan, 1957/1999, p.251). Chicote, porque “o que intervém, acima de tudo, é alguma coisa que risca o sujeito, que o barra, que o abole, alguma coisa de significante” (Lacan, 1957/1999, p.250), porque o significante “marca e fere a experiência humana no que ela tem de mais essencial, ao ponto que há que dizer que o sujeito é atravessado pelo significante tão longe quanto este lhe traça o destino” (Cabas, 1988, p.57). Traça-lhe o destino, na medida em que “por nascer com o significante, o sujeito nasce dividido” (Lacan, 1964/1985, p.188) e esta divisão é o que o fantasma visa obturar. E nas variantes da fantasia primordial, “a única coisa que persiste é o material do significante, esse objeto, o chicote, que permanece como um signo até o fim, a ponto de se tornar o pivô e, diria eu, quase o modelo da relação com o desejo do Outro” (Lacan, 1957/1999, p.251-2).

A entrada do pai retira a criança do puro campo da satisfação, no que o nome-do-pai é “capaz de balizar a errância da deriva pulsional” (Cabas, 2009, p.228), e o fantasma retrata este corte como uma sevícia do pai porque o significante bate ao cindir o ser de sua própria existência; o põe elidido, “porque seu ser tem de ser representado alhures, no signo, e o próprio signo está num lugar terceiro” (Lacan, 1957/1998, p.266). E, numa análise, fazer o sujeito se reencontrar nesta cadeia que o representa “como desejante é o inverso de fazê-lo reconhecer-se ali como sujeito” (Lacan, 1960/1999, p.629). Pois “a pulsão divide o sujeito e o desejo, o qual só se sustenta pela relação, que ele desconhece, dessa divisão com um objeto que a causa. Tal é a estrutura da fantasia” (Lacan, 1966b/1998, p.867).

É em favor deste desconhecimento que “o castigo do grande poder parental do destino” (Freud, 1924/2006, p.185) se presentifica na neurose em nome da tendência masoquista. O fantasma apresenta este retrato do traumático que se renova na vida como um “perfil de gozo” (Lacan, seminário

inédito, p.109) que diz do liame desta escolha – forçada - pelo simbólico, escolha esta que põe uma perda de gozo a se recuperar. A se recuperar, porque “o homem se mostra incapaz de abrir mão de uma satisfação que outrora desfrutou” (Freud, 1914/2006, p.100) É aí que o fantasma se reedita, porque “acena com o possível” (Barra, 2010, p.153) numa montagem que se pretende acidente do destino, como se a falta não fosse de estrutura. Como se não fosse apenas o furo enquanto estofo que existisse antes do corte do significante, como se pudesse haver sujeito antes da linguagem, na certeza da pulsão. Como se, de fato, o desejo pudesse ser empossado como *seu*, prescindindo do laço ao Outro da linguagem que o torna apartado de si.

É por isso que o fantasma realiza a “necessidade eterna de repetir a mesma recusa” (Lacan, 1957/1999, p.255). E, na construção fantasmática, que visa erradicar esta “dívida que não contraiu” (Lacan, 1957/1999, p.255) para com o Nome-do-pai, o neurótico “não faz outra coisa senão perpetuá-la. Suas recusas sucessivas têm como efeito fazer a cadeia repercutir mais, e ele se descobre sempre mais e mais ligado a essa mesma cadeia” (Lacan, 1957/1999, p.255). Isto porque “o pai, o nome-do-pai, sustenta a estrutura do desejo com a da lei – mas a herança do pai [...] é seu pecado.” (Lacan, 1964/1985, p.38) – uma morte, da coisa, que se deve à vida pela entrada do significante.

É o que Lacan denomina por “dor de ser” (Lacan, 1957/1999, p.255), dor de ser no e pelo significante. O fato é que a vida humana começa com a condição de uma perda, perda do ser para a linguagem - o que de partida revela que não há sujeito antes deste ato inaugural. Isto, no entanto, não impede que o neurótico seja um saudosista daquilo que nunca foi. E é isto que o fantasma vem celebrar, e celebra na dor - ligação última de Tântos e Eros - a conciliação destes contrários.

Viver o fantasma é o meio do neurótico visitar o lugar que miticamente teve, em que, numa lógica de presença-ausência, o revisita justamente no retrato deste instante da perda, e põe-se a reivindicar o perdido - “a libra de carne” (Lacan, 1966/1998, p.636) que se paga no que se acede ao significante que mata a coisa. O fantasma masoquista presta homenagens ao ser completo que se pretende sacrificado por uma suposta mazela do destino ao preservar a “função de axioma” (Lacan, 1967/2003b, p.327) para a

abordagem da questão do desejo, um axioma que conserva “a estática que subjaz por trás do semblante” (Cabas, 2008/2010, p.57), uma espécie de “inércia simbólica” (Lacan, 1954/1985, p.239) que fornece uma resposta a este enigma do desejo do Outro, se fazendo ser aquilo que lhe falta - conservando uma interpretação pronta, um instrumento de resposta, como uma “onipotência do pensamento: não é a megalomania que se denuncia aí, mas a conciliação dos contrários” (Lacan, 1966/2003b, p.327). Porque este giro masoquista é o que faz conciliar prazer e dor, que numa subversão econômica extrai prazer do mais além do princípio de prazer³⁸: *me bate...porque me ama*. Porque o desejo, na neurose, é vivido como sofrimento. Porque a castração é uma verdade que “deve ser sacrificada” (Freud, 1937/2006, p.253).

O pai bate porque sujeita a criança à linguagem, impede que o círculo da pulsão se feche sobre ela. Na interpretação fantasmática, tem-se que o pai ama ao bater, pois dá à criança um lugar ao introduzi-la na dimensão simbólica do significante, e, nisto, “ele se sente escorado naquilo que como tal o consagra e o valoriza, ao mesmo tempo que o profana” (Lacan, 1957/1999, p.255). É nisto que o sofrimento advém - por ser um lugar do desejo e não do campo da certeza, do memorizado da pulsão, que visa “voltar ao repouso das pedras³⁹” (Lacan, 1957/1999, p.252). Como escreve Lacan, tratam-se das “desventuras do desejo nas sebes do gozo, espreitadas por um deus maligno. Esse drama não é o acidente que se supõe. É da ordem da essência porque o desejo vem do Outro e o gozo está do lado da coisa” (Lacan, 1966/1998b, p.867).

³⁸ A este respeito, Lacan escreve: “E, afinal, no que Freud denomina de além do princípio de prazer, haverá realmente outra coisa senão a relação fundamental do sujeito com a cadeia significante?” (Lacan, 1957/1999, p.254), já que “é isso, o para além do princípio do prazer. É o para além da significação. Os dois confundem-se” (Lacan, 1954/1985, p.238). E, “o que dá prazer é aquilo que se pode representar. Logo, o gozo é o que está mais-além do princípio do prazer” (Leguil, 1993, p.76), como o que escapa desta vinculação à palavra que drena uma cota de excitação, conferindo-se como o fruto do que resta para além do significante. E “quando o sujeito extrai um pouco de prazer com o que está mais-além do princípio do prazer, isto é, consegue um pouco de prazer com o gozo, trata-se aí do seu fantasma” (Leguil, 1993, p.88), quando consegue ordenar este além numa logicização que se burla em prazer. É o que leva Lacan a definir o fantasma como o que “torna o prazer apropriado ao desejo” (Lacan, 1966/1998e, p.785).

³⁹ Lacan contrapõe o deslizamento metonímico, “regato do desejo” (Lacan, 1966/1998, p.629) com a tendência do retorno ao inanimado, que visa a pulsão de morte, no seguinte trecho: “vou tentar amarrar a função da palavra com a da morte – não diria da morte como tal, porque isto não quer dizer nada, mas da morte na medida em que é contra ela que a vida resiste” (Lacan, 1954/1985, p.259).

Esta dissociação fundamental é o que o fantasma pretende escamotear: “Que o Outro seja para o sujeito o lugar de sua causa significativa só faz explicar, aqui, a razão por que nenhum sujeito pode ser causa de si mesmo” (Lacan, 1966/1998d, p.855). Ainda assim, “pretender-se causa de si próprio é o que o fantasma permite crer” (Clastres, 1994, p.318). Isto porque, se Lacan afirma que a pulsão é o que divide o sujeito e o desejo (1966/1998b), divisão que se dá por um objeto – objeto *a*, na medida em que “o objeto do desejo é a causa do desejo, e esse objeto causa do desejo é o objeto da pulsão – quer dizer, o objeto em torno do qual gira a pulsão” (Lacan, 1964/1985, p.229). Temos que o fantasma serve-se da pulsão para desconhecê-la, uma vez que é sua estrutura que promove seu desconhecimento, deste modo, “ao invés de ser dividido pelo objeto da pulsão, o sujeito pretende que este objeto seja seu companheiro: “o medo é meu amigo”. É o que dá esse giro masoquista a todos os sintomas do neurótico” (Leguil, 1993, p.101).

Se afirmamos com Freud que a fantasia fundamental é masoquista é pelo fato de que “reconhecer-se como objeto de desejo, no sentido como o artigo, é sempre masoquista” (Lacan, 1962/2005, p.119), isto porque “o Outro, aqui, está unicamente concernido como o lugar de onde se constitui a perpétua referência do eu, em sua oscilação patética, nessa imagem que se oferece a ele e com que ele se identifica” (Lacan, 1960/1992, p.342). Portanto este se *fazer ser para o Outro* que a princípio evoca apenas uma posição simbólica e imaginária, revela, no segundo tempo do circuito pulsional, no retorno contra o próprio Eu, um ganho de satisfação:

“o sujeito, assumindo esse papel de objeto, é exatamente isto que sustenta a realidade da situação do que se chama de pulsão sado-masoquista, e que está apenas num ponto – na própria situação masoquista. É no que o sujeito se faz objeto de uma vontade outra, que não somente se fecha mas se constitui a pulsão sado-masoquista” (Lacan, 1964/1985, p.175),

E isto se dá pelo fato de que a “atividade da pulsão se concentra nesse se *fazer*” (Lacan, 1964/1985, p.184). De acordo com Lacan,

“É preciso bem distinguir a volta em circuito de uma pulsão do que aparece – mas também *por não aparecer*, - num terceiro tempo. Isto

é, o aparecimento de *ein neues Subjekt* que é preciso entender assim – não que ali já houvesse um, a saber, o sujeito da pulsão, mas que é novo ver aparecer um sujeito. Esse sujeito, que é propriamente o outro, aparece no que a pulsão pôde fechar seu curso circular. É somente com sua aparição no nível do outro que pode ser realizado o que é da função da pulsão” (Lacan, 1964/1985, p.169).

É por isto que podemos afirmar que “o correlato material do sujeito freudiano é um órgão que se define por ser nada menos que a fonte da pulsão” (Cabas, 2009, p.55), ao passo que “a torção do curso pulsional se dá em torno do objeto faltante, o retorno contra a própria pessoa consagra um lugar – que não por acaso é a fonte – e nele, uma posição: a posição do sujeito” (Cabas, 2009, p.70). No entanto, embora estando presente, na fantasia o sujeito fica despercebido, já que “o sujeito se situa a si mesmo como determinado pela fantasia” (Lacan, 1964/1985, p.175), como se esta satisfação não lhe concernisse, como se fosse um gozo do Outro. É por tanto que, na direção de cura,

“A análise progride através da fala do sujeito na medida em que ela vai para além da relação dual, e não encontra, então, mais nada, a não ser o Outro absoluto, que o sujeito não sabe reconhecer. É progressivamente que ele deve reintegrar em si esta fala, ou seja, falar enfim com o Outro absoluto dali onde ele se acha, dali onde o seu eu deve realizar-se, reintegrando a decomposição paranóide de suas pulsões das quais não basta dizer que nelas ele não se reconhece – fundamentalmente, na sua qualidade de eu, ele as desconhece” (Lacan, 1954/1985, p.338).

Se a visada numa análise é de promover a reintegração desta fala, que se faça perceber que este Outro é um fantasma, para que se revele o gozo na pulsão e para que se aceda às insígnias daquilo à que se identificou e se fez ser, temos que neste processo, que se dá pela via da palavra, tentando bordejar, cernir algo deste real, “o sujeito não pode voltar a si próprio no significante, portanto, não pode responder à pergunta do que ele é a nível de significante, mas pode responder a essa pergunta através do objeto” (Soler, 1987, p.89). É, portanto, que “esse sujeito que não encontra seu ser no significante, o encontrará na fantasia, na medida em que a fantasia é exatamente o elo do sujeito com um determinado objeto $\$ \leftrightarrow a$ ” (Soler, 1987, p.89). Se Lacan isola o fantasma sob o matema $\$ \leftrightarrow a$, temos que o

“\$ tem relação com o *fading* do sujeito, ao passo que a, que é o pequeno outro, tem a ver com o objeto do desejo. Essa simbolização já tem por efeito mostrar a vocês que o desejo não comporta uma relação subjetiva simples com o objeto” (Lacan, 1960/1992, p.349).

E é por isto que “o sujeito não se apreende como desejante. No entanto, na fantasia, o lugar onde o sujeito poderia, se ousar dizê-lo, apreender-se como tal, como desejante, está sempre reservado” (Lacan, 1960/1992, p.349). Pois este lugar de satisfação pulsional, lugar do sujeito, no fantasma, é forjado como trono do Outro, conferindo ao gozo um aspecto fantasmado, como gozo do Outro. Portanto, numa análise, “fazer com que o sujeito se reencontre no fantasma é efetivamente não reencontrar-se como sujeito no desejo” (Leguil, 1993, p.27), pois o desejo é sempre desejo do Outro. Isto é tamponado no fantasma pelo fato de que “o desejo é uma relação de ser com falta. Esta falta é falta de ser, propriamente falando. Não é falta disto ou daquilo, porém falta de ser através do que o ser existe” (Lacan, 1954/1985, p.280). Por isto,

“A fantasia é a sustentação do desejo, não é o objeto que é a sustentação do desejo. O sujeito se sustenta como desejante em relação a um conjunto significante cada vez bem mais complexo. Isto se vê bem na forma de enredo que esse conjunto toma, onde o sujeito, mais ou menos reconhecível, está em algum lugar, esquizado, dividido, habitualmente duplo, em sua relação a esse objeto que o mais freqüentemente não mostra mais seu verdadeiro rosto” (Lacan, 1964/1985, p.175)

Se na neurose o desejo se sustenta na fantasia, de modo a escamotear a falta, o objeto *a* como sua verdadeira causa, conseqüentemente imputando a satisfação pulsional ao Outro, numa inversão absoluta que se poderia enunciar como “o desejo é meu e o gozo é do Outro”, é na medida em que

“O objeto da pulsão, o objeto real – o objeto *a* – é um objeto imaterial. Melhor dizendo: é de uma materialidade que não admite a ingênua redução da consistência ao estatuto de um objeto concreto [...]. É que o objeto da pulsão, o objeto real – objeto *a* – é uma experiência de satisfação em torno da qual estruturou-se o circuito da pulsão. Entretanto, é uma experiência de satisfação que carece de correlato substancial. Ou melhor, carece de substrato. Sua única substância é a satisfação havida, realizada, passada e acumulada [...] É o mais-degozo. Um ‘mais’ que, enquanto tal, enquanto registro de gozo, causa efeitos que se inscrevem na dimensão significante. A causa é

material, já dissemos. Portanto, o efeito decanta-se como a matéria significante” (Cabas, 2009, p.215).

O fantasma, portanto, “porta em si o testemunho, ainda muito visível, dos elementos significantes da palavra articulada no nível desse transobjeto, se podemos dizê-lo, que é o grande Outro” (Lacan, 1956/1995, p.120). Deste modo, comporta “o lugar onde se articula a palavra inconsciente, o S na medida em que é palavra, história, memória, estrutura articulada” (Lacan, 1956/1995, p.120). E se $\$ \leftrightarrow a$ apresenta “a singular junção que a montagem fantasmática realiza quando enoda a apetência de desfrute – da pulsão - com o desejo inconsciente – simbólico” (Cabas, 2009, p.92); a análise visa fazer isto bascular para $a \rightarrow \$$, onde o sujeito se revela determinado pelo objeto-causa. O fantasma promove uma soldadura entre a pulsão e o objeto – um objeto prototípico, fantasmado - já que “o objeto da pulsão fixa o núcleo do fantasma, modula seu enunciado, opera nas bordas do circuito pulsional e, finalmente, irrompe na realidade provocando uma série de efeitos” (Cabas, 2009, p.186). A travessia do fantasma visa “a ruptura da conjunção do sujeito com o objeto a e o correlato desatrelamento da posição subjetiva” (Cabas, 2009, p.228), devolvendo a plasticidade pulsional. Este desatrelamento, no entanto, tem seus custos. Pois “o objeto a é algo de que o sujeito, para se constituir, se separou como órgão. Isso vale como símbolo da falta, quer dizer, do falo, não como tal, mas como fazendo falta” (Lacan, 1964/1985, p.101), e o que se revela é a fonte da pulsão como um nada, um lugar vazio que corresponde à causa material do sujeito. E é o encontro com este lugar que a neurose busca evitar,

“Até porque quando esse encontro acontece [...] o saldo se resume a uma sucessão de efeitos clínicos que evocam um despojamento. Queda das identificações, perda dos ideais correspondentes, esvanecimento das satisfações imaginárias, dissolução parcial do gozo inefável correlato, etc. Série de efeitos clínicos que agrupamos sob o título de ‘destituição subjetiva’ e que correspondem ao encontro do analisante com a ausência de suportes da sua verdade, a vacuidade do seu discurso e – mais decisivo ainda – a descoberta de ter como base esse furo real, esse nada-de-substância” (Cabas, 2009, p.225).

Portanto, é para evitar a destituição subjetiva, este encontro radical com a castração, que os mecanismos defensivos, as alterações no Eu, se sustentam, e encontram seu ápice no fantasma, como um garante do Eu e

reduto narcísico. O fantasma, portanto, ao veicular as aspirações narcísicas em profunda conciliação com as tendências masoquistas e da pulsão de morte, atua como uma superestrutura de rechaço à feminilidade, à castração, ao imputar a consistência do enredo narcísico às fixações pulsionais. O fantasma fundamental, deste modo, eleva-se como um dos maiores avatares à clínica analítica por aliar, nesta montagem, as resistências do Eu e do Isso, na soma dos obstáculos implicados nas alterações do Eu e no fator quantitativo das pulsões.

5. CONCLUSÃO

Nos dois últimos capítulos desta dissertação retomamos nos escritos freudianos razões que elucidavam porque o autor postulava, em *Análise terminável e interminável* (1937), que os grandes obstáculos analíticos seriam o fator quantitativo das pulsões e as alterações no Eu. Historizamos, por meio dos textos freudianos e lacanianos, a origem destes avatares na clínica e na doutrina psicanalítica, encontrando pontos de conjunção em que estes dois obstáculos somam-se e atuam, sob os domínios da pulsão de morte, como as maiores resistências encontradas numa análise; posto que o que se almeja é “o tratamento do conflito entre a defesa subjetiva e a exigência pulsional pelo recalque. É isso que se trata de corrigir numa análise” (Soler, 1993/1995, p.55).

Convém agora, no momento de concluir, retomar as duas propostas, encontradas no referido texto, que Freud estabelece como meios de superar estes entraves e que possibilitariam aceder à cura radical que ambicionava. Isolamos as seguintes passagens, em que o autor prevê um “amansamento” (Freud, 1937/2006, p.240) da pulsão, e acentua não se tratar de extinguir as exigências pulsionais ou de erradicar o gozo - posto que, como vimos, o objeto da pulsão é a causa de desejo. Numa cura, portanto, a pulsão deve ser colocada “completamente em harmonia com o ego [...] e não mais busca seguir seu independente caminho para a satisfação” (Freud, 1937/2006, p.240-1). Para Freud, os meios pelos quais este amansamento ocorreria não eram claros, mas adenda: “temos apenas uma única pista para começar – embora seja uma pista do mais alto valor – a saber, a antítese entre o processo primário e o secundário” (Freud, 1937/2006, p.241).

Ou seja, o apontamento de Freud indica como “pista”, para a visada de um amansamento da pulsão, o processo de vinculação da energia livre, do caos pulsional, em uma catexia quiescente – isto é, uma transmutação, pela via simbólica, pela via da palavra, desta satisfação silenciosa da pulsão de morte, pura potência dispersa. Compreendemos, assim, que se trataria de um “amansamento”⁴⁰ do instinto de morte pela libido” (Freud, 1924/2006, p.181).

⁴⁰ “*Domesticación*” (Freud, 1937/1975, p.3345), na versão castelhana. De acordo com o tradutor, L. Ballasteros, no original alemão, “*Bändigung* para describir la acción por la que la

Libido, na medida em que esta é a matéria mesma da pulsão de vida, a tendência ao laço que “se esforça por combinar o que existe em unidades cada vez maiores” (Freud, 1937/2006, p.262-3). Poderíamos, então, compreender o amansamento como uma espécie de tratamento da pulsão pela palavra. Amansamento que a análise propõe ao operar com a associação livre, em que, numa visada de tratamento do real pelo simbólico, objetiva, pela via da palavra, bordejar, cernir, em algo, o indizível da pulsão.

Também registamos de *Análise terminável e interminável* a sentença que determina que “a façanha real da terapia analítica seria a subsequente correção do processo original de repressão, correção que põe fim à dominância do fator quantitativo” (1937/2006, p.243) e que, por conseqüência, seria a base deste requerido amansamento pulsional. Vimos que esta correção incide sobre uma espécie de “revisão” do recalque original, já que, segundo Freud, é impossível suprimir a divisão. O fato é que,

“no fim, o sujeito permanece dividido. Se não é possível, após uma psicanálise, apagar a barra que o divide, por que uma análise? Há benefícios: não somente os terapêuticos que nos dão a certeza que algo real está em jogo em uma análise, mas os que se referem à aquisição de um saber. Esta possibilidade conduz a uma modificação na sua posição o que faz com que o sujeito que sai de uma análise não é idêntico ao sujeito do início” (Perez, 1988, p.51)

Esta aquisição de um saber reflete-se no que Freud escreve quando afirma que a análise “capacita o ego, que atingiu maior maturidade e força, a empreender uma revisão dessas antigas repressões” (Freud, 1937/2006, p.243). E neste trabalho, “algumas são demolidas, ao passo que outras são identificadas⁴¹, mas construídas de novo, a partir de material mais sólido” (Freud, 1937/2006, p.243). Desta forma, o reconhecimento do recalque implica um efeito analítico de aquisição de saber sobre o conteúdo pulsional anteriormente ignorado, uma aquisição de saber sobre a própria posição de satisfação. Portanto, a revisão do recalque remete a uma responsabilização do

libido puede convertir en innocuo el instinto de muerte” (1937/1975, p.3345). Temos que “*Bänd*: Corresponde ao substantivo *Band*, que significa bandagem, cordão, banda, correia, fita etc, - (*ig*)*ung*: sufixo de substantivação semelhante a “-ção”. Isoladamente –*ig* é um sufixo de adjetivação” (Hannz, 1996, p.183). Seus significados remetem a acalmar, refrear e “saber manusear, conhecer muito bem o funcionamento” (Hannz, 1996, p.185).

⁴¹ “*reconocidas*” (Freud, 1937/1975, p.3347), na versão castelhana.

posicionamento do sujeito frente ao elemento pulsional reconhecido que se reverte em consentimento ou recusa.

É importante ressaltar que, neste ponto, quando Freud fala em um ego maduro e fortalecido, concluímos, nos fundamentos de sua teoria, que longe de uma apologia a um Eu forte, encrudecido em suas defesas, se trataria, sim, do ganho de mobilidade, pela queda de seus traços patológicos, identificações, sintomas e inibições. Em análise, revisar estas alterações, estas defesas e pontos de recalque, ao limite do recalque primário, da identificação primeira, é o que conferiria ao Eu uma maior capacidade de se haver com os conteúdos pulsionais. Sua maior força e maturidade, portanto, não procedem de outro lugar que não do ganho de saber que a análise promove. Portanto, da máxima freudiana *lá onde isso era, eu devo advir*, entendemos que “lá onde estava, o *Ich* - o sujeito, não a psicologia – o sujeito deve advir” (Lacan, 1964/1985, p.48). E, desta forma, a correção do recalque, diferentemente de uma atribuição de juízo pautada na moral superegóica, converte-se numa posição ética. Nisto, a cura “implica um efeito epistêmico – o não percebido foi desvelado – e em uma modificação do *Ich*” (Soler, 1993/1995, p.48), o que promove uma mudança basal, epistêmica, na qualidade deste Eu – um novo sujeito, posto que segundo Freud, “é precisamente a reivindicação de nossa teoria o fato de que a análise produz um estado que nunca surge espontaneamente no ego” (Freud, 1937/2006, p.242). E acrescenta, afirmando que “esse estado recentemente criado constitui a diferença essencial entre uma pessoa que foi analisada e outra que não o foi” (Freud, 1937/2006, p.242).

Trata-se, portanto, de que no levantamento dos recalques, e em direção ao recalque original que subjaz como base das formações sintomáticas e do próprio fantasma, é necessário que as determinações inconscientes se tenham elucidado, que se julgue “que foi tornado consciente tanto material reprimido, que foi explicada tanta coisa ininteligível, que foram vencidas tantas resistências internas, que não há necessidade de temer uma repetição do processo patológico em apreço” (Freud, 1937/2006, p.235), em outros termos, que “o inconsciente tenha dito por quê – é uma expressão de Lacan -, que tenha dado uma resposta não da ordem do indizível” (Soler, 1993/1995, p.43-4). Para que isso ocorra pressupõe-se uma retificação na posição subjetiva - que Outro saber possa advir no lugar das certezas do campo do Ideal e do

Supereu – e isto se dá quando a supressão do recalque recai sobre a admissão da pulsão nele implicada. Portanto, quando o inconsciente revela suas determinações, a posição do sujeito muda. Modifica-se frente à própria satisfação, o que revela um atrelamento entre o fator quantitativo e as alterações no Eu, posto que estas implicam-se mutuamente. Desta forma, o levantamento do recalque incide sobre o fator quantitativo e o regime de gozo no que gera aí a produção de um saber, uma vez que “saber o que visa a pulsão é muito diferente de encontrar, cegamente, sua visada” (Costa, 2010, p.129). Mas então Lacan coloca a questão:

“depois da distinção do sujeito em relação ao *a*, a experiência da fantasia fundamental se torna a pulsão. O que se torna então aquele que passou pela experiência dessa relação, opaca na origem, à pulsão? Como, um sujeito que atravessou a fantasia radical, pode viver a pulsão? Isto é o mais-além da análise, e jamais foi abordado” (Lacan, 1964/1985, p.258).

No fim de análise, Freud pressupõe o reconhecimento dos recalques ao seu limite, no tocante ao recalque primário. Reconhecer o recalque, mais além, consiste em responsabilizar-se pela satisfação pulsional, no que esta é admitida, nomeada. Isto gera conseqüências no gozo, uma vez que Freud afirma que aquilo que é inconsciente detém poderes de maior alcance sobre o psiquismo, pois ramifica-se, espalha-se, prolifera-se no aparelho e determina as escolhas conscientes. Portanto, a passagem ao processo secundário desta satisfação gera um desequilíbrio em sua economia fantasmática, que já não se pode mais se sustentar como tal, em gozar de não saber. É por tanto que

“Freud diz que o elemento gozo acaba caindo no golpe de uma decisão ou de algo semelhante. [...] é uma decisão, evidentemente, da ordem da obscura decisão do ser. Mas enfim, que é em todo caso uma decisão, já que num caso recalque destruído quer dizer elemento pulsional admitido” (Soler, 1993/1995, p.57-8).

Ou seja, o levantamento do recalque e o reconhecimento da satisfação em jogo pressupõem, sempre, um luto narcísico, um luto pelo Eu que aí se sustentava; o que resulta numa nova posição subjetiva. Tem-se com isso a revelação de “um sujeito tão novo quanto é fruto da subversão das satisfações” (Cabas, 1988, p.57). Desta forma,

“o sujeito pode se consagrar ao gozo que não é impossível. Pode, outrossim, recusá-lo. Lacan disse, em outras ocasiões, que podemos não querer nos satisfazer. Querer não desejar é impossível por já ser este um desejo, mas para querer não gozar, o sujeito é livre. Por isso, não estaríamos de acordo, se alguém considerasse que um sujeito, no fim de sua análise, tivesse cercado o gozo que o perturbava, que o fascinava, que o cativava, que o atentava, que o atirava, e tivesse dito que não o queria, e se pudesse considerar esse um fim de análise aceitável. O fim de análise não proclama que o gozo antes recusado tenha de passar para a prática, contrariamente a certos ecos, que algumas vezes escutamos...” (Soler, 1993/1995, p.59)

A travessia do fantasma tem este ponto de visada, de um encontro com o real, com a causa pulsional, com o que resta para-além do significante. E se Freud visava tocar o recalque original e dizia que, neste ponto, no para-além do significante, não se pode esperar do paciente esforços de rememoração é porque convém situar que “aquilo que podemos nos lembrar é o que se pode nomear, não recordamos outra coisa senão o significante. Quando nos lembramos de algo que não o significante, isto é um traumatismo” (Leguil, 1993, p.22). Ou seja, no tocante ao recalque original, trata-se de um limite ao simbólico, o encontro do sujeito com o real que o determina, e é isso o que confere à destituição subjetiva o valor de um traumatismo⁴².

“O ponto mais delicado desse assunto é fazer com que este traumatismo não seja traumático⁴³, e a cura analítica consiste em preparar lenta e prudentemente o sujeito para isso. É necessário preparar o sujeito para que sua destituição seja de sua própria responsabilidade, e para isso é necessário irmos limpando, lentamente, o terreno do Outro. Como escreve Lacan no discurso analítico: é necessário fazer cair, um por um, os significantes-mestres [...] perceber que este Outro também era um fantasma. A tarefa do analista é fazer com que o sujeito possa ir neste caminho, lentamente, por si próprio. Que ele vá, lentamente, com seus próprios passos, para este autotraumatismo” (Leguil, 1993, p.21).

É por isso que podemos identificar a travessia do fantasma à assunção da castração, e, portanto, numa análise “todo o trabalho conduz para a construção do fantasma, para esse momento de resposta onde se desnuda a peculiar relação do sujeito com sua satisfação, com seu sofrimento, como o modo particular de regradar o desejo” (Perez, 1988, p.53). Observa-se, portanto, que este trabalho de construção e travessia requer certos cuidados, há de se

⁴² “*Troumatisme*” – como refere Lacan, num trocadilho que remete ao buraco, *trou*.

⁴³ Como na passagem ao ato.

preparar o analisante para a destituição subjetiva, para que este encontro com a castração não seja apenas siderante.

Freud inicia seu texto *Análise terminável e interminável* (1937) afirmando que uma análise é algo que “consome tempo” (Freud, 1937/2006, p.231). Isto porque o alcance das exigências de retificações requeridas numa cura faz necessário “*recolocar cem vezes nosso trabalho no tear*, para que certos progressos, franqueamentos subjetivos, sejam realizados” (Lacan, 1953/1986, p.247). Este consiste num trabalho paulatino em que se trata de remontar à perda para se aceder à falta – da perda do Eu, perda do objeto e perda de gozo, à falta-a-ser – e nisto “o luto consiste em identificar a perda real, peça por peça, pedaço por pedaço, signo por signo, elemento grande I por elemento grande I, até o esgotamento” (Lacan, 1960/1992, p.379-380), até a assunção da castração. E, se a queda dos ideais é exigida,

“aqui um outro luto se impõe. É o luto do Outro. Se em um primeiro momento é necessário abandonar o ninho narcísico, agora é preciso abandonar o Outro. Este Outro que fora feito sob medida para esperar que dele viesse isso que pode complementá-lo, isso que pode resolver, ou ainda esse Outro do qual há que se defender, esse Outro – repito – deve ser destituído” (Perez, 1988, p.52).

É por isso que a travessia do fantasma “é a operação que desvenda a vaidade dos assentamentos – sejam eles ideais ou simbólicos – e reduz o sujeito a não ser mais que uma posição, um ponto face ao objeto da pulsão” (Cabas, 2009, p.186). Pois, quando o Outro perde a consistência de garantia, de referência para o assentamento do ser, aqui o analisante encontra o finito de uma análise, pois pode subjetivar seu destino, que estava atrelado às amarras deste Outro fantasmado, abdicar de sua posição de objeto fálico, consentindo com a feminilidade. Segundo Freud, este trabalho de elaboração em análise é executado “com grande dispêndio de tempo e de energia catexial, prolongando-se psiquicamente, nesse meio tempo, a existência do objeto perdido” (Freud, 1917/2006g, p.251). Para que, então, “cada uma das lembranças e expectativas isoladas através das quais a libido está vinculada ao objeto seja evocada e hipercatexizada, e o desligamento da libido se realize em relação a cada uma delas” (Freud, 1917/2006g, p.251).

Por isto, poderíamos afirmar que o tempo da análise é o tempo de um luto. Um luto por aquilo que se fez ser para o Outro, um luto por esta satisfação numa posição fálica. Somente assim a castração pode advir como uma benesse e não como horror. Pois, esta elaboração⁴⁴, “consiste em voltar o tempo todo à mesma coisa, que em todas as viradas se é levado para o mesmo troço, e isso precisa durar, para chegar justamente [...] ao limite, ao término, quando se vai pelo caminho certo, naturalmente” (Lacan, 1968/2008, p.161). É por isso que Freud afirma que, “quando o trabalho do luto se conclui, o ego fica outra vez livre e desinibido” (Freud, 1917/2006g, p. 251). Aí, trata-se de um novo Eu, um novo estado psíquico, nos termos de Freud; porque “o sujeito muda, e porque o sujeito muda o mundo se faz diferente, já que a queda dos ideais termina por mudar as coordenadas da realidade que o fantasma sustentava” (Montero, 2011, p.269).

Se, em *Análise terminável e interminável* (1937), Freud afirmava que um dos signos do fim de uma análise era o fato de que “não se pode esperar que nenhuma mudança ulterior se realize neste [analísante], caso sua análise venha a ser continuada” (Freud, 1937/2006, p.235), é porque esta mudança - neste nível, neste ponto face à pulsão - é radical: “a destituição subjetiva é absoluta. Não se trata de que o sujeito não possa ter mais sintomas na vida, mas que se encontrou com o incurável de sua divisão subjetiva” (Montero, 2011, p.270). Encontrou-se com o real que o causa: encontrou-se com a pulsão - da qual não se cura. Este encontro marca a passagem do finito ao infinito de uma análise, na medida em que este resto causa e impele. E se a cura não modifica a premência pulsional, possibilita, no entanto, um novo modo de tratamento, já que o sujeito não é mais o mesmo. Frente a isso,

“a análise terá realizado seu intuito se fornecer àquele que aprende uma convicção firme na existência do inconsciente, se o capacitar, quando o material reprimido surge, a perceber em si mesmo coisas que de outra maneira seriam inacreditáveis para ele” (Freud, 1937/2006, p.265).

Em outras palavras, a análise alcançará seus objetivos se, frente à incidência do real, permitir que a confiança no inconsciente permita tratá-lo pelo

⁴⁴ De acordo com Lacan, “como não existe em francês uma palavra que signifique *trabalho através, perfuração*, traduziu-se o termo por *elaboração*” (Lacan, 1968/2008, p.161).

simbólico e não pelas estratégias imaginárias e fantasmáticas a que o Eu se agarra. É por isso que

“a destituição subjetiva é essa espécie de decisão forçada que o desejo realiza na pulsão no caminho da sublimação. [...] Frente à pulsão, aí onde o Outro não existe, resta essa *obscura decisão do ser*: dizer *sim, quero isso*, ou *não quero isso*, mas não há liberdade...somente pode se apostar a um *sim quero...admirar aí onde isso era*. Daí a ética analisante. Então, a cura da neurose avança do pai ao pior, da palavra à pulsão” (Montero, 2011, p.270).

Evocamos aqui a sentença de Lacan, “do que perdura de perda pura ao que só aposta do pai ao pior” (Lacan, 1973/2003a, p.543): um percurso em análise que leva do simbólico ao real. Da palavra à pulsão. Do Eu à falta-a-ser, em que a identificação primeira “denuncia e inicia uma aposta ‘do pai ao pior’, pois aí, na barra do sujeito submetido e suposto à lei do significante, se inscreve, sulca-se, o resto, o resíduo, o pior como causa” (Fingermann, 2005, p.37). E neste para além da palavra, “o que perdura de perda pura” é um pior que causa, que mobiliza por deter em seu bojo o objeto *a*, a causa do desejo. Saber-se causado por este vazio de representação por estar face à inexistência do objeto, acarreta em mudanças econômicas, pois,

“admitir o pior em si, vivê-lo através da análise, é o que produz a extirpação da neurose. Que é feita para gozar disso, gozar desse não saber disfarçado no medo, na angústia, na inibição, no sintoma. A cura é fazer outra coisa com isso. Após a travessia do fantasma, uma maneira possível de viver a pulsão talvez seja que algo dela tome o destino da sublimação. Elevando a falta de objeto à dignidade de Coisa. Pois não se trata de eliminar o gozo, a pulsão, já que ela é solo do enraizamento do sujeito e do desejo. Trata-se de reconhecer, de saber o que se busca enquanto satisfação, o que não é o mesmo que buscar a satisfação. É querer fazer entrar uma satisfação vivível pelo significante, anunciando o desejo. Desejo reconciliado com uma versão desfrutável da pulsão, pois sublimada, sem envolver a repressão” (Pinto, 2011, p.274)

Se dissemos que a análise é uma direção que leva do pai ao pior, do simbólico ao real, afirmamos, deste modo, que “a causa, portanto, sempre surge em correlação com o fato de que algo é posto em consideração no conhecimento” (Lacan, 1962/2005, p.239). O desejo é o motor desta função, como o que Freud identificava, já em seus primeiros escritos, como uma “pulsão de saber ou de investigar” (Freud, 1905/2006, p.183) – desejo de

saber, segundo Lacan. E neste movimento de tornar consciente o inconsciente, temos, inversamente, que “a causa é a sombra ou a contrapartida daquilo que é um ponto cego na função do conhecimento” (Lacan, 1962/2005, p.239) – pois é justamente o real o que faz obstáculo, resistência ao simbólico. É por isso que “saber alguma coisa em nossa própria mente não é o mesmo que ouvi-la de alguém de fora” (Freud, 1916/2006, p.326). Numa análise, portanto, “esse sentido não lhe deve ser revelado, deve ser assumido por ele [analisante]” (Lacan, 1953/1986, p.45). É por isso que “a transformação do sujeito nas suas relações com o gozo é, freqüentemente, uma transformação do sujeito nas suas relações com o saber” (Leguil, 1993, p.54).

Quando aqui falamos em ganho de saber, há de se distingui-lo do saber com que a neurose se blinda no intento de extinguir com ele as exigências pulsionais. Novamente, não se trata de uma ampliação da consciência pela psicologia do Eu, tampouco se trata de fortificar os Ideais. O saber que se produz numa análise, o saber analisante, é de Outra ordem, um saber que a neurose evita com o horror à verdade que está em seu seio. E por isto na neurose há ignorância – ignorância do desejo, da causa que habita - é uma “paixão do ser” (Lacan, 1966/1998c, p.360), pois vela o narcisismo no recalque desta verdade. E se Freud afirma que “o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade” (Freud, 1937/2006, p.265) onde não se cura porque se lembra, mas que se lembra porque se cura, ao permitir o acesso a este saber, é porque “a falta de esquecimento é a mesma coisa que a falta a ser, pois ser nada mais é do que esquecer” (Lacan, 1969/1992, p.49). A partir daí, “o amor à verdade é o amor a essa fragilidade cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde, e que se chama castração” (Lacan, 1969/1992, p.49). E se “a castração significa que é preciso que o gozo seja recusado, para que possa ser atingido na escala invertida da Lei do desejo” (Lacan, 1966/1998f, p.841) é o que podemos entender como uma nova forma de satisfação, uma satisfação ligada ao desejo e não ao fantasma. Pois “o desejo é a metonímia da falta-a-ser” (Lacan, 1966/1998, p.629) e “só faz sujeitar o que a análise subjetiva” (Lacan, 1966/1998, p.629) - da pulsão de morte. Neste ponto, “Freud desenvolve aí sua sublimação referente ao instinto de morte, dado que essa sublimação é fundamentalmente criacionista” (Lacan, 1959/1988, p.261). Aqui, a pulsão de morte é “igualmente vontade de criação a

partir de nada, vontade de recomeçar” (Lacan, 1959/1988, p.260). De acordo com Lacan,

“na definição da sublimação como satisfação sem recalque há, implícito ou explícito, passagem do não-saber ao saber, reconhecimento disto, que o desejo nada mais é do que a metonímia do discurso da demanda. É a mudança como tal. Insisto – essa relação propriamente metonímica de um significante ao outro que chamamos de desejo, não é o novo objeto, nem o objeto anterior, é a própria mudança de objeto em si” (Lacan, 1959/1988, p.352).

No fim de análise, frente à incidência do desejo, a pulsão pode ser “vontade de recomeçar com novos custos. Vontade de Outra-coisa, na medida em que tudo pode ser posto em causa a partir da função do significante” (Lacan, 1959/1988, p.259). A sublimação, de acordo com Lacan, (1959), apresenta uma economia distinta daquela em que habitualmente a pulsão se satisfaz quando recalcada, por vias substitutivas. Trata-se de uma relação com o “*das Ding* como tal, com a Coisa dado que ela é distinta do objeto” (Lacan, 1959/1988, p.140). É deste encontro com o objeto causa do desejo, objeto que a pulsão contorna e funda que sobrevém: “a fórmula mais geral que lhes dou da sublimação é esta – ela eleva um objeto [...] à dignidade da Coisa” (Lacan, 1959/1988, p.140-1).

Retomemos, então, a discussão posta por Freud sobre a terminabilidade de uma análise para relançá-la sob a perspectiva de um “fim exigível” (Soler, 1988/2007, p.8). No que uma análise encontra seu fim ao projetar-se a um infinito,

“contamos com que os estímulos que recebeu em sua própria análise não cessem quando esta termina, com que os processos de remodelamento do ego prossigam espontaneamente no indivíduo analisado, e com que se faça uso de todas as experiências subsequêntes nesse recém adquirido sentido. Isto de fato acontece e, na medida em que acontece, qualifica o indivíduo analisado para ser, ele próprio analista” (Freud, 1937/2006, p.265).

Segundo Lacan, “o término da análise, o verdadeiro, [...] aquele que prepara a tornar analista” (Lacan, 1959/1988, p.364), deve confrontar o analisante “à realidade da condição humana” (Lacan, 1959/1988, p.364), e, para tanto, pergunta-se “como o homem, isto é, um vivente, pode aceder ao conhecimento desse instinto de morte, de sua própria relação com a morte”

(Lacan, 1959/1988, p.354), concluindo que tal feito só pode se dar “pela virtude do significante e sob a forma mais radical. É no significante, e uma vez que o sujeito articula uma cadeia significante, que ele sente de perto, que ele pode faltar à cadeia do que ele é” (Lacan, 1959/1988, p.354).

Segundo Lacan, “a análise didática não pode servir para outra coisa senão para levá-lo a esse ponto que designo em minha álgebra como o desejo do analista” (Lacan, 1964/1985, p.17), sendo que “o desejo do analista não é um desejo puro. É um desejo de obter a diferença absoluta, aquela que intervém quando, confrontado com o significante primordial, o sujeito vem, pela primeira vez, à posição de se assujeitar a ele” (Lacan, 1964/1985, p.260). De encontrar na sua história aquilo que se fez ser, determinado por um significante-mestre.

É o que leva o autor a afirmar que “o analista só se autoriza de si mesmo” (Lacan, 1973/2003, p.311), mas adenda que “autorizar-se não é autoriz(ual)izar-se” (Lacan, 1973/2003, p.312), no que autorizar-se de si mesmo é assentar esta autorização no âmago deste desejo, que não é conhecido antes de uma análise e, portanto, não poderia advir de qualquer espécie de ritualização particular. E, no fim de uma análise, “se ele não é levado ao entusiasmo, é bem possível que tenha havido análise, mas analista, nenhuma chance” (Lacan, 1973/2003, p.313). Entusiasmo que se diferencia de uma *Euforia*, e que só pode existir quando, ao fim de uma análise se tem “o prestígio de um único mestre: a morte, para que a vida que se deve guiar através de tantos destinos, nos seja amiga” (Lacan, 1966/1998c, p.351).

Uma análise, portanto, a verdadeira, a didática, como nomeia Freud, aquela que leva a seu último termo o desejo de saber lançando a função analisante a sua permanência infinita, e que, assim, habilita ao exercício da função analista, advém da superação do “repúdio à feminilidade” (Freud, 1937/2006, p.268) pelo amansamento da pulsão de morte, do imperativo do fator quantitativo, a partir da correção do recalque original, na queda das patologias do Eu, para o advento de um novo sujeito.

REFERÊNCIAS

- Barra, R. (2010). Informe sobre o fantasma. In *Escola da Coisa Freudiana, Cadernos no 1. I Congresso, A psicanálise hoje – Scilicet* (Eliane Maria de Lara, coord., pp.147 - 155) Curitiba: Juruá.
- Cabas, A. (1988). A psicanálise: uma prática da subversão do gozo. In *Atas da Coisa, n2, órgão de divulgação de cartéis em Coisa Freudiana*. (pp.57-59). Curitiba: Coisa Freudiana, transmissão em psicanálise.
- Cabas, A. (2009) O sujeito na psicanálise de Freud à Lacan: da questão do sujeito ao sujeito em questão. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Cabas, A. (2010). Traduzindo Lacan – problemas e impasses. In *Escola da Coisa Freudiana Cadernos no. 0 Da fundação*. (Eliane Maria de Lara, coord., pp.51-60). Curitiba: Juruá. (trabalho original publicado em 2008)
- Clastres, G. (1994). Letras da Coisa 13, sobre a Proposição de 9 de Outubro de 1967. Curitiba: Associação Coisa Freudiana Transmissão em Psicanálise.
- Costa, A. (2010). Análise terminável e interminável: sobre a demanda. In *Escola da Coisa Freudiana, Cadernos no 1. I Congresso, A psicanálise hoje – Scilicet* (Eliane Maria de Lara, coord., pp.127 - 130) Curitiba: Juruá.
- Federn, E. & Nunberg, H. (1979). Actas de la Sociedad Psicoanalítica de Viena: las reuniones de los miercoles (1906-1908). (Inés Pardal, trad.). Buenos Aires: Nueva Visión.
- Fingermann, D. (2005). Por causa do pior. São Paulo: Iluminuras.
- Freud, S. (1975). Analisis terminable e interminable. In *Obras completas de Sigmund Freud* (Ballesteros, trad., Vol.3, pp.3341-3364). Madrid: Biblioteca Nueva. (trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (2006). Extratos dos documentos dirigidos à Fliess. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp. 219 - 334). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)
- Freud, S. (2006). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 1, pp.346-454). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950)
- Freud, S., Breuer, J. (2006). Estudos sobre a histeria. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 2, pp. 13 - 318). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1893)
- Freud, S. (2006). O método psicanalítico de Freud. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 234 - 240). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1904)
- Freud, S. (2006). Sobre a psicoterapia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 242 - 254). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)

- Freud, S. (2006). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 7, pp. 117 - 231). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (2006). Caráter e erotismo anal. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 159 - 164). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2006a). Escritores criativos e devaneios. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 135 - 143). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2006b). Fantasia histérica e sua relação com a bissexualidade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 9, pp. 149 - 154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Freud, S. (2006). Cinco lições de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 16 - 65). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2006a). Dois exemplos de fantasias patogênicas reveladas pelos próprios pacientes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 11, pp. 247 - 248). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Freud, S. (2006). Recomendações aos médicos. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 121 - 133). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2006a). Tipos de desencadeamento da neurose. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 249 - 255). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (2006). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 81 - 111). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006a). Recordar, repetir e elaborar. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 12, pp. 163 - 171). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006a). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 115 - 144). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2006b). Repressão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 151 - 162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2006). Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de*

- Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 324 - 348). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916)
- Freud, S. (2006a). Conferência XXVI A teoria da libido e o narcisismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.16, pp. 413 - 431). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006b). Conferência XVIII Fixação em traumas – o inconsciente. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.16, pp. 281-292). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006c). Conferência XXII Algumas idéias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.16, pp. 343 - 360). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006d). Conferência XIX Resistência e repressão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.16, pp. 293 - 308). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006f). Conferência XXIII Os Caminhos da Formação dos Sintomas. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.16, pp. 361 - 378). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006g). Conferência XXVIII A terapia analítica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol.16, pp. 242 - 254). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006g). Luto e melancolia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2006). 'Uma criança é espancada' uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 17, pp. 195-218). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2006). Além do princípio de prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 17-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (2006). Psicologia de grupo e análise do ego. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 18, pp. 79-154). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2006). O ego e o id. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 15-122). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- Freud, S. (2006). Uma breve descrição da psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 212-234). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)

- Freud, S. (2006a). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 19, pp. 177-190). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (2006). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 15-63). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (2006). Conferência XXXI A dissecção da personalidade psíquica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 22, pp. 63-84). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Freud, S. (2006). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 231 - 270). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)
- Freud, S. (2006). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp.13 - 161). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1939)
- Freud, S. (2006). A divisão do ego no processo de defesa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 305 - 312). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940)
- Hanns, L. (1996). Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (1966). La direction de la cure et les principes de son pouvoir. In J. Lacan, *Écrits* (pp. 585-645). Paris: Le Seuil. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1985). O seminário, livro 02: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Livro 02. (Marie Christine Laznik Penot, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. (trabalho original proferido entre 1954 e 1955).
- Lacan, J. (1985b). O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Livro 11. (M. D. Magno, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido em 1964).
- Lacan, J. (1986). O seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud. (Betty Milan, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido entre 1953 e 1954).
- Lacan, J. (1988). O seminário, livro 7: a ética da psicanálise. Livro 07. (Antonio Quinet, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido entre 1959 e 1960).
- Lacan, J. (1988). Conferencia en Ginebra sobre el síntoma. In: J. Lacan, *Intervenciones y textos 2* (pp.115-144). Buenos Aires : Manantial, 2010. (trabalho original proferido em 1975).
- Lacan, J. (1992). O seminário, livro 8: a transferência. Livro 08 (Dulce Duque Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original proferido entre 1960 e 1961).

- Lacan, J. (1993). O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Livro 17 (Ari Roitman, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original proferido entre 1969 e 1970).
- Lacan, J. (1995). O seminário, livro 4: a relação de objeto. Livro 4. (Dulce Duque Estrada, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original proferido entre 1956 e 1957).
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998a). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp. 461-495). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998b). Do “Trieb” de Freud e do desejo do psicanalista. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp. 865-868). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998c). Variantes do tratamento-padrão. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp.325-364). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998d). Posição do Inconsciente no congresso de Bonneval. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp.843-864). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998e). Kant com Sade. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp.776-803). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998f). Subversão do sujeito e dialética do desejo. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp.807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1998g). A psicanálise e seu ensino. In J. Lacan, *Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp.438-460). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1999). O seminário, livro 5: As formações do inconsciente. Livro 5. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido entre 1957 e 1958).
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In J. Lacan, *Outros Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1967).
- Lacan, J. (2003). Anexos 1. In J. Lacan, *Outros Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp. 570-586). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido em 1967).
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação sobre o psicanalista da escola. In J. Lacan, *Outros Escritos* (Vera Ribeiro, trad., pp. 235-247). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1964).

- Lacan, J. (2003b). A lógica da fantasia. In J, Lacan, *Outros Escritos* (Vera Ribeiro, trad, pp.323-328). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1967).
- Lacan, J. (2003). O ato psicanalítico. In J, Lacan, *Outros Escritos* (Vera Ribeiro, trad, pp.371-379). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1969).
- Lacan, J. (2003). Nota italiana. In J, Lacan, *Outros Escritos* (Vera Ribeiro, trad, pp.311-315). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original publicado em 1973).
- Lacan, J. (2003a). Televisão. In J, Lacan, *Outros Escritos* (Vera Ribeiro, trad, pp.508-543). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido em 1973)
- Lacan, J. (2005). Nomes-do-Pai. (André Telles, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido entre 1953 e 1963).
- Lacan, J. (2005). O seminário, livro 10: A angústia. Livro 10. (Vera Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido entre 1962 e 1963).
- Lacan, J. (2008). O seminário, livro 16: De um Outro ao outro. Livro 16. (Vera Ribeiro, trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (trabalho original proferido entre 1968 e 1969).
- Lacan, J. (seminário inédito). O seminário, livro 13: El objeto del psicoanálisis. Edição interna para uso da Escola da Coisa Freudiana. (trabalho original proferido entre 1965-1966)
- Leguil, F. (1993). A entrada em análise e sua articulação com a saída. (Antonio Godino Cabas, trad.). Bahia: Fórum Iniciativa Escola, delegação brasileira da Associação Mundial de Psicanálise.
- Masotta, O. (1986). Dualidade Pulsional: modelo pulsional. (Claudia Berliner, trad.) Campinas: Papyrus.
- Montero, J. (2010). Do pai como fundamento do inconsciente. In *Escola da Coisa Freudiana, Cadernos no 1. I Congresso, A psicanálise hoje – Scilicet* (Eliane Maria de Lara, coord., pp.167 - 178) Curitiba: Juruá.
- Montero, J. (2011). Efeitos da Cura. In *Cadernos no 2, A ética analisante*. (pp.266-270) Curitiba: Escola da Coisa Freudiana.
- Perez, S. (1988). A subversão do sujeito: uma subversão na clínica. In *Atas da Coisa, n2, órgão de divulgação de cartéis em Coisa Freudiana*. (pp.51-53). Curitiba: Coisa Freudiana, transmissão em psicanálise.
- Pinto, T. (2010). A análise finita e infinita: transfinita. In *Escola da Coisa Freudiana, Cadernos no 1. I Congresso, A psicanálise hoje – Scilicet* (Eliane Maria de Lara, coord., pp.189 - 203) Curitiba: Juruá.
- Pinto, T (2011). A mudança radical: uma vicissitude da pulsão. In *Cadernos no2, A ética analisante*. (pp.271-275) Curitiba: Escola da Coisa Freudiana.
- Soler, C. (1987). O tempo em análise. In *Falo, revista brasileira do campo freudiano*. (Clary Khalifeh, Ivete Villalba, Jorge Forbes e Joyce Chalom, trad. Volume 1, pp.81-91). Salvador: Fator Editora.
- Soler, C. (1995). Variáveis do fim de análise. (Angelina Harari, trad.). Campinas: Papyrus. (trabalho original publicado em 1993).

Soler, C. (2007). Finales de analisis. Buenos Aires: Ediciones Manancial
(trabalho original publicado em 1988).